

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA – PPGECIMA**

MÁRCIA CRISTINA ROCHA PARANHOS

**RELAÇÕES ENTRE HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS E INOVAÇÃO PARA
ALGUNS LICENCIANDOS EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

SÃO CRISTÓVÃO

2017

MÁRCIA CRISTINA ROCHA PARANHOS

**RELAÇÕES ENTRE HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS E INOVAÇÃO PARA
ALGUNS LICENCIANDOS EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

Relatório apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe, para exame de qualificação, como requisito para obtenção do título de mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Orientador: Dr^a Alice Alexandre Pagan

Co-orientadora: Dr^a Yzila Liziane Farias Maia de Araújo

SÃO CRISTÓVÃO

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

P223r Paranhos, Márcia Cristina Rocha
Relações entre habilidades socioemocionais e inovação para alguns licenciados em ciências biológicas / Márcia Cristina Rocha Paranhos; orientador Alice Alexandre Pagan. – São Cristóvão, 2017.
149 f. ; il.

Dissertação (mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Sergipe, 2017.

1. Ciência. 2. Habilidades sociais. 3. Professores - Formação. 4. Biologia. I. Pagan, Alice Alexandre, orient. II. Título.

CDU: 5:377.8

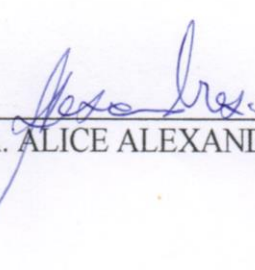


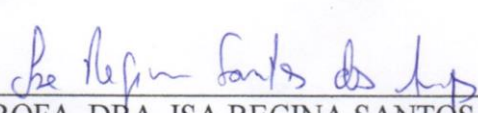
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA - PPGEICIMA



**RELAÇÕES ENTRE HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS E INOVAÇÃO
PARA ALGUNS LICENCIANDOS EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM
17 DE FEVEREIRO DE 2017


PROFA. DRA. ALICE ALEXANDRE PAGAN


PROFA. DRA. ISA REGINA SANTOS DOS ANJOS


PROF. DR. ERIVANILDO LOPES DA SILVA

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Antônio Paranhos e Vânia Rocha, por não medirem esforços para que eu
chegasse até aqui.

A minha irmã, Mayra Paranhos, que se alegrou comigo nas minhas conquistas e chorou
comigo nas minhas tristezas.

Ao meu nAMORado, Luiz Custódio, pela paciência de me aturar nos dias de mau humor e
por embarcar comigo nesse sonho! Essa vitória também é sua!

A professora, orientadora e amiga Alice Pagan, por me ensinar o caminho acadêmico e me
empoderar nos momentos difíceis, você foi simplesmente essencial na minha vida.

A FÉ, que a cada instante reacendia em mim a coragem de superar limites, medos e
incertezas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as bênçãos que tem me concedido. A Ele que sempre esteve e estará comigo!

Ao longo deste processo de aprendizado científico, pessoas e instituições cruzaram o meu caminho e desempenharam um papel fundamental na concretização do mesmo. Expresso aqui o meu reconhecimento e gratidão.

A Universidade Federal de Sergipe - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática que me acolheu durante a realização desta pesquisa.

Aos docentes do programa, em especial, aqueles que marcaram o meu percurso acadêmico, obrigada pelos ensinamentos e discussões.

Aos secretários Flávio e Lene, pelas informações e gentilezas que foram prestadas.

A banca de qualificação e defesa composta pelos professores Drº Erivanildo Lopes da silva e Drª Isa Regina Santos dos Anjos, pelas contribuições e reflexões dadas ao trabalho.

A CAPES pela concessão da bolsa de mestrado no período de julho 2015 a março 2016.

Em especial, um agradecimento à orientadora, Alice Alexandre Pagan, pela liberdade e confiança na execução da pesquisa, pela indiscutível amizade e compreensão em momentos difíceis, pelas orientações estimulantes e pelos conselhos fundamentais para construção desse trabalho, bem como para o meu crescimento acadêmico, pessoal e profissional. Muitíssimo obrigada!

Agradeço a co-orientadora Yzila Liziane Farias Maia de Araújo, pelas orientações prestadas, pela realização do evento que culminou no ponto de partida dessa pesquisa, pela parceria e confiança. Obrigada!

Aos profissionais de programação neurolinguística, Ana Paula, Edson, Elaine, Sérgio, Michelle e Sandra que se dispuseram a elaborar e ministrar o minicurso “Desenvolvendo Competências Socioemocionais,” obrigada pela disponibilidade oferecida nesse processo, vocês foram simplesmente essenciais.

Agradeço aos discentes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFS, que se disponibilizaram a participar dessa pesquisa, expressando de forma marcante suas habilidades socioemocionais.

Não poderia deixar de agradecer a quem de alguma forma tentou me manter firme durante essa jornada. Ao meu pai, Antônio Paranhos, obrigada pelos ensinamentos de

generosidade e simplicidade, isso foi fundamental para me tornar “*mais gente*”. A minha mãe, Vania Rocha, pelo amor incondicional, você é minha fortaleza. Amo vocês!

A minha irmã, Mayra Paranhos, por aturar minhas reclamações a respeito da dissertação e minha bagunça de livros e papéis espalhados por toda a casa. Obrigada também, pelas palavras de encorajamento e conforto durante as tensões do processo. Sou e serei eternamente Grata!

Aos meus tios, em especial, Luiz Rocha e a minha avó Letice Vieira, pela inspiração que sempre foram para mim.

A Luiz Custódio, por acreditar em mim mais do que eu mesmo, por suportar minhas ausências tão de perto e minhas presenças tão de longe, você é meu cúmplice nessa jornada e na vida (∞). Grata pelo seu carinho e amor!

Aos companheiros do grupo de estudos Singularidades e Habilidades Socioemocionais – Guilherme, Tayse, Fabrícia, Clécia, Emanuele e Rubiana, obrigada pelos debates e cafés, em especial, a Aline Santana, amiga e companheira desde a realização da prova que culminou no nosso ingresso ao programa até as coletas de dados e discussões. Obrigada

As amigas que construí durante esse processo, em especial: Joana Andrade – pela parceria nas discussões da pesquisa, pelo carinho de me receber em sua casa quando precisava ficar em Aracaju para as aulas de campo; a Samira Pena – por dividir de perto as lamentações, as resenhas, as ideias e o ap; a Elane – por me fazer companhia ao retornar para casa depois das atividades, nossas conversas eram simplesmente as mais desestressantes desse processo; a Erisvaldo Lessa, Kaique Botelho, Teresa Cristina e Maria José – pelos bons cafés; a Aleilson e Gleyson pelos momentos mais descontraídos das aulas de campo; a Camila Cunha e Nirly Araújo – pelas conversas, informações e considerações; a Thisciane Ismerim “a minha palhacinha” (piada interna), pelas inúmeras noites cibernéticas, pelos momentos de jogar conversa fiada, pelas caronas, passeios e congressos da vida. Obrigada pela amizade, guardarei com muito carinho tudo isso; vocês foram e são maravilhosos!

Ao amigo (parceiro) de longas jornadas acadêmicas, José Rafael, obrigada pelas contribuições, por aturar minhas ligações pedindo para ver e/ou ouvir o que tinha escrito, pelos eventos e amizade.

Aos amigos, Arlúcio e Rebeca, pelas palavras sábias e confortantes que me foram dadas durante esse processo, sou imensamente agradecida a Deus pela amizade de vocês.

A querida amiga feminista, Monise Siqueira, pela sua história de vida que simplesmente, é de muita luta e incentivadora, obrigada por fazer parte de minha vida, obrigada pelas conversas estimulantes durante o processo.

Aos queridos parceiros do vôlei de sábado, pelos momentos de descontração e inspiração. Em especial ao grupo “S” (piada interna), vocês são os melhores e contribuíram muito para as análises desse trabalho. Obrigada!

Enfim, a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação e que torcem para e pelo meu sucesso. Muito obrigada!

“Nem tão longe que eu não possa ver
Nem tão perto que eu possa tocar
Nem tão longe que eu não possa crer
Que um dia chego lá
Nem tão perto que eu possa acreditar
Que o dia já chegou”.

Humberto Gessinger - A montanha

RESUMO

O conceito de Habilidades Socioemocionais (HSE) se trata de como o indivíduo consegue refletir sobre suas emoções quando precisa tomar decisões intrapessoais e interpessoais. É, portanto, a capacidade reflexiva de lidar com as emoções e potencializar características ímpares de si nas relações com o outro. No campo educacional, tais habilidades são construídas por uma complexa rede de conhecimentos e comportamentos relacionados ao sucesso ou ao fracasso de um empreendimento, que visa inovar pedagogicamente. Nesse sentido, propomos compreender as relações entre inovação e HSE a partir das falas de alguns graduandos de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Sergipe. O trabalho está organizado em duas fases: na primeira, exploratória, foram identificados alguns casos episódicos, observados em um minicurso que tratava da questão das HSE, do qual participaram alguns alunos dessa licenciatura; em um segundo momento, foram realizadas cinco entrevistas semiestruturadas, gravadas, transcritas e analisadas em três momentos. No primeiro, a partir de cinco categorias estabelecidas à priori, equivalentes aos domínios de personalidade, a saber: 1) abertura a novas experiências, 2) Consciência, 3) Extroversão, 4) Cooperatividade e 5) Estabilidade Emocional. No segundo momento, criamos cinco categorias a posteriori: 1) Inovação: oposição entre conservadorismo e aberturas a mudanças; 2) Inovação como proposta de metodologia escolar; 3) Inovação como proposta de organização de gestão e 4) Inovação como proposta de alteração curricular. Por fim, no terceiro e último momento, buscamos comparar se alunos com determinados indicadores para determinadas HSE, apresentavam que tipo de concepções sobre inovação. Dentre os resultados encontrados, percebemos que durante o minicurso, os discentes expressaram suas HSE ainda que timidamente, uma vez que apresentaram dificuldades em falar de características próprias, internalizando suas emoções. No que se refere às análises das entrevistas, percebemos que a categoria Consciência, conteve maior frequência dos discursos apresentados em relação às outras categorias. Isso remete, portanto, à compreensão de que para os entrevistados, o desenvolvimento de habilidades como responsabilidade, disciplina e organização seria o propulsor do desempenho acadêmico (in) satisfatório, dentro do que é requerido como habilidade técnica, pelo currículo, aos futuros licenciandos. Quando nos referimos às análises das categorias de inovação, percebemos que os discursos estão associados a práticas e metodologias inovadoras, uma vez que foram apresentados com maior frequência na categoria Inovação como metodologia escolar. Ao buscarmos as relações entre as categorias de HSE e inovação, compreendemos que a categoria Consciência se relaciona as inovações metodológicas, já a falta de cooperatividade tende a se relacionar com as barreiras que inibem as inovações. Ao pensarmos na análise por sujeitos, compreendemos que os indivíduos mais equilibrados socioemocionalmente tendem a contribuir em todas as categorias de inovação. Os indivíduos mais cooperativos inovam metodologicamente, enquanto os não abertos a novas experiências e os que mais contribuíram na categoria estabilidade emocional, tendem a encontrar barreiras para que as inovações aconteçam.

Palavras-Chave: Habilidades socioemocionais, Formação de professores de Ciências, Inovação.

ABSTRACT

The concept of Socio-Emotional Skills is about how individuals can reflect on their emotions when they need to make intrapersonal and interpersonal decisions. It is, therefore, the reflexive capacity to deal with the emotions and to potentiate unique characteristics of oneself in the relations with the other. In the educational field, such skills are built by a complex network of knowledge and behaviors related to the success or failure of an enterprise, which aims to innovate pedagogically. In this sense, we propose to understand the relations between innovation and Socio-Emotional Skills from the statements of some undergraduate students of Biological Sciences of the Federal University of Sergipe. The work is organized in two phases: in the first, exploratory, we identified some episodic cases, observed in a mini course that dealt with the issue of Socio-Emotional Skills, in which some students of this degree participated; In a second moment, five semi-structured interviews were recorded, transcribed and analyzed in three moments. In the first, from five categories established a priori, equivalent to the domains of personality, to know: 1) openness to new experiences, 2) Consciousness, 3) Extroversion, 4) Cooperativity and 5) Emotional Stability. In the second moment, we created five categories a posteriori: 1) Innovation: opposition between conservatism and openings to changes; 2) Innovation as a proposal of school methodology; 3) Innovation as a management organization proposal and 4) Innovation as a proposal for curricular change. Finally, in the third and final moment, we tried to compare if students with certain indicators for certain HSE, presented what kind of conceptions about innovation. Among the results, we noticed that during the mini-course, the students expressed their HSE, although shyly, since they presented difficulties in speaking of their own characteristics, internalizing their emotions. Regarding the analysis of the interviews, we noticed that the category Consciousness contained more frequency of the presented discourses in relation to the other categories. This leads, therefore, to the understanding that for the interviewees, the development of skills such as responsibility, discipline and organization would be the driver of satisfactory academic performance, within what is required as a technical skill by the curriculum to future graduates. When we refer to the analysis of innovation categories, we notice that the discourses are associated with innovative practices and methodologies, since they were presented more frequently in the Innovation category as a school methodology. When we look for the relations between the categories of HSE and innovation, we understand that the category of consciousness is related to methodological innovations, and the lack of cooperativity tends to be related to the barriers that inhibit innovations. When we think of the analysis by subjects, we understand that the most socially-balanced individuals tend to contribute to all categories of innovation. More cooperative individuals innovate methodically, while those who are not open to new experiences and those who have contributed most in the emotional stability category tend to find barriers to innovation.

Keywords: Social-emotional skills, Teacher training in science, Innovation

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação entre as habilidades presente na formação profissional e às HSE	32
Quadro 2: Perguntas utilizadas para realizar a dinâmica “O poder da perspectiva positiva.”	49
Quadro 3: Representação das dimensões de HSE.....	52
Quadro 4: Representação das Categorias de Inovação.	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição dos temas por categorias de HSE.....	68
Tabela 2: Distribuição dos temas por categorias de Inovação.	69
Tabela 3: Distribuição dos temas de HSE por indivíduos.....	74
Tabela 4: Distribuição dos temas de Inovação por indivíduos.....	75

LISTA DE SIGLAS

C&T	Ciência e Tecnologia
CB	Ciências Biológicas
CHA-SE	Encontro Nacional de Ciências e Habilidades Socioemocionais
CTS	Ciência, tecnologia e Sociedade
CTSA	Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
HS	Habilidades Sociais
HSE	Habilidades Socioemocionais
LHUME	Laboratório de Humanização do Ensino
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNEM	Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
PEDa	<i>Developmental Evaluation Platform</i>
PIBIX	Programa de Bolsas de Iniciação a Extensão
PIIC	Programa Especial de Inclusão à Iniciação científica
PNL	Programação Neurolinguística
QSC	Questões Sociocientíficas
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFS	Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO	23
1.1 Inovação e sua expressão no Ensino de Ciências.....	23
1.1.1 Inovação Pedagógica	25
1.1.2 Gestão Inovadora	26
1.1.3 Inovação Curricular	27
1.2 Refletindo sobre as HSE na educação e no Ensino de Ciências.....	28
1.3 Panorama de pesquisas com HSE.....	34
1.3.1 Pesquisas sobre intervenções para o aumento das HSE	34
1.3.2 Pesquisas que investigam a influência de HSE nas decisões humanas	35
1.4 Algumas Considerações.....	36
CAPÍTULO II: DELINEAMENTO METODOLÓGICO	38
2.1 Considerações metodológicas.....	38
2.2 Instrumentos de Coletas.....	39
2.2.1 Observação	39
2.2.2 Entrevistas	40
2.3 Caracterização dos Sujeitos da pesquisa.....	42
CAPÍTULO III: RESULTADOS E DISCUSSÃO	45
3.1 Descrevendo o minicurso “Desenvolvendo Competências Socioemocionais”	45
3.1.1 Consciente e Inconsciente	46
3.1.2 Rapport	47
3.1.3 Quem sou eu?	48
3.1.4 O poder da perspectiva positiva.....	48
3.1.5 Cata Joias.....	49
3.2 HSE associadas ao desempenho (in) satisfatório na licenciatura em Ciências Biológicas.....	51
3.2.1 Abertura a Novas Experiências	54
3.2.2 Consciência.....	55
3.2.3 Extroversão.....	56
3.2.4 Cooperatividade.....	57
3.2.5 Estabilidade Emocional/neuroticismo	58

3.3	Algumas concepções associadas as práticas inovadoras e as barreiras que as impedem de acontecer.....	59
3.3.1	Inovação: oposição entre conservadorismo e abertura a novas experiências.....	60
3.3.2	Inovação como metodologia escolar.....	61
3.3.3	Inovação como proposta de organização de gestão.....	63
3.3.4	Inovação como alteração curricular.....	63
3.3.5	Barreiras que inibem a inovação.....	65
3.4	Relação entre HSE e Inovação.....	67
CONSIDERAÇÕES.....		80
REFERÊNCIAS.....		83
APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....		90
APÊNDICE B: Roteiro de entrevista individual – Singularidades, Habilidades e Socioemocionais e Inovação		91
ANEXO A: Parecer de aprovação Comitê de Ética		93
ANEXO B: Transcrição das entrevistas		96

APRESENTAÇÃO

Ensinar Ciências não é uma tarefa simples e durante o meu processo de formação inicial sempre questioneei: que tipo de professora eu quero ser? Iniciei a graduação num curso da área de exatas, mais precisamente, na Licenciatura em Física, e costumava ouvir discursos e discussões meramente tecnicistas e machistas, marcadas por um perfil de ciência masculina, neutra, pronta e acabada. Essas questões me sufocavam, sentia-me incapaz de aprender e no futuro ensinar de maneira plausível aos meus alunos.

Diante disso, busquei cursar disciplinas de outras áreas e então me deparei com outra Licenciatura, mas dessa vez em Ciências Biológicas. Ao me tornar aluna regular do curso, embora tenha sido nesse momento o meu primeiro contato com pesquisa e especificamente, com a área de Ensino de Ciências, não vi muita diferença nos discursos quando estudávamos as disciplinas tidas como “puras ou técnicas” da grade curricular, e isso mais uma vez me inquietou se, de fato, eu queria ser professora, e se fosse, como seria?

Costumo dizer que os ventos sopraram ao meu favor, e no ano de 2011, assim que efetuei o processo de transferência interna na Universidade Federal de Sergipe (UFS), ingressei no Programa Especial de Inclusão à Iniciação Científica (PIIC), regulamentado pela portaria N° 1499/2011-GR, no qual os alunos escreviam o projeto e procuravam um orientador. Então tive a oportunidade de pensar em algo que, a meu ver, fosse acrescentar não só para a minha formação inicial como também entender e contribuir de alguma forma com a prática de profissionais da Educação Básica.

Nesse primeiro contato com a pesquisa em Ensino de Ciências, trabalhei com Inovação tecnológica em aulas de Ciências, buscando compreender se as aulas de Ciências eram inovadoras, e se não fossem, quais as barreiras que inibiam esse processo. Esse trabalho rendeu um resumo simples apresentado no 21º Encontro de Iniciação Científica e um capítulo de livro. Posterior a essa pesquisa, participei do Programa de Bolsas de Iniciação a Extensão (PIBIX), com um trabalho voltado para a comunidade, dessa vez, compreendendo quais as visões e os diálogos sobre evolucionismo e criacionismo na formação de professores de Ciências Biológicas.

Paralelamente às atividades da graduação tive a oportunidade de trabalhar como professora da Educação Básica. O primeiro contato com uma sala de aula foi gratificante e ao mesmo tempo, amedrontador. O exercício da docência é um eterno reiniciar, a cada aula que lecionava me deparava com situações diferentes, isso é justificado pela diversidade de culturas existentes nas escolas, bem como, pela composição das turmas e pelo currículo que

varia em cada série. Diante dessas situações, percebia a necessidade de me reinventar como profissional da educação, mas acredito que para isso acontecer, é preciso ter vontade de ensinar e aprender junto com os alunos, e também, buscar se aperfeiçoar e levar coisas novas para a sala de aula.

Esse contato com a pesquisa científica e com a prática de sala de aula, me fez enxergar que existem outras formas de fazer Ciências, além daquelas submissas a laboratórios, maquinarias, pesos e medidas. E foi com esse pensamento que saí direto da graduação para o curso de mestrado.

A escolha da pesquisa que apresento nessa dissertação foi uma decisão conjunta com a orientadora, na qual pensamos em compreender não apenas os fatores que limitam as inovações na sala de aula, mas entender o que torna um professor inovador ou não? Para o professor inovar ele precisa de habilidades? Quais essas habilidades e como elas se relacionam com a inovação?

INTRODUÇÃO

Discussões sobre a formação de professores reflexivos tem-se constituído objeto de estudo de pesquisas científicas e se destacam nos debates sobre assuntos educacionais no Brasil. Esse modelo exige, o desenvolvimento de habilidades que motivem os indivíduos a fim de que estes melhorem suas práticas e reflitam sobre sua capacidade e potencialidade, tanto profissional quanto humana (SCHÖN, 2000; GUIMARÃES, 2004; RAMALHO, 2004; MALDANER, 2006; TARDIF, 2000, 2007).

Garcia (2012, p. 69) aponta a formação profissional como multifacetada, com desenvolvimento de habilidades que decorrem de situações como: “a) as formações pré-inicial, inicial e contínua, b) vivências, c) interações cotidianas e d) reflexão sistemática”. De acordo com Nóvoa (1997) apenas o curso de formação e a obtenção de conhecimentos técnicos, por si só, não são suficientes para construir a identidade profissional, é preciso que tais profissionais reflitam criticamente sobre si, sobre suas crenças e práticas para então construir-se diariamente como profissional.

Essa questão opõe o modelo da racionalidade técnica com o da formação do professor crítico reflexivo. A racionalidade técnica é entendida por Schön (2000, p. 15) como um movimento no qual “os profissionais são aqueles que solucionam problemas instrumentais, selecionando os meios técnicos mais apropriados para propósitos específicos”.

Maldaner (2006) faz uma crítica a esse modelo de formação técnica quando o aponta como pautado numa visão simplista, que não permite reflexão sobre aspectos que fujam aos conceitos e conteúdos técnicos. Sonnevile e Jesus (2009, p. 298-299) enfatizam que a cultura escolar e acadêmica baseada na racionalidade técnica é inoperante uma vez que:

[...] revela sua insuficiência quando pretende responder de maneira satisfatória aos problemas enfrentados pela sociedade contemporânea, repleta de contradições evidenciadas nos fenômenos educacionais; nas situações complexas do cotidiano escolar e do processo formativo de professores e das gerações (SONNEVILLE; JESUS, 2009, p. 298-299).

Compreendemos que há necessidade de formar professores reflexivos e com habilidades que favoreçam a quebra de paradigmas, a exemplo, a formação limitante e técnica, baseando-se apenas numa compreensão específica dos conteúdos, em que se acredita que um bom professor de Ciências é aquele que sabe o conteúdo, desconsiderando, portanto, os saberes, as opiniões, as experiências e as habilidades sociais e emocionais dos indivíduos que estão sendo formados.

Diante dessas circunstâncias, é preciso pensar na formação de professores, superando esse modelo técnico e simplista. Tardif (2007, p. 229) coloca que o primeiro passo para

superá-lo é “sustentar que os professores são atores competentes, sujeitos do conhecimento”, logo para que isso aconteça é preciso levar em consideração a subjetividade dos atores em atividade.

Ora, um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros. [...] não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer proveniente de sua própria atividade a partir das quais ele estrutura e a orienta (TARDIF, 2007, p. 230).

Sonneville e Jesus (2009, p. 300) também compartilham dessa opinião e enfatizam que é preciso pensar na formação do professor como “ator e autor de sua prática pedagógica, sua história de vida, suas experiências e seus saberes como objeto de investigação”.

Para Avalos (2011) a formação profissional de professores é por natureza, complexa, e requer tanto o envolvimento cognitivo quanto emocional dos envolvidos, como indivíduos e como grupos. Entretanto, esse modelo de formação docente precisa ser avaliado em termos de perspectivas e contextos dos próprios professores.

Partimos do pressuposto de que cada indivíduo apresenta crenças acerca de si mesmo, algumas delas libertadoras e outras limitantes. A partir delas pode ser construída uma extensa e complexa rede de conhecimentos e comportamentos relacionados ao sucesso ou ao fracasso de um empreendimento. Não obstante, temos por hipótese que mudanças necessárias ao aprimoramento pessoal, social e profissional se relacionam às inovações, que necessitam de habilidades como - coragem e capacidade de comunicação de seus executores para que sejam colocadas em prática.

Nesse sentido, temos percebido uma constante pressão para que o professor de Ciências proponha inovações em suas práticas, visando a melhoria das mesmas (KRASILCHIK (1980, 2000); MOREIRA (1999); MARANDINO (2003); DINIZ (2009); CACHAPUZ et al. (2011)), por outro lado, pesquisas como de Garcia (2009, 2010) e Paranhos (2012), mostraram que há fatores limitantes, para a implementação desses recursos no decurso das práticas pedagógicas na escola brasileira, a exemplo, a falta de tempo e rotatividade dos professores por terem jornadas duplas de trabalho, salários baixos e a própria formação inicial que não oferece condições para que as inovações aconteçam.

Diante do exposto, criam-se algumas questões: O que os professores de Ciências precisam para inovar em suas práticas? Qual a influência das Habilidades Socioemocionais (HSE) nesse processo?

Considerando os questionamentos supracitados, entendemos que embora o modelo de formação baseado numa postura técnica tenha contribuído para a formação e para o desenvolvimento da sociedade, no momento, esse modelo, por si só, não supre eficazmente a formação, uma vez que as necessidades humanas que auxiliam na construção das habilidades para a docência são complexas e envolvem tanto aspectos sociais quanto emocionais por parte dos envolvidos.

Essas habilidades sociais e/ou emocionais ou HSE, são percebidas quando o sujeito mostra-se criativo, comunicativo, responsável, otimista dentre outras características ímpares de cada ser. Aparecem mais nitidamente quando os indivíduos são postos em situações diferentes das que são acostumados, fora de suas zonas de conforto.

Atualmente, existe uma pesquisa no cenário brasileiro que tem sido desenvolvida pelo Instituto Ayrton Senna em parceria com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) que visam desenvolver HSE em estudantes da educação básica no Rio de Janeiro (SANTOS E PRIMI, 2014). Para análise dos dados da pesquisa, são utilizadas teorias fatoriais de personalidade utilizadas na Psicologia e chamada de *Big Five*. O *big five*, é um conjunto de cinco dimensões – Abertura a novas experiências; Consciência; Extroversão, Cooperatividade e Estabilidade Emocional, composto por habilidades.

De acordo com as colocações supracitadas, entendemos que os indivíduos com HSE desenvolvidas, terão melhor performance na lida com a diversidade de situações impostas pela vida, além disso, tais habilidades importam tanto quanto as habilidades cognitivas, visto que contribuem de forma acentuada para a construção de caráter e identidade de cidadãos, na tomada de decisão, na manutenção dos relacionamentos, além disso, estão associadas ao desempenho acadêmico satisfatório.

Diante dessas inquietações, o problema que norteou este estudo foi saber qual a possível relação entre Inovação e HSE na formação de professores de Ciências Biológicas? Nesse sentido, propomos compreender as relações entre inovação e HSE estabelecidas por alguns licenciandos de Ciências Biológicas da UFS.

Para atender ao objetivo, o estudo foi organizado em um capítulo de estudo teórico e outros dois capítulos empíricos. No capítulo 1 de cunho teórico, fizemos a descrição dos conceitos de inovação e HSE buscando uma aproximação entre eles no que diz respeito a formação de professores em Ciências Biológicas.

No capítulo 2, apresentamos o delineamento metodológico para obtenção dos dados empíricos, explicitando o tipo de metodologia adotada, os procedimentos e instrumentos de

coletas de dados, as justificativas para escolha dos sujeitos e o instrumento de análise dos dados.

No capítulo 3, apresentamos os resultados e discussões dos dados empíricos com as análises descritas em categorias e subcategorias.

E por fim, tecemos algumas considerações apontando algumas relevâncias identificadas sobre o estudo desenvolvido, bem como, algumas sugestões e possíveis direções a serem tomadas para análises *à posteriori*.

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, primeiramente apresentamos um panorama das discussões sobre Inovação no Ensino de Ciências, buscando suas conceituações e diferentes expressões na prática pedagógica, seja na discussão acadêmica feita no campo da gestão escolar, do currículo ou mesmo nas metodologias de ensino.

Em segundo lugar, apresentamos à temática das HSE, especificamente, seus conceitos, as perspectivas que tem tocado a questão na educação científica, bem como, duas principais categorias de problemas de pesquisa sobre esse tema na educação: 1) as pesquisas de intervenção para o desenvolvimento de habilidades sociais e/ou emocionais e 2) os estudos sobre os impactos das HSE nas tomadas de decisão cotidianas.

Zembylas (2005) aponta as questões afetivas como importantes no Ensino de Ciências, entretanto pouco tem sido feito para incorporá-las de forma sistemática nas pesquisas científicas, uma vez que as crenças dos professores nas investigações científicas não interagem com as emoções e as atitudes no aprender e ensinar as Ciências. Por outro lado, o autor entende e aponta que as pesquisas que se direcionam a estudar as emoções são um tanto complexas e apresentam desafios, uma vez que levam em consideração as questões subjetivas de cada indivíduo, e na academia, as pesquisas educacionais ainda são direcionadas as análises cognitivas e não subjetivas.

Por fim, identificamos possíveis relações entre estes dois conceitos: inovação e HSE, a partir da análise de trabalhos investigados de uma revisão em bases de dados nacionais e internacionais. Essas relações mostraram-se bastante sutis, até mesmo tácitas, mais uma vez nos motivando a enfatizar a relevância de explicitá-las na tentativa de contornar os fatores limitantes de caráter psicológico e social que afetam a inovação na educação científica.

1.1 Inovação e sua expressão no Ensino de Ciências

Ao falar em inovação, geralmente, esta é associada ao uso ou desenvolvimento de aparelhos tecnológicos (LEVY, 1993; MORAN, 2000; SAMPAIO, 2000; MAGALHÃES et al., 2009) posto que, as mudanças ocasionadas pelo avanço da Ciência e Tecnologia (C&T) exigem dos cidadãos uma postura inovadora. O tema inovação, tem ganhado ênfase na mídia e nas mais variadas discussões de esferas pública e privada, em espaços acadêmicos e empresariais; existem, inclusive, incentivos do governo com o financiamento de pesquisas, para geração de inovação no setor econômico do país (RUSSO, 2012). Nesse setor a inovação é uma forma de destacar-se dos concorrentes. Uma postura inovadora é caracterizada pela

habilidade de estabelecer relações, detectar oportunidades e tirar proveito delas (TIDD; BESSANT, 2013).

Embora as políticas no país para desenvolvimento da inovação nas empresas sejam relativamente recentes, esta tem sido uma das prioridades estratégicas na atual conjuntura econômica brasileira, já havendo inclusive incentivos públicos e privados para o seu fomento (RUSSO, 2012, p.13).

No campo educacional, desde a década de 1970, o tema inovação é referência obrigatória (MESSIANA, 2001). É notória a infinidade de recursos tecnológicos visíveis à sociedade, como aparelhos eletrônicos e jogos voltados ao ensino e à aprendizagem. Alguns estudiosos ressaltam que esses avanços são pouco utilizados nas práticas pedagógicas da Educação Básica (SIQUEIRA, 2012).

O termo inovação, no contexto educacional, tem caráter polissêmico, está atrelado ao conjunto de intervenções, decisões com certo grau de intencionalidade e sistematização, que visam transformar as atitudes, ideias, culturas, conteúdos, modelos e práticas pedagógicas (FULAN, 2001; CARBONELL, 2002; CARDOSO, 2002).

Inovar, no campo educacional, é uma tentativa de melhorar um sistema, uma escola, uma aula (GARCIA, 2010). É a criação de algo novo para, dentre muitas coisas, dar respostas para um problema, ou simplesmente viver a experiência do novo. Logo, inovação, seria a introdução de projetos, programas, materiais curriculares, estratégias de ensino e, também, organização e gestão do currículo, escola e dinâmica de classe (CARBONELL, 2002).

Não é apenas verificar até que ponto as novidades podem melhorar o sistema educacional, mas como elas geraram mudanças.

[...] é, pois, transformar, evoluir, extinguir e criar novas realidades, irrevogavelmente. Essa percepção se insere na fenomenologia do universo, no qual a mudança no estado da energia é constante e induz a transformações sucessivas na unidade tempo-espço (VIEIRA, 2003, p. 04).

No Ensino de Ciências, por exemplo, a discussão sobre inovação é algo relativamente recente. Foi com o avanço da C&T, considerado importante no desenvolvimento econômico, cultural e social, que surgiram principalmente nos Estados Unidos da América e Inglaterra, as primeiras demandas relacionadas à educação científica e, com isso, o Ensino de Ciências passa a ser alvo de reformas e mudanças (GARCIA, 2009).

No Brasil, as contribuições de pesquisas com inovação relacionadas à mudanças educacionais ainda são recentes (GARCIA, 2009), se comparada ao contexto norte-americano (FULAN, 2001) e europeu (HERNANDEZ et al., 2001; CARBONELL, 2002; CARDOSO, 2002), nas quais as investigações científicas estão diretamente relacionadas à mudanças.

No Ensino de Ciências, por exemplo, as primeiras reflexões são pontuadas por

Krasilchick (1980; 2000). A autora faz uma reflexão no tocante as modalidades didáticas que são utilizadas para ensinar, que por vezes são pautadas na tendência de currículos tradicionalistas ou racionalistas acadêmicos, dificultando, portanto, as mudanças educacionais.

O termo inovação ganha formas quando é pensado no campo do ensino e da aprendizagem de Ciências, posto estar relacionado às mudanças no ambiente acadêmico da formação de professores. Entretanto, ainda há necessidade de maiores reflexões sobre a articulação dessas mudanças com as transformações na escola e na prática docente da educação básica.

Uma revisão bibliográfica a partir de pesquisas no campo da educação científica, desenvolvidas no Brasil e publicadas em língua portuguesa, mostrou que é explícita a relação entre a inovação e a inserção de tecnologias educacionais nas práticas pedagógicas. Essa revisão foi organizada em três categorias. Na primeira, foi discutida a Inovação Pedagógica. Além dessa, apresentamos outras duas categorias que aparecem como práticas inovadoras no campo da educação científica: a Gestão Inovadora e a Inovação Curricular.

1.1.1 Inovação Pedagógica

Revisamos 56 trabalhos que traziam a proposta de inovação no Ensino de Ciências, nos quais 28, apontam inovação como a inserção de recursos tecnológicos nas instituições de ensino. Enquanto que os outros 28 trabalhos versavam sobre as práticas em sala de aula e na inovação curricular. Entretanto, compreendemos que a inovação pode acontecer também de outras maneiras além dessas; como, por exemplo, colocar o aluno como protagonista da ação.

A mediação do professor nos processos que ocorrem dentro da sala de aula é também importante, à medida que eles se atentem às necessidades que cada escola e aluno demandam. O trabalho realizado por Almeida e Souza (1996), mostra que o sistema de avaliação, por exemplo, foi mudado, de provas testes para provas dissertativas com o objetivo de ampliar a visão de mundo que os alunos tinham. Esse tipo de inovação metodológica parte do professor que visa atender a demanda nesse caso, dos discentes, a ponto de que eles alcancem melhor rendimento acadêmico.

Outros exemplos de metodologias inovadoras são vistos nos trabalhos de Cunha (2016) e Santos (2016). Essas pesquisas foram desenvolvidas no estado de Sergipe com alunos do 9º ano da educação básica. As autoras criaram um teste de desempenho, com base nos eixos temáticos “Vida e Ambiente” e “Ser Humano e Saúde”, respectivamente, propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Cada teste foi composto de dez perguntas com

quatro alternativas, cujas respostas transitavam desde o conhecimento científico até o senso comum. A princípio, construíram matrizes de referências pautadas nos interesses de três grupos: o Estado, os docentes e os discentes. Essa matriz de referência elucidava as competências e habilidades sugeridas nos PCN para aprender tais assuntos. Dentre os resultados encontrados, perceberam que os alunos explicam conceitos ligados a ciência, porém por meios alternativos e não necessariamente os científicos.

Considerando essas propostas de inovação, entendemos que o ato de aprender os conteúdos não envolve apenas competências ligadas à velocidade de raciocínio e à memória, mas exige a contextualização daquilo que é ensinado, buscando, portanto, uma aproximação com o cotidiano dos discentes.

1.1.2 Gestão Inovadora

Na gestão inovadora, evidenciamos o papel da unidade (escola/universidade) como protagonista de mudanças na esfera educacional. A escola e/ou universidade é a responsável por promover a inovação, a gestão deve ser pensada como algo inovador. “É preciso identificar e buscar (se necessário, construir) novos princípios de Gestão Escolar a fim de propiciar o movimento de inovação necessário às escolas” (COELHO, 2011, p. 7).

Analisar questões fundamentais e os novos desafios da gestão escolar, em face das novas demandas que a mesma enfrenta, no contexto de uma sociedade que se democratiza e se transforma, é papel da instituição de ensino. Dessa forma, é possível refletir sobre teorias e práticas que possam auxiliar para a construção de um novo paradigma de Gestão Escolar como uma das soluções organizacionais necessárias para a inovação educativa.

Estudos acerca da Gestão Inovadora, mostram que “precisamos pensar como inovadores – com fins a identificação de necessidades, questionamento do *status quo*, experimentação, avaliação e adaptação ao novo” (COELHO, 2011, p. 7). Nesse sentido, a escola/universidade reflete o pensamento de seus administradores e equipe, e são esses modos de pensamento responsáveis pelas possibilidades de promover ou impedir as inovações.

A inovação dentro da gestão escolar, “é constituída também de exigências emocionais para os professores, pois ela gera insegurança, perdas, medo e abala, em geral, os relacionamentos entre professores e alunos” (GARCIA, 2010, p. 34). Nesse sentido, o ato de mudar uma gestão a ponto de torná-la inovadora, exigirá de seus membros, uma postura que vai além dos aspectos de planejamento, é preciso também, saber lidar com as emoções.

1.1.3 Inovação Curricular

Outra categoria que se apresenta, quando buscamos compreender a questão da inovação no Ensino de Ciências é aquela associada às mudanças no currículo. Uma das inovações mais características nesse campo, que podemos apontar é a inserção da perspectiva do movimento Ciência, Tecnologia, Sociedade (CTS) ou Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente (CTSA) nos currículos escolares. Esse movimento, que aqui consideramos como um único, pode servir como uma ferramenta de aprimoramento da didática aos educadores, uma vez que os permitem trabalhar os seus próprios entendimentos teóricos, escolhas e práticas em ciência e tecnologia, sob uma perspectiva ética das implicações das mesmas para a sociedade e o ambiente.

A educação baseada na perspectiva CTSA, apresenta diferentes discursos relacionados a um conjunto de abordagens, programas e métodos pedagógicos (PEDRETI e NAZIR, 2010). O trabalho de Pedreti e Nazir (2010) aponta seis correntes de ensino CTSA: 1) a corrente de aplicação/design; 2) a corrente histórica; 3) a corrente de raciocínio lógico; 4) a corrente centrada no valor; 5) a corrente sociocultural e 6) a corrente sócio-ecojustiça.

Na primeira, o foco é a C&T, direcionando o ensino e a transmissão de conhecimento, estimulando o desenvolvimento de competências técnicas, pautados em resoluções de problemas. Na segunda, a ciência é entendida como um esforço humano, como os alunos compreendem a inserção histórica e sociocultural presente nos trabalhos científicos. Na terceira, é evidenciado as Questões Sociocientíficas (QSC) que por mais complexas que sejam, podem ser tratadas em um modo positivista de raciocínio.

Na quarta corrente, o foco é melhorar a compreensão do aluno na tomada de decisões relacionadas às QSC, as atividades desenvolvidas nessa corrente tendem a focar nas identidades morais e emocionais dos alunos estimulando o desenvolvimento cognitivo e moral. Na quinta, identificamos a ideia de que a ciência é apenas uma maneira de conhecer e que a compreensão da C&T pertence a um contexto sociocultural mais amplo. Na última corrente, o ensino é pautado na compreensão dos impactos da C&T na sociedade e nos ambientes. Questiona-se como tais impactos podem ser resolvidos por meio da ação humana, nesse sentido, os alunos são tidos como ativistas, aqueles que irão buscar sanar as problemáticas de forma correta e justa.

Essas diferentes correntes de CTSA permitem evidenciarmos o quanto a inserção desse movimento nos currículos escolares poderá ser inovador, uma vez que oportuniza o ato

de aprender ciência em contextos mais amplos, além disso, reconhece a diversidade e as necessidades dos alunos e das salas de aula.

Nesse sentido, Siqueira (2012) aborda a necessidade de renovação do currículo de Ciências, pensando na devida formação de professores com conteúdo, metodologias, formas de avaliação, adequação da carga horária e a valorização profissional. Pintó (2004) e Davis (2003) apontam que a inovação curricular só chegará efetivamente à sala de aula, quando o professor, ao ensinar os conteúdos, incorporar a eles seus ideais, refletir e tornar explícitas as suas crenças, atitudes e preocupações.

Destacamos que nos Estados Unidos da América, já se observa um movimento de reforma curricular, “cuja ênfase desloca-se das necessidades do conteúdo para as necessidades dos aprendizes” (MARQUES-FILHO, 2011, p. 24). Dessa forma, o professor poderá se amparar em subsídios para promover essa inovação curricular, bem como, conhecer a realidade de seus discentes e o contexto em que eles estão inseridos para promoção de tal processo inovador.

Diante das considerações expostas dentro dessas subcategorias de inovação, percebemos que há uma forte preponderância da ideia de inovação associada aos conteúdos e metodologias utilizadas pelos professores, e pouco é discutido sobre professores e alunos inovadores. Bezerra (2013, p. 7) aponta que “em inovação não existem fórmulas. Antes de criar as inovações, precisamos criar indivíduos inovadores”.

Entendemos que para que aconteça a inovação é preciso que haja integração por parte de alunos, professores e gestores, em prol de melhorar o sistema educacional e que por vezes é necessário refletir nas HSE para então lograr êxito.

1.2 Refletindo sobre as HSE na educação e no Ensino de Ciências

No que se refere aos conceitos de habilidades e competências dentro do setor educacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), dentro do eixo Ciências, Matemática e suas Tecnologias, mostram-nas como a capacidade de realizar procedimentos que gerem intervenções nas práticas cotidianas, proporcionando construção e entendimento do convívio material, harmônico e social (BRASIL, 2000).

Por outro lado, Perrenoud (1999) menciona a diferença entre habilidades e competências. Para o autor, habilidades são procedimentos que conduzem os indivíduos a tomada de decisões e a resolução de problemas é, portanto, uma sequência de modos operatórios que os dão suporte ao enfrentamento de determinadas situações. Em contrapartida, a definição de competência é a “capacidade de agir eficazmente em um determinado

tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles” (PERRENOUD 1999, p. 7). Diante disso, tomamos por competência, um conjunto de habilidades.

Quando se refere ao estudo das HSE, alguns autores ora usam habilidades, ora competências, diante disso, adotamos o uso do termo habilidades, pois, entendemos segundo as definições de Perrenoud (1999), para que haja competências o indivíduo precisa estar dotado de habilidades, e que uma única habilidade não é determinada como competência, uma vez que essa habilidade pode contribuir para diferentes competências, visto que cada indivíduo apresenta habilidades ímpares.

Quando refletimos sobre o uso de HSE no Ensino de Ciências, temos duas hipóteses de como elas foram pensadas para essa área. A primeira consiste na Teoria do Capital Humano, na qual o estudo das habilidades surge no setor empresarial com o intuito de potencializar o indivíduo, no que diz respeito a melhorar a capacidade de gerenciamento e produção dos mesmos (MARSHALL, 1890; SCHULTZ, 1975). Esse modelo tecnicista é criticado dentro do setor educacional, uma vez que “concebe o professor como um sujeito que não pensa a sua tarefa educacional, tornando-se um mero executor da proposta” (CAETANO, 2015, p. 118).

A crítica presente nesse modelo é que os objetivos educacionais passam a ser voltados apenas ao mercado de trabalho, pensando o indivíduo como um mero reproduzidor entre o saber e o fazer. Mas, quando pensamos em formação de professores cria-se uma questão, a educação superior não se baseia na proposta de uma formação profissional? Quando se forma um profissional, formamos para o mercado de trabalho ou apenas para cidadania? Para compreender esses questionamentos, partimos do pressuposto que o setor empresarial está focado para moldar pessoas para o mercado de trabalho e quando falamos em formação de professores, embora seja uma formação profissional, ela está muito mais associada à cidadania.

A segunda hipótese se apoia na Psicologia Positiva, com uma perspectiva humanizada, que busca de fato se preocupar com o bem-estar do indivíduo a fim de que este possa progredir. Que considera o indivíduo nos aspectos tanto cognitivo quanto emocionais (SELIGMAN, 2011).

Para entendemos o que são as HSE, mapeamos algumas teorias advindas da Psicologia que deram suporte na construção das nossas reflexões sobre o termo HSE.

As Habilidades Sociais (HS) estão em uma área da Psicologia que se preocupa com o desenvolvimento integrado das capacidades pessoal e interpessoal. Os primeiros estudos

foram publicados nos Estados Unidos da América e na Inglaterra, por volta da década de 1930, e tinham como foco principal, os diferentes modelos conceituais: 1) o cognitivo; 2) o da teoria dos papéis; 3) o da assertividade; 4) o da aprendizagem social e 5) o da percepção social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1996).

O modelo cognitivo atende à demanda de que o desempenho social é mensurado pelas habilidades sócio-cognitivas que são aprendidas durante as interações com o meio social, durante a infância. O modelo da teoria dos papéis, parte do pressuposto de como os indivíduos se comportam nos trabalhos grupais. A assertividade é entendida como “defender-se em situação de injustiça ou, no mínimo, buscar restabelecer uma norma, quando, rompida, causa algum tipo de prejuízo a pessoa ou a seu grupo” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003, p. 131). A aprendizagem social se dá quando desenvolvemos habilidades através de experiências, sejam elas positivas ou negativas, mas que gerem um significado e uma aprendizagem. E, por fim, no modelo da percepção social, as impressões, motivações e metas serão estabelecidas através da percepção do contexto social em que o indivíduo esteja inserido (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1996).

Para Del Prette e Del Prette (2001), o termo HS, refere-se a comportamentos sociais, que ocorrem durante uma interação social, a exemplo, uma conversa entre dois amigos ou uma pergunta feita pela professora durante a aula. As HS estão ligadas as relações interpessoais e intrapessoais, evidenciando os comportamentos dos indivíduos frente a questão social e cultural.

Quando se refere aos usos do termo HSE, não encontramos uma definição precisa, entretanto, alguns trabalhos com competências sociais e emocionais foram norteadores para que criássemos uma aproximação do que chamamos de HSE.

No cenário Norte Americano, Cohen (2001), coloca a educação social e emocional como um conjunto amplo de conhecimentos que mede a capacidade de compreender, processar, gerenciar e expressar-se socialmente e emocionalmente, durante as interações. De acordo com o autor, esse modelo de educação existe desde os séculos passados, entretanto, o ato de ensinar esteve concentrado em questões cognitivas e de consciência. Somente no século XXI, houve uma apreciação mais explícita do que precisamos ensinar, e essas dimensões de competências sociais e emocionais ganharam expressividade nas escolas.

Dentro do contexto europeu, as competências sociais e emocionais, são entendidas como a capacidade de gerenciamento de comportamentos, permitindo que os indivíduos se

envolvam e relacionem harmoniosamente com outras pessoas dentro de um contexto social (PARHOMENKO, 2014).

No cenário brasileiro, as competências socioemocionais “destacam a capacidade individual de superar os desafios, de modificar a situação social, de atingir benefícios próprios e alcançar sucesso conforme um padrão ideal previsto, conformando a personalidade ao meio” (SMOLKA, et al. 2015, p. 224). Santos e Primi (2014) entendem as HSE como um conjunto de comportamentos e sentimentos individuais responsáveis pela construção da personalidade de cada indivíduo.

Considerando as compreensões sobre as HSE, chegamos a uma aproximação desse conceito, logo, as HSE levam em consideração como o indivíduo consegue refletir sobre suas emoções quando precisa tomar decisões que envolvam aspectos intrapessoais e interpessoais. É, portanto, uma capacidade reflexiva de lidar com as emoções e potencializar características ímpares do eu nas relações com o outro.

Uma classificação que tem sido proposta para o estudo de HSE, no âmbito da formação profissional, se baseia em organizá-las em cinco dimensões, o *big five*. De acordo com Nunes (2005, p. 16), o *big five* teve sua origem através de “um conjunto de pesquisas realizadas na área da personalidade, advindo das teorias fatoriais e traços de personalidade”.

Autores como Cattell (1946, 1965), Tupes e Christal (1961) e Eysenck (1970) foram alguns dos que produziram trabalhos precursores do modelo *big five*, desenvolvido na década de 1980 por McCrae e Costa (1989), contudo Goldberg (1990) reviu o modelo elevando seu nível de organização. Posterior a eles, John e Srivastava (1999) definiram o modelo de personalidade que está sendo atualmente adaptado à cultura do Brasil por Santos e Primi (2014), em pesquisa no Rio de Janeiro. Atualmente o *big five* se apresenta, portanto nas seguintes dimensões: 1) abertura a novas experiências, 2) Conscienciosidade, 3) Extroversão, 4) Amabilidade e 5) Estabilidade emocional/neuroticismo.

Para cada uma das categorias do *big five* é atribuído uma descrição de características pertencentes aos domínios de personalidade, as facetas que podem ser desenvolvidas de um indivíduo para outro, bem como, o temperamento pessoal que é atribuído a cada um quando criança.

Diante desse contexto, não poderíamos falar sobre HSE no Ensino de Ciências, sem apontar algumas questões relacionadas à formação de professores. Ao pensarmos sobre habilidades necessárias ao professor de Ciências, buscamos as discussões da epistemologia da prática docente proposta por Tardif (2000, 2007), bem como na proposta da formação de

professores pesquisadores, de Maldaner (2006) Carvalho e Gil-Pérez (2006) e Briccia e Carvalho (2016) compreendemos que ela requer o desenvolvimento de habilidades que estão associadas àquelas do *big five* (Quadro 1).

Quadro 1: Relação entre as habilidades presente na formação profissional e às HSE

Habilidades sugeridas nas teorias de formação de professores de acordo com Tardif (2000), Maldaner (2006), Carvalho e Gil-Pérez (2006) e Briccia e Carvalho (2016)	Habilidades que compõe o <i>big five</i>, de acordo com o trabalho de Santos e Primi (2014)
Autocontrole, segurança no trabalho	Estabilidade Emocional: autocontrole
Autonomia, planejar, organizar	Consciência: disciplina, autonomia, responsabilidade, organização
Improvisação	Abertura a Novas Experiências: criatividade, imaginação, prazer pela aprendizagem
Empatia e trabalho coletivo	Cooperatividade: Altruísmo, empatia e sociabilidade

Fonte: Elaboração do autor

O ato de ensinar parte de um reinventar profissional, “exigem autonomia e discernimento por parte dos profissionais, ou seja, não se trata somente de conhecimentos técnicos padronizados cujos modos operatórios são codificados e conhecidos de antemão dos professores”. E, além disso, “uma parcela de improvisação e de adaptação a situações novas e únicas que exigem do profissional reflexão e discernimento para que possa não só compreender o problema como também organizar e esclarecer os objetivos almejados e os meios a serem usados para atingi-los (TARDIF, 2000, p. 7).

Percebemos que estas habilidades se encaixam em duas categorias das que são propostas pelo *big five*, a autonomia é presente na categoria consciência, na qual os indivíduos devem ter uma postura centrada; e a improvisação é uma habilidade que requer criatividade e imaginação, essa habilidade está contida na categoria abertura a novas experiências.

Quando falamos em empatia e trabalho coletivo, habilidades sugeridas na teoria epistemológica da prática profissional, alguns autores trazem essas discussões. Tardif (2000, p. 16 - 17) aponta a profissão docente como uma atividade de “interação humana”, embora algumas vezes essa profissão seja vista como solitária. O autor explica que “em primeiro lugar, os seres humanos têm a particularidade de existirem como indivíduos. Mesmo que pertençam a grupos, a coletividades, eles existem primeiro por si mesmos como indivíduos”. A maneira como esse trabalho é conduzido de modo a ter contato diário com alunos possibilitará aos professores “o desenvolvimento de um conhecimento de suas próprias

emoções e valores, da natureza, dos objetos, do alcance e das consequências dessas emoções e valores”, que por vez influenciará a sua maneira de ensinar e de viver coletivamente.

Para Carvalho e Gil-Pérez (2006) e Maldaner (2006), o trabalho coletivo é uma ferramenta indispensável para que as mudanças e inovações aconteçam e cheguem às salas de aula. De acordo com os autores, esses processos de inovação não alcançaram ou ainda não alcançam as salas de aula devido ao processo de formação inicial não suprir as necessidades do professorando. Ou seja, a formação inicial por si só não consegue abraçar as competências necessárias para o trabalho coletivo, do licenciando. Uma das possibilidades de romper essa barreira seria a análise crítica de que para ser bom profissional deve-se apenas ter domínio de conteúdo.

Briccia e Carvalho (2016, p. 18) compartilham da ideia de que “o trabalho em equipe, desenvolvido dentro do ambiente escolar, sustentando a aplicação de atividades e o envolvimento dos docentes, da coordenação e o apoio para e com a proposta” são cruciais para que haja o processo de inovação no ato de ensinar e aprender Ciências.

Considerando a relação existente entre as habilidades sugeridas no *big five* e as da teoria epistemológica da prática, nos perguntamos se de fato elas são incongruentes com o que se busca no ensino? Pois de um lado temos as HSE que buscam despertar a capacidade dos indivíduos no tocante ao protagonizar, possibilitando, por exemplo, uma melhora no bom desempenho acadêmico. E por outro lado, temos as habilidades sugeridas na teoria epistemológica da prática que serve para subsidiar os indivíduos durante a sua prática profissional. Nesse sentido, elas são convergentes, se pensarmos numa formação inicial baseada no desenvolvimento dessas habilidades, permitindo, portanto, uma formação a atuação aberta, enquanto profissionais da educação, visando a voz e a visibilidade desses sujeitos.

Apesar de haverem pontos que precisam ser superados na agenda de pesquisa sobre as questões afetivas no Ensino de Ciências, partimos do princípio da valorização das emoções no aprendizado, de maneira que a discussão deve ser ampliada para aspectos não racionais ligados ao ensino e à aprendizagem de Ciências. Para Zembylas (2005) estudar aspectos emocionais durante a formação inicial de professores tem um papel de destaque, uma vez que permite enxergar e promover novas formas de subjetividade na educação científica.

Entendemos que o Ensino de Ciências é carente de reflexões sobre questões relacionadas ao desenvolvimento de HSE que permitam aos alunos protagonizar dentro do ambiente de formação, bem como, no exercício da profissão.

1.3 Panorama de pesquisas com HSE

Atualmente há preocupação por parte dos autores em entender como as HSE podem influenciar no comportamento e desempenho dos indivíduos. Publicações sobre o assunto em questão são encontradas em periódicos internacionais e nacionais. Diante disso, buscamos apresentar o panorama de pesquisas na área, organizando-as em duas categorias básicas: 1. Pesquisas sobre intervenções para o aumento das HSE; 2. Pesquisas que investigam a influência de HSE nas decisões humanas.

1.3.1 Pesquisas sobre intervenções para o aumento das HSE

Compreendemos que estas pesquisas estão ligadas a programas de intervenção que auxiliam no desenvolvimento de HSE nos indivíduos envolvidos e que, geralmente, tem como público alvo alunos do ensino fundamental ou professores de educação básica. Esses programas tendem, geralmente, a discutir questões comportamentais.

O componente emocional de cada indivíduo é importante para nutrir relacionamentos, isso pode ser notado no trabalho de Holt et al. (2013), realizado com 13 jovens que apresentavam dificuldades de se relacionar com outras pessoas, nos mais diversos ambientes: familiar, social, cultural e escolar, através de observação desses indivíduos por 30 dias, aplicação de entrevistas semiestruturadas e atividades de intervenção. O estudo sugere a importância em dar voz e visibilidade aos discentes, além disso, as atividades de lazer formais e não formais como piqueniques, dinâmicas e projetos de dança, essas atividades foram consideradas como favoráveis no estreitamento das relações familiares e fraternas.

Karimzadeh et al. (2012), estudaram o efeito de um treinamento de HSE em 76 professores de escola primária com experiência profissional de 10 anos, durante 10 semanas de intervenção. O estudo sugere que os professores precisam reconhecer as suas HSE e saber como usá-las em diferentes contextos para então desfrutar de melhor saúde mental, diminuir conflitos no ambiente escolar e manter relações de qualidade com as pessoas. É considerado pelos autores que houve um aumento significativo das HSE dos envolvidos e que o treinamento foi eficaz na promoção das habilidades.

Adela et al. (2011), forneceram um treinamento para nove educadores pré-escolares, que posteriormente, aplicaram atividades específicas a 100 crianças de 3-7 anos, durante um mês, na Romênia. Os resultados mostraram que as crianças de 5-7 anos tenderam a gerenciar as emoções e passaram a mostrar-se mais ativas socialmente. Para as crianças de 3 anos, as atividades do programa de intervenção não lograram tanto êxito, e isso foi atribuído a curta

duração do programa, bem como, aos fatores de desenvolvimento biológico, uma vez que ainda são muito novas para ter domínio sobre as emoções.

De modo geral, Adela et al. (2011) consideram que os educadores não devem concentrar o desenvolvimento apenas nas questões cognitivas e, além disso, enfatizam a importância de programas de intervenção no desenvolvimento das HSE em crianças. Para a análise das competências socioemocionais, utilizaram o *Developmental Evaluation Platform* (PEDa) como instrumento de mensuração. Segundo Opre et. al (2011), essa plataforma PEDa, dispõe de 49 testes de triagem psicológicos criados e adaptados para a população romena.

Os estudos de Parhomenko (2014) e Ratcliffe *et al* (2014), realizados também com crianças em idade escolar mostram a importância de se trabalhar as HSE tanto no ambiente escolar, como também fora dele, através da participação de adultos que possam interagir com essas crianças, a fim de proporcionar o desenvolvimento dessas habilidades, para que no futuro os mesmos saibam lidar com as emoções.

Assim, entendemos que os programas de intervenções, têm auxiliado no desenvolvimento de habilidades que fortalecem as relações interpessoais e intrapessoais, bem como, potencializam emocionalmente esses indivíduos.

1.3.2 Pesquisas que investigam a influência de HSE nas decisões humanas

Uma abordagem que difere dos programas de intervenção, é analisada nas pesquisas que mostram o impacto que as HSE podem gerar na tomada de decisões.

O trabalho de Uranga (2014) foi realizado com 511 alunos da rede municipal de Porto Alegre através da aplicação de um questionário, cujo objetivo foi analisar como as características socioemocionais interferem no desempenho dos alunos de 5º e 6º ano do ensino fundamental. Ele percebeu que os meninos tendem a mostrar-se mais abertos a novas experiências bem como manter a estabilidade emocional. Além disso, os alunos repetentes mostraram menor tendência nas dimensões de extroversão, amabilidade e abertura a novas experiências, uma vez que internalizam suas emoções. Não somente as habilidades cognitivas, mas também as não-cognitivas influenciavam fortemente nas decisões educacionais (HECKMAN et al., 2006).

Outro estudo que segue essa linha é o de Palma (2012), realizado com 98 sujeitos com idades entre 18 a 41 anos. Através da aplicação de um questionário de personalidade, ele buscou investigar o papel do *big five* na tomada de decisão dos sujeitos em prosseguir ou não os estudos após o ensino secundário. Foi percebido que os sujeitos mais conscienciosos manifestam maior tendência em prosseguir nos estudos de nível superior. Além disso, dos

sessenta e sete que prosseguiram nos estudos, trinta e nove são do sexo feminino que mostraram valores elevados para as dimensões de conscienciosidade e amabilidade, enquanto os sujeitos do sexo masculino revelaram-se mais extrovertidos e estáveis emocionalmente. Para a dimensão abertura a novas experiências não houve diferença relevante entre gênero.

Hestenes et al. (2015) realizaram um trabalho na Carolina do Norte com crianças em idade pré-escolar, e apontam a sala de aula como importante no processo de desenvolvimento de HSE, uma vez que alunos com tais habilidades desenvolvidas conseguem se relacionar melhor com os colegas de sala e professores.

Para Marturano e Loureiro (2003), o desenvolvimento acadêmico do aluno pode estar atrelado às relações interpessoais satisfatórias com colegas, professores e demais agentes escolares, e por vez, colocam a escola como um importante agente de socialização em nossa cultura.

Gresham (2009) aponta que um aluno competente deve apresentar em seu repertório comportamental habilidades sociais que: a) facilitem à iniciação e manutenção das relações sociais, b) contribuem para a aceitação por colegas e c) resultam em ajustamento escolar satisfatório.

Fica evidente cada vez mais que para além das habilidades cognitivas estritamente relacionadas aos conteúdos curriculares das escolas, as questões afetivas, atitudinais e de natureza socioemocional, também são importantes e podem afetar a aprendizagem e consequentemente o desempenho acadêmico dos alunos.

Os conteúdos atitudinais estão presentes em todos os conteúdos escolares. As atitudes e valores são aprendidos mesmo que não haja intenção de ensino. Para a aprendizagem deste tipo de conteúdo é necessário mais do que informação, mas trabalhar de forma sistemática, constante e coerente ao que se almeja no relacionamento entre os integrantes do ambiente escolar (SILVA e FELICETTI, 2014, p.21).

Há uma necessidade de o aluno estar bem emocionalmente para obter rendimento positivo nas atividades acadêmicas, bem como, na vida pessoal e profissional. Silva e Felicetti (2014) consideram que os conteúdos atitudinais influenciam no relacionamento satisfatório entre os membros da escola.

1.4 Algumas Considerações

Não há na literatura uma aproximação entre inovação e HSE, entretanto, entendemos que elas se relacionam uma vez que os indivíduos com tais habilidades desenvolvidas poderão propor inovações, ou mesmo que provavelmente muitas inovações não são colocadas em

prática posto haverem barreiras a serem superadas pelos seus agentes, que estão desprovidos de HSE para superá-las.

Além disso, consideramos que os trabalhos com desenvolvimento de HSE são relativamente recentes e começam a ser explorados pelas Ciências Humanas, na tentativa de inovar e, conseqüentemente fazer com que os indivíduos possam refletir sobre suas necessidades individuais para potencializar qualidades na busca de atingir objetivos, levando em consideração que cada indivíduo apresenta características próprias, logo, as habilidades serão peculiares e únicas para cada um.

Com base nesses referenciais e levando em consideração a importância que vem sendo dada ao trabalho das HSE esperamos que a partir de estudos empíricos, possamos analisar as HSE dos discentes do curso de licenciatura em Ciências Biológicas, buscando compreender a influência das mesmas na construção de sujeitos inovadores.

Quando buscamos entender o sujeito como inovador dentro do processo de formação, percebemos que as inovações podem não acontecer dentro do ambiente educacional porque as mudanças estão relacionadas às exigências emocionais. Assim, o não conhecimento sobre as próprias HSE, podem gerar insegurança, desconforto e medo, o que impossibilita que os indivíduos sejam inovadores.

CAPÍTULO II: DELINEAMENTO METODOLÓGICO

2.1 Considerações metodológicas

A discussão deste capítulo foi centrada na apresentação do percurso metodológico que propusemos a investigar no desenvolvimento desta pesquisa, que parte de uma abordagem qualitativa.

A pesquisa qualitativa é relevante “ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida”. Esse modelo de pesquisa plural exige um novo olhar para as questões empíricas, pois leva em consideração as formas de vida dos indivíduos na busca de romper com as desigualdades que são postas em ambientes de muitas culturas (FLICK, 2009, p. 20).

Martins (2004, p. 289) define a pesquisa qualitativa “como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais”.

Esse modelo de pesquisa remete “a um espaço de práticas relativamente diversificadas e múltiplas” e que contribui acentuadamente para as pesquisas sociais que por sua vez, buscam “reconhecer os problemas e suas causas, como propor soluções ou estratégias de intervenção para resolvê-los” (GROULX, 2008, p. 95).

Para a realização deste tipo de abordagem qualitativa Flick (2009, p. 23-25) destaca quatro principais critérios.

1. “Apropriabilidade de métodos e teorias”: é baseado na utilização de padrões metodológicos como ponto de referência para conhecer o que é novo e desenvolver as teorias empíricas da pesquisa.
2. “Perspectivas dos participantes e sua diversidade”: o pesquisador estuda o conhecimento e as práticas de cada indivíduo pesquisado, levando em consideração os pontos de vista e as diferentes perspectivas e os contextos em que eles estão inseridos.
3. “Reflexibilidade do pesquisador e da pesquisa”: o ponto de partida está na comunicação estabelecida entre pesquisador e pesquisado. A construção dos dados ela vem da interpretação que o pesquisador faz, logo, a subjetividade é crucial e importante nesse processo de pesquisa.
4. “Variedade de abordagens e métodos na pesquisa qualitativa”: são vários conceitos teóricos e metodológicos que estabelecem a construção da pesquisa qualitativa.

Para André (2001, p. 17) a pesquisa qualitativa se opõe a visão “empiricista de ciência”, não admitindo também a neutralidade do pesquisador. Logo, esse modelo de

pesquisa assume a subjetividade, as reflexões e interpretações do pesquisador para aquele fato pesquisado.

Esse modelo de abordagem qualitativa surgiu com o intuito de diferenciar as pesquisas sociais das ciências físicas, uma vez que esta última prioriza os fenômenos e não as causas que levam o acontecimento de determinado fenômeno.

2.2 Instrumentos de Coletas

Foram pensadas duas etapas de coleta de dados, uma de observação e outra de entrevista, sendo esta última à técnica central desta pesquisa. Na primeira, exploratória, foram identificados alguns casos episódicos, observados em um minicurso que tratava da questão das HSE. Participaram trinta alunos de graduação, desses, dez eram alunos da licenciatura em Ciências Biológicas e compuseram a primeira parte da pesquisa.

No segundo momento, realizamos entrevistas com quatro alunos de Ciências Biológicas que participaram do minicurso e que se disponibilizaram a compor essa segunda etapa da coleta de dados. Em busca de características diferenciadas, realizamos mais uma entrevista, também com um licenciando de Ciências Biológicas, que participa dos movimentos de política acadêmica e de militância. A escolha desse sujeito se deu, por considerarmos esse perfil importante no desenvolvimento de HSE. Assim, compuseram a segunda etapa de coleta de dados, cinco licenciandos em Ciências Biológicas, dos quais quatro participaram do minicurso e um não.

Os participantes foram identificados neste trabalho pelo código CB1 a CB11. O código de CB equivale a Ciências Biológicas, seguido de um número para demarcar cada indivíduo. Antes de cada procedimento metodológico, os sujeitos foram informados dos objetivos e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (apêndice A). Anteriormente a coleta de dados, encaminhamos o projeto ao Comitê de Ética da UFS, solicitando autorização para a realização desta pesquisa (anexo A).

2.2.1 Observação

A observação é empregada nas pesquisas qualitativas por meio do contato direto do pesquisador com o que está sendo observada, a intenção é “recolher as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de sua perspectiva e seus pontos de vista” (CHIZZOTTI, 2005, p. 90).

Esse procedimento visa fazer uma descrição precisa dos elementos que constituem a situação observada, seja:

[...] os sujeitos em seus aspectos pessoais e particulares, o local e suas circunstâncias, o tempo e suas variações, as ações e suas significações, os conflitos e a sintonia de relações interpessoais e sociais, e as atitudes e os comportamentos diante da realidade (CHIZZOTTI, 2005, p. 90).

Flick (2009, p. 207) aponta como peculiaridade deste método “o fato de o pesquisador mergulhar de cabeça no campo” que está sendo observado “a partir de uma perspectiva de membro”. Ainda conforme o autor a observação é uma das poucas abordagens que podem de fato enfatizar a prática de uma ação, uma vez que as entrevistas conseguem apenas expressar os relatos das práticas.

O minicurso observado nesta pesquisa durou quatro horas e foi ministrado por seis Programadores Neurolinguísticos (PNL) durante o evento Encontro Nacional de Ciência e Habilidades Socioemocionais (CHA-SE).

Quanto à organização do espaço físico, o minicurso aconteceu numa sala de aula da Didática V¹, na própria Universidade, as carteiras da sala foram organizadas em círculo, o que facilitou a interação entre os participantes no momento de realização das dinâmicas. Vale ressaltar que algumas dinâmicas foram realizadas fora da sala de aula, buscando explorar os espaços naturais da unidade de ensino.

Durante o minicurso foram observadas expressões faciais dos participantes, o comportamento, as suas falas e expressividade. Ao término de cada dinâmica a procuramos conversar com os sujeitos para saber o que e como eles estavam se sentindo.

2.2.2 *Entrevistas*

Posteriormente às observações, realizamos cinco entrevistas semiestruturadas, as quais foram gravadas, transcritas e analisadas. O tempo de duração de cada entrevista variou entre vinte e sete minutos a mais de uma hora.

Gaskel (2011, p. 65) aponta a entrevista como uma técnica de “mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes”, para a análise desse procedimento é importante à criação de “esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações”.

Ainda de acordo com Gaskel (2011, p. 66-70) é importante que façamos um planejamento de nossas ações quando optarmos por empregar a técnica de entrevista. Dentro desse planejamento estão o roteiro, os critérios de seleção dos entrevistados e o número de entrevistas. Para atender a esses critérios, elaboramos um roteiro de questões (apêndice B).

¹ Locais onde acontecem as aulas na Universidade Federal de Sergipe.

Construímos o roteiro a partir das hipóteses estabelecidas após o processo de observação do minicurso, essas questões abordaram sobre aspectos da história de vida dos discentes, tendo em vista que o objetivo é através desses relatos reconstruir tais histórias de vida e dar expressividade das HSE identificadas. Essa reconstrução foi amparada pelo contexto literário das habilidades.

A técnica de entrevistas baseada na história de vida segundo Jovchelovitch e Bauer (2011), tem como objetivo dar voz ao pesquisado, impulsionando-o a relatar sobre acontecimentos ligados a sua vida. Chizzotti (2011, p. 101) define a história de vida como “um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida”.

Gaskel (2011), mostra que existem algumas vantagens em aplicar entrevistas individuais em relação às grupais e que cabe ao pesquisador escolher o que melhor atende aos objetivos de sua pesquisa. Diante disso, percebemos que a entrevista individual e com questões moldadas em relato de história de vida, possibilita ao pesquisador obter informações mais íntimas/internas, aquelas que por algum motivo não foi possível serem expressas e/ou visualizadas durante a observação.

Dividimos o roteiro em três eixos temáticos: 1) Singularidades; 2) HSE e 3) Inovação. Vale ressaltar que desses três eixos, foram analisados nesta dissertação o segundo e terceiro eixos, enquanto que outra mestranda que desenvolve o projeto em paralelo analisou o primeiro e terceiro eixos. Após a construção do roteiro, este passou por um processo de validação que se deu em três momentos:

Primeiramente, o roteiro submetemos a três juízes, sendo estes professores doutores da área de Ensino de Ciências, que deram suas contribuições e estas foram acatadas para a construção das questões finais.

Num segundo momento, realizamos uma aplicação comentada com dois alunos também do curso de Ciências Biológicas licenciatura, mas que não estavam inscritos no minicurso observado. A aplicação comentada visa saber se o que estamos perguntando responde aos objetivos da pesquisa. E por fim, fizemos uma entrevista piloto. Essa técnica permite verificar se de fato as respostas obtidas eram suficientes para atender aos objetivos da pesquisa.

A quantidade de entrevistas foram regidas por critérios de saturação, ou seja, as coletas foram suspensas à medida que os discursos começaram a ser repetidos. As

entrevistas foram gravadas e transcritas (anexo B) e organizadas em um *corpus*- texto transcrito das entrevistas.

Para a orientação no processo de análise e categorização dos dados utilizamos como principal referencial Bardin (1977), o qual conceitua a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análises, que visam procedimentos sistematizados e objetivos nas descrições dos dados.

Após transcrição das entrevistas, realizamos uma leitura flutuante das mesmas, com o objetivo de organizar de forma não estruturada aspectos importantes para serem analisados nas próximas fases. De acordo com Bardin (1977) é a partir da leitura flutuante que o pesquisador toma contato com os documentos a serem analisados, conhece o contexto e deixa-se fluir impressões e orientações.

As falas dos entrevistados que remeteram ao universo socioemocional dentro e fora do âmbito acadêmico foram agrupadas em categorias estruturadas à priori, equivalentes às do *big five* como domínios de personalidade, a saber: 1) abertura a novas experiências, 2) Consciência, 3) Extroversão, 4) Cooperatividade e 5) Estabilidade Emocional/Neuroticismo. Cada uma dessas dimensões foi composta por categorias temáticas, sendo essas categorias, equivalentes às habilidades que compõem cada domínio de personalidade.

Fizemos uma segunda categorização, buscando a elaboração a posteriori de categorias que dessem indicativos sobre a compreensão dos discentes sobre práticas inovadoras, 1) Inovação: oposição entre conservadorismo e abertura a mudanças; 2) Inovação como proposta de metodologia escolar; 3) Inovação como proposta de organização de gestão; 4) Inovação como proposta de alteração curricular e 5) Barreiras que inibem as inovações. A construção das categorias a posteriori foram passadas pelo crivo de cinco juízes, entre eles, mestrandos e alunos de iniciação científica, e discutidas no grupo de pesquisa Laboratório de Humanização do Ensino (LHUME). Vale ressaltar, que os temas recortados não são excludentes e que podem estar presente em mais de uma categoria.

Por fim, buscamos comparar se alunos com determinados indicadores para determinadas HSE, apresentavam que tipo de concepções sobre inovação. Para essa análise, as entrevistas foram impressas e recortadas com formatações de texto diferenciadas (padrão, negrito, itálico, sublinhado simples e duplo). A frequência e as percentagens de temas recortados é apresentada e discutidas em tabelas.

2.3 Caracterização dos Sujeitos da pesquisa

Nesse tópico, apresentamos a caracterização dos sujeitos que compuseram os dados empíricos desta pesquisa.

CB1, é do sexo masculino, tem 21 anos, solteiro, mora com os pais, reside na cidade de Aracaju, está no 6º período do curso de licenciatura em Ciências Biológicas, participa de projetos de extensão.

CB2, reside no município de Nossa Senhora do Socorro, tem 31 anos, é casada, mãe de dois filhos, cursa o 6º período, é bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Após terminar o Ensino Médio, não conseguiu trabalho no comércio por não ter experiência e cursos de especializações profissionais requeridas pelo mercado de trabalho. Diante disso, foi trabalhar em casas de família para ajudar nas despesas da casa. Sempre contou com amigas que a apoiavam e a incentivaram a fazer o vestibular. Fez o ENEM duas vezes e na segunda tentativa conseguiu ingresso na universidade pelas cotas do grupo G.

CB3, tem 21 anos, é do sexo masculino, solteiro, mora com a mãe, a irmã e uma tia e desde criança sempre ajudou nos afazeres de casa. Atualmente, coordena um grupo religioso. Seu ingresso na universidade se deu no ano de 2012, pelas cotas para estudantes de escolas públicas, está cursando o último período, sente-se realizado com a profissão que escolheu e diz que não se ver fazendo algo que não seja ou esteja relacionado à biologia.

CB4, tem 34 anos, solteira, tem uma filha de 7 anos, mora com o pai, o irmão e a filha. Atualmente, cursa o 2º período, entretanto, já foi aluna da UFS no ano de 2002, e quando estava no 6º período resolveu abandonar o curso para ir trabalhar. Após 13 anos, fez o ENEM e conseguiu ser reintegrada a instituição. Já atua na área da docência e leciona para turmas de ensino fundamental, médio e cursos profissionalizantes.

CB5, participou apenas do minicurso, tem 25 anos e é do sexo feminino. Cursa o 6º período da licenciatura em Ciências Biológicas, mora com os pais na cidade de Aracaju. CB5 participou apenas do minicurso.

CB6, é natural da cidade de Aracaju, tem 26 anos e é do sexo feminino, mora com os pais. Cursa o 6º período do curso de licenciatura em Ciências Biológicas. Foi participante apenas do minicurso.

CB7, tem 23 anos, é do sexo masculino, reside em Aracaju, mora com amigos em república e seus pais residem em Capela-SE. Participou apenas do minicurso.

CB8 tem 28 anos, mora com os pais e os irmãos na cidade de Lagarto. Trabalha como técnica em enfermagem, e se diz apaixonada pelo trabalho. Em função do trabalho, acabou

atrasando o curso, atualmente se encontra no 10º período, sendo o curso de licenciatura vespertino constituído de oito períodos. Este sujeito participou apenas do minicurso.

CB9, reside no município de Aracaju, tem 27 anos, sexo masculino e mora com os pais. Trabalha em escolas particulares e participou apenas do minicurso.

CB10, natural de Riachuelo-SE, mas reside em Aracaju há mais de 8 anos. Cursa o último período (8º) da licenciatura em Ciências Biológicas, tem 28 anos, é casada e espera um bebê.

CB11, é natural da cidade de Aracaju, do sexo masculino, tem 22 anos, solteiro, mora com a família. Foi aluno do curso de Ciências Biológicas Bacharelado por um tempo médio de dois anos, mas não conseguiu se encontrar nessa área e fez transferência interna para a licenciatura em Ciências Biológicas. Atualmente cursa o 6º período, participa dos movimentos estudantis, já lecionou na educação básica e sente-se realizado ao exercer a profissão. Participou apenas da entrevista.

Consideramos importante a caracterização dos sujeitos para compreendermos as análises dos discursos narrados por estes sobre as HSE e inovação, bem como a relação entre essas temáticas. No próximo capítulo, trazemos uma análise desses discursos e tecemos algumas considerações sobre os mesmos.

CAPÍTULO III: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo apresentamos as descrições detalhadas das observações realizadas na primeira fase de coleta de dados, bem como, as análises das entrevistas realizadas com os cinco discentes do curso de licenciatura em Ciências Biológicas. Especialmente, apresentamos as discussões sobre as HSE e inovação do ponto de vista dos entrevistados dando ênfase à contribuição das mesmas no processo de formação docente. Os relatos foram essenciais para entendermos como as HSE podem intervir no desempenho satisfatório dos alunos, bem como, permitir novos olhares mais humanizados a formação docente e ainda relacionar as HSE a inovação.

Foram analisadas as entrevistas dos sujeitos CB1, CB2, CB3, CB4 e CB11. As falas transcritas e recortadas em temas, com um tamanho médio de uma oração, e agrupadas em cinco categorias construídas a priori (Quadro 3): 1: Abertura a novas experiências; 2: Consciência; 3: Extroversão; 4: Cooperatividade e 5: Estabilidade Emocional. Essas falas refletem possíveis características que embasam o discurso das HSE dentro do contexto educacional, buscando enfatizar quais dessas habilidades contribuem de modo (in) satisfatório ao desempenho dos graduandos em Ciências Biológicas, na perspectiva dos mesmos.

Para as análises dos discursos que remeteram a inovação, criamos cinco categorias temáticas: 1) Inovação: Oposição entre conservadorismo e abertura a novas experiências; 2) Inovação como proposta de metodologia escolar; 3) Inovação como proposta de organização de gestão; 4) Inovação como proposta de alteração curricular e 5) Barreiras que inibem a inovação. Essas categorias são analisadas dentro de um eixo geral, o qual chamamos de Concepções de Práticas Inovadoras.

As falas expressas nessas categorias identificam as opiniões gerais dos entrevistados sobre inovação, e a partir delas traçamos um perfil inovador ou conservador dos mesmos, buscando entender como tais concepções afetam nas mudanças, sejam elas dentro do campo educacional, pessoal ou profissional.

Quanto às análises que buscaram entender a relação entre HSE e inovação, criamos duas tabelas comparativas, nas quais discutimos as HSE que indicam possíveis mudanças inovadoras.

3.1 Descrevendo o minicurso “Desenvolvendo Competências Socioemocionais”

Primeiramente, houve a apresentação dos ministrantes do minicurso, a posteriori, os palestrantes explicaram que seria dividido em cinco dinâmicas, a saber: 1) Consciente e

Inconsciente; 2) *Rapport*; 3) Quem sou eu?; 4) O poder da perspectiva positiva e 5) Cata Joias. Segue uma breve descrição das dinâmicas:

3.1.1 *Consciente e Inconsciente*

Todos os participantes levantaram de suas carteiras e deram as mãos formando um círculo, após isso, foi pedido que cada participante escolhesse um objeto que o representasse e atribuisse características suas a esse objeto, exemplo, o nome do participante, de onde ele é, e o que mais gosta de fazer. Após a escolha do objeto e as características atribuídas, tocou uma música e os participantes começaram a circular e apresentar o seu objeto para um colega, por sua vez, este colega que recebeu o objeto também se apresentava através do objeto escolhido, enquanto a música estivesse tocando os participantes iam apresentando os objetos recebidos para outros colegas, como foram a eles apresentado. Ao término da música, cada participante teve que apresentar o objeto que pegou e direcioná-lo a pessoa a quem pertencia.

Durante o processo da dinâmica percebemos interação entre boa parte dos participantes. Em contrapartida, um grupo de pessoas conhecidas trocaram objetos somente entre si.

[...] preferir trocar o objeto com o meu amigo, porque ia acertar na hora de apresentar (CB5, F, 25 anos).

Nas apresentações dos objetos, poucos conseguiram acertar quem eram os donos e quais as características que foram atribuídas a eles. Diante do observado, compreendemos que houve desatenção por parte dos envolvidos.

Eu pensei em dar mais valor, prestar mais atenção nas pessoas de minha casa, por exemplo, porque eu não acertei aqui porque não julguei importante ouvir o que a outra pessoa tinha a me dizer (CB8, F, 28 anos).

Por outro lado, eles puderam refletir, e expressar em suas falas algumas habilidades como altruísmo, empatia e autoconfiança:

Pensei nos meus alunos, fazer essa dinâmica em sala de aula, porque pude refletir que não dou muita atenção, do mesmo jeito são os meus alunos, eles conversam muito e essa dinâmica é boa para acalmá-los, porque assim como eu refleti, eles podem perceber que também não dão muita atenção aos professores, por exemplo, (CB4, F, 34 anos).

Quando a menina se aproximou de mim para compartilhar o objeto, eu me senti importante de alguma forma para ela (CB2, F, 26 anos).

De acordo com a literatura, características como altruísmo e empatia, se ligam à capacidade que o indivíduo tem de se colocar no lugar do outro para tentar entender ou resolver determinadas situações (PARHOMENKO, 2014).

No *big five*, essas características estão presentes na dimensão “Cooperatividade”. Enquanto que a autoconfiança está contida na categoria “Estabilidade emocional, definida

como a previsibilidade e consistência nas reações emocionais” (SANTOS e PRIMI, 2014, p. 16).

3.1.2 *Rapport*

Em PNL, *Rapport* significa empatia, o quanto os indivíduos tendem a se aproximar de pessoas que compartilhem de características semelhantes as suas criando, portanto, uma atmosfera de confiança. Nessa técnica de *Rapport* os indivíduos ora são condutores, ora são conduzidos, esse procedimento é importante para obtenção de equilíbrio dentro dos relacionamentos.

Para a realização desta atividade é importante explorar ao máximo o ambiente externo e entrar em sintonia com o companheiro que está dividindo a dinâmica. Foi solicitado que os participantes formassem duplas, e caminhassem por dez minutos pelo ambiente externo, um como sombra do outro, sem comunicação verbal. Após os dez minutos o condutor passa a ser sombra e o que era sombra passa a conduzir. É importante que ambos andem no mesmo ritmo, observem as mesmas coisas e se entreguem a ponto de compartilhar tudo que o outro está fazendo. Ao término de cada caminhada, o condutor deverá observar um ponto fixo e memorizar uma imagem, sem dizer para a sua sombra o ponto ou objeto memorizado. Após os 20 minutos, os sombras tinham que adivinhar qual o ponto fixo que o condutor memorizou.

Ao ser anunciado que precisariam formar duplas para o desenvolvimento desta atividade, os participantes ficaram eufóricos, não deixando o ministrante concluir as explicações, evidenciando nesse momento características de ansiedade por parte dos sujeitos. Foram formadas quinze duplas e destas, apenas quatro conseguiram realizar a dinâmica na íntegra, pois se entregaram e entraram em sintonia acertando os pontos memorizados pelos parceiros quando condutores.

Passados os vinte minutos, os participantes voltaram à sala, e cada dupla relatou como foi à experiência de ter realizado a dinâmica. Nos relatos, o discurso mais frequente foi o de demonstrar características de controle sobre a situação em que estavam submetidos.

Guiar é bom porque você faz com que o outro olhe o que você quer ver. Mas dá a sensação de desconforto em saber que está sendo seguido (CB5, F, 25 anos).

Ser sombra não é muito interessante, porque você está submisso ao guiador (CB8, F, 28 anos).

[...] me senti assim (...) meio estranha naquela que a gente tinha que tá seguindo o passo do outro né? (risos) deu uma sensação estranha a gente não saber direito o que aquela pessoa ia identificar, o que a outra pessoa estava olhando não era isso? Então, ali eu vi alguma dificuldade, mas foi bem interessante, bem inovador esse minicurso (CB2, F, 26 anos).

Para os participantes, estar no controle da situação é bom e dá sensação de dominância. Essa característica de controle está presente no *Big Five*, e as falas remetem explicitamente a essa particularidade. Para Karimzadeh, Goordarzi e Rezaei (2012), o indivíduo dotado dessa habilidade pode, quando colocado em situações adversas, sobressair-se, sem descontrole emocional.

3.1.3 *Quem sou eu?*

Os sujeitos receberam uma folha A4, onde tiveram que escrever cinco características mais admiradas em uma pessoa, e posteriormente, enumerar mais cinco características odiadas. Feito isso, a ministrante explicou sobre os três tipos de “eu”. O eu fingido, o eu temido e o eu verdadeiro. O primeiro “eu”, demonstra o “eu” como quero ser visto pelas outras pessoas, ou seja, é expressa uma imagem para as outras pessoas que não é real, por isso, o “eu” fingido. O segundo “eu”, é o que temos receio de mostrar para as pessoas. É o “eu” do medo de quem realmente somos. E o terceiro, é o encontro dos primeiros “eu”, chamado, portanto, de equilíbrio.

Após as explicações, foi pedido para os participantes refletirem sobre o que eles tinham escrito. Eles deveriam refletir que os cinco primeiros itens se referiam ao eu fingido, os outros cinco, negativos, eram os elementos do eu temido, deles, considerando aspectos de projeção. O indivíduo tende a projetar nos outros o que apresenta em si.

Alguns discursos apresentados pelos sujeitos nessa dinâmica foram:

Me chocou essa dinâmica, porque a primeira, pensei numa pessoa que eu gosto muito, foi a minha madrinha de casamento, e a segunda, eu não pensei em ninguém que não goste ou nos defeitos dela, pensei em coisas que me irritam em ver em alguém, que me irrita talvez em mim mesmo, mas não pensei em mim, pensei quando vejo em alguém, por exemplo, a sensação de passividade ou outras sensações, isso me irrita, mas já me disseram que quando a gente odeia demais algo nos outros é porque existe dentro de nós esse mesmo sentimento. E observando alguns fatos e situações que já passei, percebi que eu às vezes ajo assim, e isso me chocou (CB10, F, 29 anos).

Nas características negativas, eu não me comparo não, porque eu coloquei essas características pensando numa colega de trabalho, porque eu amo o que eu faço, porque trabalho com pessoas na área da saúde e eu vejo atitudes de alguns colegas em relação ao comportamento com os outros e por isso, eu não me comparo com as características negativas, é o que eu vejo nele e não quero pra mim (CB8, F, 28 anos).

Os participantes refletiram sobre a autoimagem deles e puderam perceber que a maneira como tratam a si mesmo é reflexo de como as outras pessoas devem tratá-los.

3.1.4 *O poder da perspectiva positiva*

A dinâmica, o poder da perspectiva positiva, teve como objetivo exercitar a capacidade

de enxergar o lado positivo das coisas que acontecem em nossas vidas. Inicialmente a palestrante contou a história de superação do químico Thomas Edison, o inventor da lâmpada, dos problemas que aconteceram e como ele conseguiu dar a volta por cima. Após isso, ela entregou folhas A4 aos participantes e, pediu que eles respondessem a cinco perguntas (Quadro 2), as respostas teriam que ser as primeiras palavras que viessem a mente.

Quadro 2: Perguntas utilizadas para realizar a dinâmica “O poder da perspectiva positiva.”

Quem ou o que em minha vida faz com que eu me sinta mais feliz?

Quem ou o que em minha vida faz com que eu me sinta mais amado (a)?

Quem ou o que em minha vida faz com que eu me sinta mais rico (a)?

Quem ou o que em minha vida faz com que eu me sinta mais apaixonado (a)?

Quem ou o que em minha vida faz com que eu me sinta mais poderoso (a)?

Fonte: Elaboração do autor

Ao responderem, a ministrante pediu que os participantes fechassem os olhos, tomassem uma posição confortável, colocou uma música e solicitou que eles comessem a visualizar mentalmente em forma de imagens as respostas que tinham colocado para cada uma das perguntas, em seguida foi pedido que ampliassem e intensificassem as respostas dadas, tornando as cores do que estavam visualizando mentalmente mais fortes, os sons mais altos, as sensações mais intensas, e isso se repetia a cada uma das cinco perguntas.

[...] quando ela mandou colocar 5 coisas, quem ou o que te faz feliz, eu coloquei (nome da filha), minha filha. Eu depois que fui mãe, passei a viver pra ela e isso me faz feliz. E depois que fiz a dinâmica cata joias, percebi que eu tinha uma vida antes da minha filha e que também era feliz (CB4, F, 34 anos).

Esse momento de reflexão permitiu que os envolvidos ficassem mais livres e espontâneos para expressar suas emoções, que por vezes, escorriam pelos olhos ou eram expressas em belos sorrisos.

Nessa dinâmica, foram trabalhadas HSE como, criatividade, imaginação, confiança e autocontrole. Trabalhar essas habilidades são importantes para formar indivíduos bem-sucedidos, que estejam capacitados para solucionar problemas, nesse sentido, ser criativo e ter uma boa imaginação, pode auxiliar.

3.1.5 Cata Joias

Cata joias, é uma dinâmica utilizada para fortalecer a autoestima das pessoas, é uma técnica de PNL, que busca resgatar momentos importantes que compõem a história de vida dos indivíduos.

Para realização dessa dinâmica, foi solicitada a participação de um discente para demonstrar como eles deveriam fazer uns com os outros, em duplas. A ministrante pediu para

o participante CB4 (quem se disponibilizou a participar da demonstração dinâmica) imaginar uma linha cronológica da vida (passado, presente e futuro). Feito isso, a participante fechou os olhos e começou a imaginar os momentos que marcaram sua vida, partindo cronologicamente do presente, para passado, depois voltando ao presente e indo ao futuro. Enquanto fazia essas transições CB4 relatava aos demais participantes as emoções que sentia, ela era conduzida pela ministrante que buscava saber como ela estava se sentindo, quantos anos ela tinha no momento em que descrevia a situação que estava presenciando, e se ela queria continuar andando para o futuro, ou voltando ao passado.

[...] estou feliz com o que tá acontecendo na minha vida aqui na universidade, ter voltado depois de tanto tempo (presente). Lembrando de quando brincava com meu irmão (passado). Imagino ser aquela professora boa, isso me deixa feliz (futuro) (CB4, F, 34 anos).

Ao término da demonstração, a participante CB4 deu um depoimento expressando como se sentiu ao realizar tal processo.

Sensação de vitória, de coisas que deixei para trás, e agora eu tô bem, de nunca desistir, uma sensação muito boa (choro), coisas que eu achei que queria fazer e desisti, mas que vou continuar fazendo o que me faz bem (CB4, F, 34 anos).

Os demais participantes dividiram-se em duplas e começaram a fazer todo o procedimento ensinado pela ministrante. Alguns relataram as sensações sentidas durante o procedimento da dinâmica.

É uma sensação muito maneira, de prazer... em alguns momentos tive lembranças ruins, mas pedi para voltar mais no tempo para ver se encontrava lembranças melhores. A princípio não acreditei na técnica, achava que não servia, mas quando me submeti a fazer, presenciei a efetividade. Eu desconfieei, mas dei credibilidade e tentei, foi o que fez a diferença (CB5, F, 25 anos).

[...]foi nostálgico, lembrei do ensino médio, casamento, do meu bebê que chegou, das amizades do ensino médio, que infelizmente não consegui manter, e isso me fez chorar, porque eram amizades sinceras (choro). Agora quero viver mais intensamente tudo isso, coisas que eu não fiz, eu quero fazer, coisas que eu quero renovar. Eu tive vontade de voltar e voltar mais, porque tem coisas que as vezes a gente faz lá atrás e na correria dia a dia, na mudança dos rumos a gente quer manter mas não consegue (choro). Há momentos que marcam nossas vidas, a correria do dia a dia, ainda por cima eu casei, tive filhos, tudo isso fez com que acabasse (...) tudo isso é doloroso pra mim (choro) (CB10, F, 27 anos).

Em contrapartida, alguns participantes sentiram-se intimidados e não quiseram participar.

Não quis fazer a dinâmica porque tive medo de reencontrar lembranças do passado... Esse medo me angustia bastante, porque são lembranças ruins e eu não quero reviver isso (CB6, F, 25 anos).

Não me senti a vontade para fazer, tiver vergonha de expor meus sentimentos para os outros, por mais que eu conheça a minha dupla e tudo, mas não consigo falar de mim, colocar o que eu sinto, acho que é vergonha mesmo (CB9, M, 27 anos).

Percebemos que os participantes se emocionaram com essa dinâmica e que maior parte aderiu à participação, entretanto, os participantes do sexo masculino foram menos participativos, enquanto que os do sexo feminino apenas um não quis.

Em linhas gerais, consideramos que o minicurso foi o norteador para a construção do roteiro de entrevistas, o qual compôs o nosso segundo instrumento para obtenção dos dados empíricos.

3.2 HSE associadas ao desempenho (in) satisfatório na licenciatura em Ciências Biológicas

Das cinco categorias elaboradas para esta análise, Consciência foi a que teve maior número de temas (116). Em segundo lugar aponta-se a categoria Cooperatividade com 65 temas e por fim, a menos expressiva foi Extroversão (54).

Dentro da dimensão *Abertura a novas experiências*, trazemos categorias temáticas, relacionadas a quão abertos estão e quais habilidades esses entrevistados dispõem para vivenciar e experimentar novos desafios dentro da academia. São apresentadas discussões em torno de temáticas como: prazer pela aprendizagem/conhecimento, interesse em experiências culturais e criatividade/imaginação.

Na dimensão *Consciência*, identificamos discursos mais comprometidos e relacionados ao desempenho acadêmico positivo. Dentre os temas identificados estão: responsabilidade, organização, disciplina/indisciplina, perseverança. Essas habilidades são colocadas como promissoras e/ou supressoras do desempenho acadêmico.

Para a dimensão *Extroversão*, os discursos estiveram pautados na socialização entre amigos, entusiasmo e autoconfiança na construção e manutenção dos relacionamentos vivenciados dentro e fora do âmbito acadêmico.

Na dimensão *Cooperatividade*, trazemos categorias temáticas como: empatia, altruísmo e sociabilidade. Essas discussões remetem a quanto os indivíduos estão cooperando uns com os outros nas tarefas acadêmicas, bem como, fora da academia.

Por fim, na dimensão *Estabilidade emocional*, são apresentadas temáticas relacionadas a como os indivíduos conseguem agir quando são postos em situações que os tiram da zona de conforto como: segurança/insegurança, calma, serenidade e autocontrole.

Quadro 3: Representação das dimensões de HSE.

Dimensão (fi)*	Categorias temáticas (fi)*	Unidades de Contexto: Exemplos**
Abertura a Novas Experiências (61)	1. Prazer pela(o) aprendizagem/conhecimen to (29), 2. Interesse em experiências culturais (28), 3. Criatividade/imaginação (4)	¹ [...] correr atrás de conhecimento, demonstrar interesse em aprender mais sobre determinados assuntos. (CB3, M, 21 anos). ² [...] a experiência em participar de determinados eventos [...], possibilitou essa abertura. (CB1, M, 25anos). ³ [...] no curso de biologia é o aluno entender que ele é capaz, que ele é criativo e que ele pode chegar lá (longe, ter futuro) é ele saber trabalhar nisso, em cima disso. (CB11, M, 22 anos).
Consciência (116)	1. Responsabilidade/organiza ção (58); 2. Disciplina/Indisciplina (35), 3. Autorregulação (12), 4. Controle da impulsividade (7), 5. Perseverança (4)	¹ [...] eu me vejo muito responsável. Tipo com relação ao pessoal [...] é [...] esse lado de responsabilidade, tipo quando no caso a minha filha ou filho fica doente eu tenho que deixar aqui de lado ((universidade)). (CB2, F, 26 anos). ² Acho que buscar essas técnicas ((de estudo)) [...] porque isso ajuda a gente a ser mais DISCIPLINADO de caso contrário, é muito complicado a gente começar por si próprio. (CB3, M, 21 anos). ³ [...] enfim, eu tô tendo essa crise porque eu tenho pouco dinheiro, MAS TENHO MUITAS RESPONSABILIDADES, E AÍ AINDA tem a COBRANÇA DA SOCIEDADE, meus pais não cobram muito porque eles são bem tranquilos em relação a isso, acho que agora é só da sociedade porque eu tenho 22 anos e não tenho namorada nem namorado, não tenho nada disso então fica essa : ah você tem que casar, tem que se formar, tem que trabalhar, tem tudo isso e tal. (CB11, M, 22 anos). ⁴ [...]olhe, você não pode ser agora por causa disso, disso e disso e daquilo e daquilo, então não dá, SE CONTROLE, TENTE REVERTER ESSAS COISAS, sabe? Manejar esses sentimentos, essas emoções. (CB11, M, 22 anos) ⁵ [...] quando eu terminei o ensino médio eu queria trabalhar, porém como minhas condições financeiras não é e nem são muito boas aí não tinha curso pra poder conseguir um bom emprego, então uma colega

		<p>minha disse assim: CB2, porque você não faz o Enem pra entrar pra universidade? aí eu fiz e foi aí que foi melhorando um pouco as coisas né. Aí consegui entrar no PIBID, aí tenho uma bolsa (risos). (CB2, F, 26 anos).</p>
Extroversão (54)	<p>1. Sociabilidade (29), 2. Autoconfiança (14), 3. Entusiasmo (11)</p>	<p>¹Eu me considero [...] é uma relação boa, falo com todo mundo da universidade e de fora também ... não gosto de intrigas. (CB2, F, 26anos).</p> <p>²Eu tô fazendo o curso que eu gosto e que eu quero, que eu quero como profissão, EU SEI QUE EU TENHO CAPACIDADE DE PASSAR EM MESTRADO e tal por causa da formação que eu estou recebendo aqui. (CB11, M, 22 anos).</p> <p>³[...] o que tem dentro de mim É ESSA MINHA VONTADE de socializar, de trazer, MOSTRAR O QUE EU VIVI E APRENDER O QUE OS OUTROS VIVERAM. Então isso faz com que eu traga minha experiência e que também esteja aberta pra aceitar as experiências dos outros, eu não sou aquele tipo de pessoa fechada, que: ah eu já dou aula há 11 anos eu não tenho nada a aprender! Muito pelo contrário, eu sempre quero aprender e tô aberta pra isso. (CB4, F, 34 anos).</p>
Cooperatividade (65)	<p>1. Empatia (32); 2. Altruísmo (3); 3. Sociabilidade (26); 4. Controle (4).</p>	<p>¹Sou uma pessoa que pensa nos outros. (CB1, M, 25 anos).</p> <p>²[...]eu penso mais antes de agir, eu tomo mais cuidado com as coisas pra preservar minha integridade, a minha vida, porque eu preciso estar presente pra dar suporte a minha filha. (CB4, F, 34 anos).</p> <p>³Eu gosto de trabalhos de grupo, gosto, trabalho bem em grupo, muito embora prefira trabalhar sozinha. (CB4, F, 34 anos).</p> <p>⁴[...] eu tenho que ser a pessoa responsável por fazer a revisão final, porque não é que não confie nas pessoas, mas é porque até pro bem do grupo (risos) eu acho</p>

		melhor. (CB3, M, 21 anos).
Estabilidade Emocional (57)	1. Segurança/Insegurança (28); 2. Calma/serenidade (15); 3. Autocontrole/controle (14).	¹ Eu não sei como agir nessas situações. (CB2, F, 26 anos). ² Eu geralmente [...] dou aquela pausa, respiro e paro pra pensar. (CB4, F, 34 anos). ³ [...] eu acho que a universidade foi um DESCONHECIDO ((característica de desafio e autocontrole)) que eu não tinha contato. (CB3, M, 21 anos).

* Os valores indicados nos parênteses, nas duas primeiras colunas, expressam a frequência simples (fi) dos temas contidos em cada categoria. Os códigos, na última coluna, expressam o número de registro do aluno, seu gênero e idade.

** Os números ao lado dos colchetes identificam os exemplos de unidades de contexto que representam cada uma das categorias temáticas.

3.2.1 Abertura a Novas Experiências

Na dimensão, *Abertura a Novas Experiências*, os indivíduos tendem a demonstrar alto grau de interesse em diversos campos, são caracterizados como aqueles que possuem mente aberta e originalidade (JOHN e SRIVASTAVA, 1999).

A primeira subcategoria temática, *Prazer pela(o) aprendizagem/conhecimento*, é marcada pelos discursos que remetem aos conhecimentos acadêmicos, isso leva a perceber que para os alunos a abertura ao conhecimento técnico específico do curso é o elemento mais importante para a formação.

Quando sou tentado por algo que não conheço. O que eu não conheço me chama a atenção e eu quero buscar respostas. Por ser um curso que está diretamente ligado ao ser humano, tendo em vista que a Biologia é o estudo da vida, muitas coisas eu não sabia e isso me motivou a querer aprender. (CB3, M, 21anos).

Sou tentada pelo que não conheço e aí procuro me esforça para aprender [...] é importante assimilar os conteúdos, ser inteligente. (CB2, F, 26 anos)

[...] EU TENHO QUE SER UM PROFISSIONAL, bom tenho que me empenhar na faculdade, então EU TENHO QUE SIM TENTAR SER O MELHOR DA TURMA, tenho que tentar ser participativo nas turmas, e sentar pra escrever um trabalho e escrever um trabalho muito bom sabe? (CB11, M, 22 anos).

Nas falas apresentadas anteriormente, parte do que é considerado como bom desempenho no curso é atribuído à inteligência, um aspecto racional do ser humano, nesse sentido, as falas estão focadas na racionalidade e compreensão do conteúdo.

Por outro lado, as categorias, *Interesse em experiências culturais e Criatividade/imaginação*, apontam para as atividades da graduação que estimulam e fazem com que esses discentes sintam-se realizados quando se veem como futuros profissionais. Em

conformidade com as sugestões de Maturano e Loureiro (2003) essas HSE permitem a integração social humana auxiliando e fortalecimento emocional dos indivíduos.

Apresentar trabalhos e participar de eventos é gratificante. (CB3, M, 21 anos).

[...] basicamente as aulas de educação, assim voltadas para educação mesmo. Nas didáticas, nas formas avaliativas, nas diversas formas de avaliar. (CB1, M, 25 anos).

Observamos que há um consenso positivo entre o que é oferecido como formação complementar dentro da academia e a participação dos formandos; com isso, podemos pensar em formas de conduzir e até mesmo conceber atividades extras curriculares que contribuam de forma acentuada a formação dos mesmos.

3.2.2 *Consciência*

Na categoria *Consciência*, as discussões englobam características que convergem a um bom desempenho profissional. “Estes sujeitos são autodisciplinados e resistentes a impulsos distrativos e a tentações, tendem a ser mais orientados à organização, ao planejamento e à conclusão de tarefas” (PALMA, 2012, p. 17).

Essa categoria foi a mais representativa em número de temas. As maiores frequências se ligaram às subcategorias temáticas: *Responsabilidade*, *Organização*, *Disciplina* e à *Autorregulação*, que tratam da habilidade de se mostrar responsável e saber como lidar com situações adversas, enquanto, *Controle da impulsividade* – a capacidade de pensar antes de agir para não tomar decisões precipitadas e *Perseverança*, que remete ao não querer desistir antes de tentar, foram menos representativos.

Percebemos nas falas uma intensidade quanto às cobranças individuais para então alcançar um resultado satisfatório nas atividades acadêmicas.

Ah, eu gosto muito de organização, sou uma pessoa bem complexado quanto a isso. (CB3, M, 21 anos).

Minha prioridade é aqui [universidade], por esse motivo acabo tendo menos tempo pra o lado pessoal. (CB2, F, 26 anos).

Sou organizado nos trabalhos da faculdade, gosto de deixar tudo planejado. (CB3, M, 21 anos).

Essas questões de *disciplina* e *autorregulação* vão além das atividades acadêmicas, a exemplo:

[...] tipo eu sei a hora que tem que parar um pouco pra dar mais atenção ao lado pessoal e a hora que eu tenho que focar mais no lado da universidade. Por isso que no próximo período eu vou manejar mais. [...] algumas coisas que acabei fazendo nesse período, eu acabei deixando um pouco de lado [...] um pouco assim [...] pouco tempo pra tá mais assim com os meus filhos, essas coisas, sabe. (CB2, F, 26 anos).

[...] nunca quero deixar a minha responsabilidade nas mãos de uma pessoa [...] ah! Se você fizer isso vai prejudicar a sua vida. (CB3, M, 21 anos).

Os discursos remetem a características aprendidas com as situações vivenciadas, a exemplo, cobrar-se para ser responsável e organizado são atributos que contribuem acentuadamente para o progresso individual. Além disso, essas características são apresentadas em diferentes situações.

Pelo fato de me cobrar responsável quando desempenho uma função. [...] basicamente, na estruturação da monografia, na organização dos temas, nas sequências. O cotidiano me deixa responsável. (CB1, M, 25 anos).

[...] então, o medo de errar, me torna uma pessoa responsável, que tem cuidado para resolver as coisas. (CB2, F, 26 anos).

No caso de trabalho [emprego], não sou de tá me escorando nos outros, eu sei das minhas tarefas e procuro fazê-las responsavelmente. [...] eu tive que ser responsável desde que sai da casa de meus pais. (CB3, M, 21 anos).

Em contrapartida, percebemos nos discursos que a falta de responsabilidade e indisciplina são características marcadas negativamente, por alguns deles, e que acabam prejudicando em alguns aspectos o bom desempenho dos indivíduos no curso.

[...] o que tem me impedido é que eu PROCRASTINO demais as coisas, então isso dificulta bastante... e outra questão, são alguns processos psicológicos que eu tô passando agora em relação à minha sexualidade. (CB11, M, 22 anos).

[...] eu acho que é com AS PESSOAS porque assim, NÃO TEM assim um pouco DE RESPONSABILIDADE e acaba acarretando num peso maior para outras pessoas [quando se trabalha em grupo]. (CB2, F, 26 anos).

Fazer trabalhos de última hora, nem sempre me saio bem quando isso acontece. (CB4, F, 34 anos).

Assim, a falta de planejamento nas tarefas acadêmicas, ou a irresponsabilidade de outros envolvidos, pode expressar valor negativo no desempenho do aluno.

3.2.3 Extroversão

A terceira categoria, *Extroversão*, representada pelas subcategorias temáticas *sociabilidade*, *autoconfiança* e *entusiasmo*, é “definida como a orientação dos interesses e do investimento de energia para o mundo exterior” (SANTOS e PRIMI, 2014, p. 21). Essas orientações foram significativamente expressas nos discursos.

Minha relação com as pessoas é simples, eu consigo socializar bem, não tenho problemas com ninguém. (CB1, M, 25anos).

Na vida acadêmica, por exemplo, tenho uma relação boa com alunos, professores e o pessoal que trabalha na instituição. (CB3, M, 21 anos).

Há momentos em que a gente fica mais à vontade, tem momentos mais sérios, eu consigo conciliar bem com isso [vida pessoal], na universidade é a mesma coisa. (CB4, F, 34 anos).

Apesar de ser uma pessoa calada, mas eu me comunico com as pessoas e tenho uma boa relação. (CB2, F, 26 anos).

Embora a maior representatividade das falas remeta a *sociabilidade*, destacamos também, a *falta de entusiasmo* apresentada em alguns momentos.

[...] eu tento tratar formalmente as pessoas, mas não tenho mais aquele estímulo de chegar e puxar uma conversa com uma pessoa desconhecida como tinha antes. (CB3, M, 21 anos).

Tem horas que você não tá para conversa (...) quando passa por problemas pessoais ou de saúde, mas mesmo assim, não interfere na minha amizade com os colegas. (CB2, F, 26 anos).

Embora eles sintam-se desmotivados, isso não é para eles um agravante primordial para o desempenho insatisfatório.

[...] assim foi uma disciplina que eu acabei deixando passar não tava tendo tempo suficiente para estudá-la, mas já na reta final eu acabei retomando e consegui passar. (CB1, M, 25 anos).

Compreendemos que embora eles não atribuam às relações interpessoais como promissoras no desempenho satisfatório, a dedicação é considerada por eles, como habilidade importante para alcançar o bom desempenho.

3.2.4 Cooperatividade

A categoria, *Cooperatividade*, esteve relacionada às discussões de *trabalho em grupo* - o quanto é assumido o papel de colaboração e *empatia* e *altruísmo*, contemplando, portanto, as ideias de interação social entre humanos.

[...] é uma característica minha, se colocar no lugar do outro. [...] aqui na universidade eu procuro sempre tá é (...) ajudando meus colegas. [...] tipo, eu nunca tive problema com trabalhos em grupo. [...] com a família, bem, passei por alguns problemas familiares, mas é normal. (CB2, F, 26 anos).

[...] pensar nos outros, tentar ajudar o máximo que eu posso, fazer o que eu posso, porém sou um pouco chata. (...) eu gosto de trabalhar em grupo, não tenho dificuldade não, consigo trabalhar bem, é. (CB4, F, 34 anos).

No trabalho de Parhomenko (2014), essas características são entendidas como a habilidade de colocar-se no lugar do outro.

Em contrapartida, também foram apresentados discursos mais individualistas. O que remete a importância de promover o desenvolvimento de HSE no âmbito educacional. Uma aprendizagem pautada em valores, atitudes e habilidades permite ao indivíduo lidar com a própria agressividade e com a do outro, (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2007).

[...] é bem complicado, principalmente se for para trabalhos ACADÊMICOS, EU SOU UM POUCO INDIVIDUALISTA não sei me relacionar em grupo. (...) quero tomar tudo pra mim. (CB3, M, 21 anos).

[...] eu não ia me inscrever pra participar da bolsa do PIBID por que a MINHA MÉDIA NÃO ERA SETE, quando eu entrei aqui aí disseram que a média pra conseguir isso era sete. (CB2, F, 26 anos).

Embora os indivíduos tenham habilidades de empatia e de responsabilidade, percebemos que as habilidades individualistas soam alto na academia, isso pode estar atrelado a priorização de conhecimento técnico, de notas ao concorrem aos editais de iniciação científica e/ou docência, por exemplo.

Edwards (1991) afirma que as habilidades de cooperação e a competição estabelecem aspectos de um mesmo fenômeno relacional, e isso dependerá do contexto e do valor adaptativo de cada tipo de ação. Ou seja, a vivência em situações de coletividade e empatia, irão favorecer positivamente nas relações de bem-estar com as outras pessoas, no entanto, as vivências de competição fará desses indivíduos hostis.

Traços de *controle* e *liderança* também foram expressos quando se referia à cooperação, isso remete mais uma vez a uma questão individualista, entretanto, nessa categoria, não existe papel mais importante que o outro, os indivíduos precisam ter o mesmo grau de importância. Embora o discurso tenha começado com um traço de controle, no seu decorrer é possível compreender que em alguns momentos essa dominância de controle é rompida, sabendo, portanto, dar espaço e vez ao outro.

Não sou aquele tipo encostada, eu gosto de fazer às vezes eu tomo a liderança quando eu vejo que as coisas não tá indo, eu vou e puxo a frente, se eu observo que tá indo ou alguém já se elegeu como líder eu vou e sigo também, não tem problema nenhum, sempre colocando minha opinião, mas respeitando a dos outros, mas eu tenho mais a postura de líder, geralmente eu acabo entrando, colocando a frente né, mas eu não tenho problema de trabalhar em grupo, eu até gosto. (CB4, F, 34 anos).

Embora o *controle* não seja uma característica desse domínio de personalidade, ele foi expresso quando buscamos entender como as relações grupais acontecem no contexto acadêmico, o fato de tomar para si o papel importante e não designar essa mesma importância ao outro é marcada pelo individualismo e que pode acarretar ou dificultar nas relações interpessoais. Diante disso, percebemos que algumas categorias temáticas de HSE estão dependentes uma da outra, por exemplo, *controle* é um traço presente tanto na dimensão *consciência* quanto na *cooperatividade*.

3.2.5 Estabilidade Emocional/neuroticismo

A categoria *Estabilidade Emocional*, compreendeu discursos afetivos sobre quão próximos ou distantes as pessoas se colocam frente a situações que os tiram da zona de conforto. É marcada por características que auxiliam na estabilidade das emoções como *calma/serenidade*, *autoconfiança* e *autocontrole*.

Mantenho a calma, sou paciente. (CB2, F, 26 anos).

É (...) tentando de alguma forma controlar aquela situação, mas tem coisas que de fato não está só sob o nosso domínio. (CB3, M, 21 anos).

Eu já fui muito ansiosa, não que eu não seja ainda hoje, eu até sou um pouquinho, mas já fui muito mais ansiosa, e por ser mais ansiosa eu fazia as coisas muito no impulso, e acabava fazendo cagada né? (CB4, F, 34 anos).

Em contrapartida, falas que remetem a *insegurança* obtiveram uma frequência relativamente considerável, o que pode levar a um desequilíbrio emocional e consequentemente influenciar no desempenho.

[...] um pouco nervosa às vezes (...) eu não sei como lidar com essas situações. (CB2, F, 26 anos).

Eu fico um pouco (...) é angustiado. Aquela sensação de insegurança toma conta de mim. (CB1, M, 25 anos).

Percebemos também que há controvérsias apresentadas nessa categoria, isso pode ser justificado pelo fato de lidarmos com seres humanos, pois embora um indivíduo se considere calmo e paciente, existem situações que essas características são tomadas por outras, exemplo, a insegurança.

Além desses discursos, foram pontuados motivos que podem levar o ser humano a desestabilidade emocional, bem como, o desejo de controlar as situações adversas.

Então, você depender de outras pessoas, isso lhe causa um certo desespero. (CB3, M, 21 anos).

[...] acho que quando alguém muda o foco de alguma coisa que não estava planejado. Quando não me saio bem num seminário, me desestimula. (CB1, M, 25 anos).

Mais uma vez, a categoria temática de *controle* é presente nessa dimensão, o que nos leva a entender que uma determinada habilidade pode ser expressa em diversas situações e a depender do contexto ela desempenhará um papel positivo ou negativo.

3.3 Algumas concepções associadas as práticas inovadoras e as barreiras que as impedem de acontecer

Neste tópico apresentamos as categorias elaboradas para as análises do eixo Inovação (Quadro 4). A categoria Inovação como metodologia escolar foi a que teve maior número de temas (34). Em segundo lugar a categoria Barreiras que inibem a inovação (27). A menos expressiva foi a categoria Inovação como proposta de organização de gestão (17), conforme detalhado a seguir.

Quadro 4: Representação das Categorias de Inovação.

Dimensão (fi)*	Categorias Temáticas (fi)*	Unidades de Contexto: Exemplos**
Práticas Inovadoras e barreiras que as impedem (114)	1. Inovação: Oposição entre Conservadorismo e abertura a mudanças (18)	¹ [...] eu acho que eu sou ... talvez inovadora, por querer levar uma... tipo, uma educação assim diferente [...] me sinto inovadora, esse é meu estilo. (CB2, F, 26).
	2. Inovação como proposta de metodologia escolar (34)	² [...]eu busco trazer novidades né? Pra os alunos, como os minicursos e as oficinas, eu faço aula de campo. (CB4, F, 34 anos).
	3. Inovação como propostas de organização de gestão (17)	³ [...] detectar essas falhas, essas lacunas [...] criar, montar uma espécie de documento algo desse tipo, abaixo assinado, e deve procurar o chefe do departamento [...] ver se há possibilidade dessas alterações. (CB3, M, 21 anos).
	4. Inovação como proposta de alteração curricular (18)	⁴ [...] a grade é muito boa mas tem coisas que poderiam melhorar tem coisas que poderiam ser retiradas da nossa grade, e ser acrescentadas outras. (CB11, M, 22 anos).
	5. Barreiras que inibem a inovação (27)	⁵ Por que não adianta só eu achar isso e os outros alunos não acharem e eu pedir esse tipo de atividade pra departamento e os alunos acharem ruim que tá tendo esse tipo de atividade sabe? Então tem que ser uma atitude coletiva. (CB11, M, 22 anos).

* Os valores indicados nos parênteses, na primeira coluna, expressa a frequência simples (fi) dos temas contidos em cada categoria. Os códigos, na última coluna, expressam o número de registro do aluno, seu gênero e idade.

** Os números ao lado dos colchetes identificam os exemplos de unidades de contexto que representam cada uma das categorias temáticas.

3.3.1 Inovação: oposição entre conservadorismo e abertura a novas experiências

A primeira categoria, *Inovação: oposição entre conservadorismo e abertura a novas experiências*, compreendeu discursos relacionados às concepções sobre ser inovador/conservador. Percebemos que os entrevistados fizeram uma autoanálise sobre essas temáticas e se mostraram inovadores quando se referiam as mudanças em salas de aula ou quando buscam melhoras no que diz respeito às questões de bem estar pessoal e ainda questões relacionadas à política.

Inovadora. Assim, basicamente eu procuro trazer não só aquele conceito tradicional, mas trazer algumas coisas que estejam ao redor do cotidiano dos alunos. (CB1, M, 21 anos).

Depende de qual contexto nós estejamos falando [...] se estivermos falando sobre outras possibilidades de ensino, pesquisa, coisas para sua vida que não afetem a sua moral e ética, me considero inovadora, por exemplo, coisas do seu bem-estar, é bom sermos inovadores. (CB3, M, 21 anos).

[...] inovadora, talvez por pensar assim, querer mudar um pouco a realidade da... tentar mudar é mudar um pouco o ambiente escolar e fazer um pouco coisas mais dinâmicas. Talvez por isso eu seja mais ((inovadora)). (CB2, F, 26 anos).

Eu já fui mais conservadora, hoje eu sou mais inovadora, eu, principalmente no trabalho eu sou aquela professora que toda hora inventa uma moda. (CB4, F, 34 anos).

Se você pensar que conservadorismo no Brasil é ser totalmente quadrado, é você olha pra política e ver os reflexos desse conservadorismo dentro da política, eu me considero uma pessoa inovadora. (CB11, M, 22 anos).

De acordo com Carvalho (1997) o trabalho do professor deve ser direcionado a aprendizagem dos seus alunos, e se os alunos não aprendem é porque não houve ensino. Logo, percebemos que para os entrevistados, o fato de quererem inovar na sala de aula é justamente pensando nessa aprendizagem do aluno.

Por outro lado, também foram apresentados discursos conservadores relacionados à prática profissional, entretanto, a maioria dos entrevistados se considera conservadores quando o que está em quesito é relacionado às questões culturais e de princípios éticos e morais.

Eu já fui mais conservadora [...] antes eu gostava muito mais daquela aula de só escrever, eu adoro, aprendo mais escrevendo, e ainda faço meus quilômetros de quadro copiado. (CB4, F, 34 anos).

Eles tão passando conhecimento. (CB11, M, 22 anos).

Quando se trata de moral e ética eu me sinto muito tradicional, conservadora. (CB3, M, 21 anos).

Conservadora [...] Tipo no meu modo de ser, tipo... por ter assim tipo, não sei explicar como é conservadora. Talvez por eu ter aquela ... tipo, conservar a tradição de família algumas coisas que a gente faz ...que já vem dos tempos de quando meu pai era vivo, essas coisas, a gente ainda continua. Por esse lado talvez eu seja conservadora nesse sentido de tradição familiar. (CB2, F, 26 anos).

Entendemos, portanto, que os discursos apresentados são plausíveis uma vez que permite essa transição dual dos entrevistados, entre ora serem inovadores, ora conservadores. Esse processo de saber se portar diante da situação ou contexto, remete, por exemplo, a traços de habilidades como consciência, são indivíduos conscientes da postura adotada para determinada ocasião. Carvalho (1997) aponta para necessidade de o professor estar consciente da sua ação durante o ensino, uma vez que ele é o responsável pela ação dos alunos enquanto aprendem.

3.3.2 *Inovação como metodologia escolar*

Além dessas autoanálises, foram mencionados alguns exemplos de inovação relacionados às metodologias. Na categoria *Inovação como metodologia escolar*, nos discursos apresentados, os entrevistados se portaram como professores de ciências e biologia, e mencionaram algumas possibilidades de como podem inovar dentro da sala de aula.

[...] aulas em espaços não formais e aí aqui na universidade eu vi que pra um melhor, uma melhor abordagem dos conteúdos, assim chamar mais atenção dos alunos... Seria mais interessante [...] dinâmicas, com jogos [...] podendo usar espaços não formais também [...] então a universidade me proporcionou essa visão mais ampla da [...] da educação. Não só ficar naquele método tradicionalista. (CB2, F, 26 anos).

[...] não tem laboratório, então eu posso fazer um experimento mais simples, utilizando materiais reciclados, por exemplo, é basicamente isso. (CB3, M, 21 anos).

A biologia é um curso que contempla de várias habilidades, ela serve pra o aluno mais tradicional, que gosta de escrever, de copiar, de fazer aquela provinha tradicional, e de estudar pelo livro didático, mas ela também contempla aquele aluno que gosta de ir a campo, de conhecer novas espécies, novas coisas. (CB4, F, 34 anos).

Prigol e Giannotti (2008) apontam para a inserção de aulas interativas, dinâmicas e de caráter inovador dentro das abordagens metodológicas dos conteúdos educacionais, uma vez que essas aulas proporcionam um melhor desempenho nos alunos. Entretanto, o que mais chama a atenção, é que os entrevistados se portaram como profissionais da área, e, raramente os discursos estiveram ligados à formação dos mesmos.

Diante disso, compreendemos que os futuros professores de biologia, mas que atuam na área e por vezes se consideram como professores, dispõem de métodos de ensino que consideram inovadores. Krasilchick (2008) compartilha da ideia de que para o ensino de biologia é essencial o uso de aulas teóricas e práticas, aulas de campo e de laboratorial, ensino por investigação, simulações e demonstrações, pois essas estratégias podem desenvolver nos alunos a criatividade e o interesse em fazer ciências.

Por outro, foi mencionado um exemplo de como o aluno em processo de formação pode inovar metodologicamente ainda na universidade e levar isso para sua prática profissional.

[...] trazer a minha experiência de fora daqui e trazer ideias, sugestões, de repente sentar com os professores como eu fiz com a professora ((nome da professora)), eu disse professora vamos trabalhar. (CB4, F, 34 anos).

Entendemos, portanto, que para construirmos uma nova realidade dentro do processo de formação docente, precisamos exercitar um conjunto de políticas emergenciais e estruturais tanto para os professores, bem como para os alunos, permitindo uma articulação que contemple novas deliberações educativas, curriculares e pedagógicas. Nóvoa (1997) compartilha da ideia de que:

[...] A formação de professores pode cumprir um papel importante na configuração de uma “nova” profissionalidade docente, estimulando a emergência de uma cultura profissional no seio do professorado e de uma cultura organizacional no seio das escolas (NÓVOA, 1997, p. 24).

Assim, é prioridade colocar o professor como sujeito da prática pedagógica, e ainda reconhecer que a formação inicial se fundamenta num equilíbrio entre o apreço da atividade e a formação de seres humanos protagonistas.

3.3.3 *Inovação como proposta de organização de gestão*

Os discursos que se relacionaram as inovações associadas à formação de professores de Ciências Biológicas, compuseram a categoria *Inovação como proposta de organização de gestão*. Foram expostas algumas possibilidades de como os alunos podem em parceria com o corpo docente, os centros acadêmicos e outros atores, pensarem em documentos que permitam algum tipo de mudança e essa por vez interfira positivamente na formação docente.

Essas mudanças elas são de uma responsabilidade comum, tanto dos dirigentes da universidade, quanto dos professores, e também dos próprios alunos, porque também esperar que só os professores façam, que só a universidade faça. Eu acho que o aluno também tem que trazer suas dúvidas, seus problemas, suas dificuldades, e pedir, conversar. (CB4, F, 34 anos).

Acho que de toda a comunidade, tanto a dos universitários tipo os alunos mesmo e o centro acadêmico, acho que seria isso, tipo uma conversa, ne, dialogar. Acho que é isso. (CB2, F, 26 anos).

O departamento de biologia não tem nenhum tipo de atividade de extensão com as escolas. Eu sei que tem ((nome do curso de extensão)) que é do ((nome de outro departamento da UFS)), mas o departamento de biologia ao qual eu faço parte não tem nenhum tipo de atividade de extensão. (CB11, M, 22 anos).

O CURSO precisa oferecer bons professores, apesar de que a maioria assim são, pelo menos os que eu peguei, a maioria são bons. (CB2, F, 26 anos).

Eu acho que é uma coisa que seria bacana seria colocar os professores do ensino básico, da educação básica em contato com os alunos que estão tendo dificuldades pra que posam estar ajudando e tal, não sei, poderia ser um programa de extensão bacana que poderia ser. (CB11, M, 22 anos).

Primeiro, a nível dos estudantes, que possibilite a comunicação com a chefia do departamento que consequentemente vai se reunir com o corpo acadêmico e assim, se dialogar possíveis mudanças. (CB1, M, 21 anos).

Percebemos que nessa proposta de inovação, é preciso que haja a presença de muitas pessoas e/ou setores envolvidos, o que denota a ideia de determinadas habilidades como sociabilidade e empatia, uma vez que esses indivíduos precisam debruçarem e buscarem um bem comum a todos.

3.3.4 *Inovação como alteração curricular*

Ainda nessa perspectiva de inovações, a categoria *Inovação como alteração curricular*, trouxe discursos que remetem as alterações acontecidas na grade curricular do curso de licenciatura em Ciências Biológicas e/ou alterações sugeridas pelos entrevistados na prática dos professores do curso.

Olha, o curso de biologia em si, ele, da época que eu comecei e parei pra essa época agora, ele inovou muito. Ele trouxe uma vivencia que nós não tínhamos antes, ele trouxe disciplinas que colocam a gente pra trabalhar com o aluno, pra trabalhar com pessoas diferentes, pra viver novos mundos, pra entender o seu público que você vai pegar mais adiante. (CB4, F, 34 anos).

Eu acho que sou EU QUE TENHO QUE MOSTRAR pra sociedade tem que mostrar pra o DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA que eu necessito de melhorias dentro da minha formação... é um curso muito bom? é. é... a GRADE é muito boa, mas tem coisas que poderiam melhorar, tem coisas que PODERIAM SER RETIRADAS DA NOSSA GRADE, E SER ACRESCENTADAS OUTRAS. (CB11, M, 22 anos).

Percebemos que essas alterações curriculares são pensadas e justificadas pelos entrevistados, ao mencionarem que embora seja um curso de licenciatura, as disciplinas estão pautadas na construção de conhecimentos científicos técnicos.

[...] aqui no nosso caso que é um curso de licenciatura, falta aos professores das disciplinas uma preparação um pouco específica, especial, para preparar professores, ELES ENSINAM OS CONTEÚDOS, mas a gente sabe que ensinar o conteúdo e ENSINAR A ENSINAR O CONTEÚDO É DIFERENTE. (CB3, M, 21 anos).

[...] não teve nenhuma disciplina na UFS que me permitisse, como eu tenho que ENSINAR, MINISTRAR UMA AULA DE CAMPO, então, na teoria eu sou OBRIGADO A INOVAR, mas na prática NÃO tenho uma disciplina, por exemplo, zoologia de campo, botânica de campo, para que me prepare par que futuramente eu possa dar uma aula de campo. (CB3, M, 21 anos).

Mais uma vez a formação de professores é mencionada como técnica, nesse sentido, destacamos a importância de preparar e formar professores que assumam na prática uma atitude reflexiva, pois mediante essa postura reflexiva podemos enquanto profissionais da área de ensino aumentar a capacidade de enfrentar as desigualdades e incertezas existentes quando exercermos a profissão (ZEICHNER, 1993).

No que diz respeito às mudanças de grade curricular, Pimenta (1997) destaca que os:

[...] cursos de formação, ao desenvolverem um currículo formal com conteúdos e estágios distanciados da realidade das escolas, numa perspectiva burocrática e cartorial que não dá conta de captar as contradições presentes na prática social de educar, pouco tem contribuído para gestar uma nova identidade do professor docente (PIMENTA, 1997, p. 32).

Entretanto, entendemos que essas questões de mudança de grade curricular são complexas e o curso em si, exige uma postura científica, então, para amenizar esses problemas é sugerido pelos entrevistados que haja pelo menos uma mudança por parte dos professores que lecionam as disciplinas específicas.

Tipo, o negócio é que não foi só eu, tipo, A METADE DA TURMA, tipo ((nome da disciplina)) tem um ALTO ÍNDICE DE REPROVAÇÃO, ((nome da disciplina)) também, é ((nome da disciplina)) mais ou menos também, então acho que o professor também se ele tivesse mudado um pouco o o modo de ensinar talvez tivesse ajudado a gente, também por que não só foi eu, muitas outras pessoas também. (CB2, F, 26 anos).

Diante dessas colocações, percebemos o quanto precisamos pensar e refletir no modelo de formação docente, desconstruindo esse padrão de racionalidade técnica e permitir uma educação mais humanizada, com tendências investigativas que valorize a formação do professor reflexivo (ALARCÃO, 1996; SCHÖN, 2000; MALDANER, 2006).

3.3.5 *Barreiras que inibem a inovação*

Diferentemente das propostas inovadoras apresentadas nas categorias temáticas anteriores, esta categoria, *Barreiras que inibem a inovação*, nos mostra em geral, as justificativas, segundo as opiniões dos entrevistados, pelas quais não são realizadas mudanças educacionais no processo de formação inicial.

[...] se eu realmente seria atendido (receio de não ser atendido) [...] eu acho que o apoio, o apoio dos demais talvez não seria tão satisfatório assim consequentemente acabaria me inibindo. (CB1, M, 21 anos).

[...] esse é o principal bloqueio, o medo de me sobrecarregar. (CB3, M, 21 anos).

Aí as vezes eu acho que é só eu que acho assim então NÃO TEM NECESSIDADE DE EU COMPARTILHAR. Eu acho que isso é uma dificuldade, é uma coisa que me impede muito de me expor. (CB11, M, 22 anos).

[...] talvez você pensa que vai envolver os alunos e eles até podem se envolver, mas na participação efetiva sobrecarregue a mim, no caso. Isso é o principal bloqueio, o medo de me sobrecarregar. (CB4, F, 34 anos).

Ainda nessa perspectiva, encontramos um discurso em que o sujeito se exime totalmente da responsabilidade de criar essas mudanças. Entretanto, sugere algumas possibilidades de como tentar fazer com que as inovações aconteçam na academia.

[...] EU TÔ SAINDO GENTE (risos). Eu acho que é detectar o problema como falei e mobilizar, buscar se mobilizar, porque às vezes A GENTE ESPERA MUITO DOS OUTROS, dos professores, do coordenador de curso, mas a gente ACABA ESQUECENDO DE FAZER A NOSSA PARTE, muito mais cômodo criticar do que resolver o problema [...] buscar mobilizar os alunos, porque falta muito isso, reunião, discussão e tudo mais com todos os alunos, para que juntos, de diferentes períodos, a gente possa detectar quais os problemas do curso e definir algumas prioridades como [...] são trabalhadas as disciplinas num curso de licenciatura e levar para o departamento. E aí a minha participação enquanto aluno é mobilizar ou participar da mobilização. (CB3, M, 21 anos).

Por outro lado, encontramos um discurso que vai de encontro ao perfil inovador, mas que por vezes ele é bloqueado pelo fato de requerer algumas habilidades.

Eu tenho um PERFIL de PROPOR MUDANÇAS, acredito que sim, porém, entra na questão de ser mais uma responsabilidade e aí eu corro o risco de me sobrecarregar,

talvez essa ideia de não envolver os alunos e de ser mais uma responsabilidade isso vá indiretamente bloquear. (CB4, F, 34 anos).

Compreendemos que além do medo de sobrecarregarem e de dependerem de uma mobilização coletiva, há ainda, a necessidade de sentir-se motivado para que então sejam quebradas essas barreiras que limitam a inovação.

Eu acho que seria parar, pensar melhor, planejar algumas coisas e conversar com os alunos e tentar... e COMEÇAR A INCITAR ISSO NO OUTRO, sabe? Pra que essas questões sejam levantadas pra saber deles o que precisa ser melhorado pra que a gente seja mais incentivado, SEJA melhor MOTIVADO e eu acho que é isso. (CB11, M, 22 anos).

A teoria da motivação parte do pressuposto que deve existir algum fator que desencadeia uma ação, e em contrapartida lhe dá uma direção, a qual chegará a um rumo objetivo (GUIMARÃES; BORUCHOVITCH, 2004). Nesse sentido, a motivação pode ocorrer em duas instâncias, quando o indivíduo tem vontade própria e propõe a ação, ele é guiado por motivos intrínsecos, mas quando essa motivação depende de outros fatores externos, é dado o nome de motivação extrínseca.

O exemplo do entrevistado CB11, nos mostra que a motivação precisa ser trabalhada, primeiramente individual, e à medida que o indivíduo sente-se motivado ele é capaz de motivar os demais que estão à sua volta. Oliveira (1978, p. 20) compartilha da ideia de que “as mesmas forças que determinam o processo educativo interferem na motivação: biopsíquicas e sócio-culturais”.

[...] quando a gente ver professores interessados nos alunos também e reconhecendo aquele aluno que foi bem na matéria, nas disciplinas e no laboratório. Eu ouvi minha orientadora dizer que minha monografia está indo muito bem, que eu escrevo bem e que o referencial tá bom, isso me incentiva bastante, me faz querer melhorar. Pra mim, o que conta muito é o incentivo dos docentes. (CB11, M, 22 anos).

Nesse sentido, quando nos referimos à formação de profissionais da educação, entendemos que há vários fatores que motivam o ser humano, desde o convívio social, os afetos, as conquistas, a atenção que é dada, até o estímulo e a interação entre professor e aluno.

O que podemos inferir após os discursos que compuseram essas categorias temáticas do eixo inovação, é que são congruentes com as categorias apresentadas no referencial teórico deste trabalho, no qual encontramos um percentual superior de textos relacionando inovação como novas metodologias e práticas em sala de aula, em detrimento de gestão e currículo.

Além disso, a categoria de barreiras a inovação, nos mostra em linhas gerais que embora os entrevistados tenham propostas inovadoras que vão desde a mudança pedagógica e curricular até a gestão, eles ainda sentem-se inseguros em propô-las.

3.4 Relação entre HSE e Inovação

Neste tópico apresentamos uma análise comparativa entre as categorias de HSE e de inovação, essa relação se baseia na quantidade de temas e nas percentagens. Buscamos compreender quais categorias das HSE estão mais próximas de qual tipo de inovação.

A categoria Consciência foi a mais frequente nas discussões sobre as HSE com um total de 116 temas, seguida da categoria Cooperativdade (65). Enquanto que a menos representativa em número de temas foi a Extroversão (54) (tabela 01).

Nessa perspectiva, pensamos em como essas categorias se relacionaram com as de inovação. Em número de temas, a categoria mais representativa foi a Inovação como proposta de metodologia escolar (34). A segunda categoria mais representativa em temas foi Barreiras que inibem as inovações (27). E em último, a Inovação como proposta de organização de gestão (17) (tabela 02).

Tabela 1: Distribuição dos temas e frequências por categorias de HSE.

Sujeito HSE	Abertura a Novas Experiências	Consciência	Extroversão	Cooperatividade	Estabilidade Emocional	Total de Temas Entrevistado /Categoria
CB1	1* 1,6%**	9 7,8%	4 7,4%	6 9,2%	3 5,2%	23 6,5%
CB2	8 13,1%	19 16,4%	7 13%	17 26,2%	20 35,1%	71 20,1%
CB3	15 24,6%	44 37,9%	8 14,8%	10 15,4%	10 17,5%	87 24,7%
CB4	17 27,9%	21 18,1%	19 35,2%	24 36,9%	12 21,1%	93 26,3%
CB11	20 32,8%	23 19,8%	16 29,6%	8 12,3%	12 21,1%	79 22,4%
Total de Temas por Categoria	61 17,3%	116 32,9%	54 15,3%	65 18,4%	57 16,1%	353 100%

*Esses valores representam a frequência absoluta dos temas. ** As percentagens são apresentadas com relação ao todo discursado.

Tabela 2: Distribuição dos temas e frequências por categorias de Inovação.

Sujeito Inovação	Inovação: Oposição entre conservadorismo e abertura a mudanças	Inovação como proposta de metodologia escolar	Inovação como proposta de organização de gestão	Inovação como proposta de alteração curricular	Barreiras que inibem a inovação	Total de Temas Entrevistado/ Categoria
CB1	2* 11,1%**	2 5,9%	1 5,9%	1 5,5%	4 14,8%	10 8,8%
CB2	4 22,2%	6 17,6%	2 11,8%	4 22,2%	10 37,1%	26 22,8%
CB3	5 27,8%	9 26,5%	5 29,4%	8 44,4%	8 29,6%	35 30,7%
CB4	3 16,7%	12 35,3%	3 17,6%	3 16,7%	1 3,7%	22 19,3%
CB11	4 22,2%	5 14,7%	6 35,3%	2 11,1%	4 14,8%	21 18,4%
Total de Temas por Categoria	18 15,8%	34 29,8%	17 14,9%	18 15,8%	27 23,7%	114 100%

*Esses valores representam a frequência absoluta dos temas. ** As percentagens são apresentadas com relação ao todo discursado.

Compreendemos que para este grupo de pesquisados houve uma tendência de que, quanto mais conscientes são os indivíduos mais eles tendem a inovar metodologicamente, considerando que essas duas categorias foram as que expressaram maior frequência de temas. As justificativas para que essa relação tenha aparecido, é dada quando traçamos o perfil dos pesquisados e percebemos que dos cinco entrevistados, um é professor da educação básica, e os outros quatro já tiveram a oportunidade de atuar e/ou trabalhar em escolas seja como professores ou PIDIB, sendo este último um programa associado a produção de matérias didáticos e ao exercício da docência.

Eu faço parte do PIBID e então no PIBID a gente tem que tá criando sempre atividades, então, teve uma atividade que foi, porque assim, um bolsista fica responsável por uma atividade, mais a frente, teve uma atividade que depois eu pensei, aí depois eu fiquei pensando que eu fui muito criativo e inovador até, sem sair da escola, porque eu fui lá na quadra, observei se tinham as espécies que eu queria, e aí a GENTE FEZ UM TABULEIRO HUMANO, ao invés de ser um tabuleiro jogado na sala de aula, com dados e com pinos, OS PRÓPRIOS ALUNOS ERAM OS PINOS, acho que foi uma coisa que me marcou, porque deu muito certo, tudo funcionou como tinha que funcionar, e FOI INOVADOR ATÉ PARA OS PRÓPRIOS ALUNOS, porque eles relataram lá nos questionários que TODAS AS AULAS PODERIAM SER DAQUELE JEITO, então, é só um caso que me lembre aqui. (CB3, M, 21 anos).

[...] MUDAR um pouco seu MODO de... DE AVALIAR O ALUNO, DE EXPOR O SEU CONTEÚDO, também ajudaria muito e de motivar mais. (CB2, F, 26 anos).

Através de perguntas pra possibilitar a participação ou então a indagação, podem ser imagens, vídeos, ou até mesmo atividades práticas. (CB1, M, 21 anos).

[...] as questões ambientais de TRABALHAR COM EDUCAÇÃO AMBIENTAL dentro de SALA DE AULA, trabalhar com a sensibilização pra que o ALUNO entenda que ele está INSERIDO NO ECOSISTEMA, que foi ocupado pelo homem e todas essas questões. (CB11, M, 22 anos).

[...] ah! eu já DOU AULA HÁ 11 ANOS eu não tenho nada a aprender! pelo contrário, EU SEMPRE QUERO APRENDER e tô aberta pra isso. (CB4, F, 34 anos).

Em linhas gerais, podemos compreender que as habilidades de organização e responsabilidade que compõe a categoria consciência com 32,9%, são necessárias, segundo os entrevistados para que o professor inove metodologicamente (29,8%). É preciso estar organizado para lidar com realidades diferentes, a partir disso, criar condições ou adequá-las, para que então sejam os autores das mudanças.

[...] se você BUSCAR FONTES ALTERNATIVAS e realmente se envolver nas aulas, e tem algumas aulas que por si só não são suficientes, então, buscar materiais que podem auxiliar que é isso, buscar alternativas, ser disciplinado e esforçado, disciplinado principalmente. Ter organização de seus horários de estudo, se é hora de estudar é hora de estudar e não tá assistindo jogo, nem assistindo novela, nem tá no celular, abandona o celular por uma hora e estude. (CB3, M, 21 anos).

Os discursos centrados na categoria Cooperatividade (18,4%), segunda mais representativa em frequência, mostra uma relação com as barreiras que inibem as inovações

(23,7%). Podemos inferir que as inovações não acontecem na academia, posto precisarem do trabalho coletivo, e o medo de não serem atendidos pelos outros, os bloqueiam a propor inovações.

Na vida acadêmica, O MEU MEDO é fazer as coisas sem pensar e acabar fazendo algo que prejudique as pessoas. Eu não gosto de prejudicar ninguém, eu acho que coisas que eu observo que vão prejudicar alguém eu acabo: ih não pera aí! Vamos pensar direitinho, e já fico com o pé atrás, porque eu não gosto disso, eu acho que tem que trabalhar pro bem coletivo. O que você não quer pra você, não quer pro outro. (CB4, F, 34 anos).

Talvez O MEDO DE NÃO ACEITAREM, de não ser ... É DE MAIS PESSOAS porquê... já que não é só ... não resolverem o problema, acho que talvez mais o medo mesmo. (CB2, F, 26 anos).

Eu tenho um perfil de propor mudanças, acredito que sim, porém, entra na questão de ser mais uma responsabilidade e aí EU CORRO O RISCO de me sobrecarregar, talvez essa ideia DE NÃO ENVOLVER OS ALUNOS e de ser mais uma responsabilidade isso vá indiretamente bloquear, mais uma responsabilidade, mais uma coisa que [...] Isso é o principal bloqueio, O MEDO de me sobrecarregar. (CB3, M, 21 anos).

((para inovar é preciso)) [...] não ver só o defeito do aluno e o aluno não ver só o defeito do professor ... acho que é isso. (CB2, F, 26 anos).

Essas discussões de que as inovações não chegam até as salas de aula por falta de cooperatividade são apresentadas por Carvalho e Gil-Pérez (2006) e Briccia e carvalho (2016), segundo os autores, os profissionais da educação precisam refletir e pensarem coletivamente em como eles podem inovar juntos, mas enquanto persistirem em discussões individualistas, o sistema educacional ficará carente de inovações.

Por outro lado, foram pontuados discursos de coletividade, sugestões de como o aluno enquanto está sendo formado seja participativo e compartilhe experiências vividas para que os demais possam propor inovações em cima dessas experiências. Para Saviani (1995, p. 30) a inovação educacional é entendida como "colocar a experiência educacional a serviço de novas finalidades", assim, compreendemos que toda inovação surge de questionamentos da experiência educacional.

Então o meu papel e de qualquer outro aluno é trazer sugestões, suas realidades, suas dúvidas, E TRABALHAR JUNTO COM OS OUTROS COLEGAS E OS PROFESSORES PRA DIVIDIR ESSAS EXPERIÊNCIAS. (CB4, F, 34 anos).

[...] mas a maioria já está mais aberta a atividades diferentes do que a gente tinha antes, EU ACHO QUE ESSA É UMA RESPONSABILIDADE COMUM. (CB4, F, 34 anos).

Félix e Navarro (2009), colocam a escola como promissora no desenvolvimento de habilidades que os permitam lidar com essas situações de insegurança. Nessa perspectiva, compreendemos que as propostas de inovações como uma organização de gestão poderiam

inferir positivamente nas construção de inovações coletivas, se considerarmos que um bom gestor, deve gerir pensando no bem estar de todos os envolvidos.

Para a relação entre as categorias menos expressivas, Extroversão (15,3%) e Inovação como proposta de organização de gestão (14,9%), não conseguimos ver uma afinidade, considerando que para gerir ou propor inovações de gestão, precisaríamos de discursos mais conscientes e cooperativos. Mas que de forma alguma, eximimos a importância de habilidades como entusiasmo e de interatividade entre os indivíduos.

A categoria Abertura a novas experiências manteve uma frequência de 17,3% dos temas, o que julgamos intermediária. Logo, compreendemos que as habilidades que compõem essa categoria tendem a relacionar-se com as categorias de Inovação: oposição ao conservadorismo e abertura a mudanças e Inovação como alteração curricular, com uma frequência de 15,8% para ambas.

No primeiro caso, encontramos discursos do tipo:

[...] percebi que a GENTE PODE SER O AUTOR DA NOSSA PRÓPRIA HISTÓRIA [...] a gente cresce quando a gente tá fazendo uma coisa que não era [...] a gente tem que SEMPRE BUSCAR INOVAR. (CB3, M, 21 anos).

[...] eu NÃO SOU aquele tipo de pessoa FECHADA [...] Muito pelo contrário, eu sempre quero aprender e TÔ ABERTA pra isso. Eu acho que estar aberta pra novas experiências e também pra trazer minha bagagem, eu acho que contribuo mais com esse fator. (CB4, F, 34 anos).

A medida que os indivíduos se permitem conhecer novas possibilidades, eles passam a escrever sua própria história, e essa abertura pode de alguma forma contribuir na promoção de inovações, sejam elas diretamente acadêmicas ou não. Por outro lado, quando eles se retraem ou internalizam suas emoções, algumas habilidades podem ser perdidas.

[...] eu tenho um irmão mais velho, [...] a gente brincava junto, a gente INVENTAVA BRINCADEIRA junto, EU ERA muito IMAGINATIVO na infância. (CB11, M, 22 anos).

Quando pensamos na abertura a novas experiências, relacionadas às questões de currículo, entendemos que quanto mais abertos a mudanças formos, mais iremos inovar. De acordo com os discursos, o curso de licenciatura em Ciências Biológicas, embora apresente muitas disciplinas pautadas na tecnicidade, como discutido no tópico anterior, o mesmo permite ao discente escolher mostrar-se mais conservador ou inovador.

A biologia é um CURSO que contempla de várias habilidades, ele serve pra o aluno mais tradicional, que gosta de escrever, de copiar, de fazer aquela provinha tradicional, e de estudar pelo livro didático. Mas, ela também contempla aquele aluno que gosta de ir a campo, de conhecer novas espécies, novas coisas e como licenciatura também contempla essa questão do cara que consegue se expressar melhor, que vai chegar e vai ter uma oratória bacana, então eu acho que o CURSO DE BIOLOGIA, DE LICENCIATURA EM BIOLOGIA é um curso que contempla

várias habilidades. E aí CABE AO ALUNO, NÉ, O LICENCIANDO ACHAR O SEU PONTO FORTE E TRABALHAR EM CIMA DISSO, porque dá pra você trabalhar em várias áreas, em várias habilidades. (CB4, F, 34 anos).

Embora os relatos citados na categoria de inovação como alteração curricular apresentados no tópico anterior, tenham se prendido aos conteúdos técnicos, nesse momento, percebemos que o currículo do curso permite ao discente a livre de escolha de se mostrar conservador ou inovador.

Analogamente, apresentamos uma análise das relações de HSE e inovação, mas dessa vez por indivíduo, ou seja, um indivíduo com determinada habilidade propõe qual tipo de inovação?

Dentro das categorias de HSE (tabela 03), o indivíduo que mais contribuiu com essa temática foi CB4 com 26,3% das falas que compuseram as cinco dimensões de análise. Em segundo lugar, CB3 com 24,7% do todo discursado. Os indivíduos CB2 e CB11 mantiveram uma frequência parecida com 20,1% e 22,4%, respectivamente. O indivíduo que menos contribuiu para o todo discursado no eixo das HSE foi CB1 (6,5%).

Para as análises por sujeito para a temática Inovação, percebemos que CB3 foi o que mais contribuiu com 30,7%. Em segundo lugar CB2 (22,8%). E por último, CB1 com 8,8% do todo discursado (tabela 04).

Tabela 3: Distribuição dos temas e frequências de HSE por indivíduos.

Sujeito HSE	Abertura a Novas Experiências	Consciência	Extroversão	Cooperatividade	Estabilidade Emocional	Total de Temas Entrevistado/ Categoria
CB1	1* 1,6% **	9 7,8%	4 7,4%	6 9,2%	3 5,2%	23 6,5%
CB2	8 13,1%	19 16,4%	7 13%	17 26,2%	20 35,1%	71 20,1%
CB3	15 24,6%	44 37,9%	8 14,8%	10 15,4%	10 17,5%	87 24,7%
CB4	17 27,9%	21 18,1%	19 35,2%	24 36,9%	12 21,1%	93 26,3%
CB11	20 32,8%	23 19,8%	16 29,6%	8 12,3%	12 21,1%	79 22,4%
Total de Temas por Categoria	61 17,3%	116 32,9%	54 15,3%	65 18,4%	57 16,1%	353 100%

*Esses valores representam a frequência absoluta dos temas. ** As percentagens são apresentadas com relação ao todo discursado.

Tabela 4: Distribuição dos temas e frequências de Inovação por indivíduos.

Sujeito Inovação	Inovação: Oposição entre conservadorismo e abertura a mudanças	Inovação como proposta de metodologia escolar	Inovação como proposta de organização de gestão	Inovação como proposta de alteração curricular	Barreiras que inibem a inovação	Total de Temas Entrevistado/ Categoria
CB1	2* 11,1% **	2 5,9%	1 5,9%	1 5,5%	4 14,8%	10 8,8%
CB2	4 22,2%	6 17,6%	2 11,8%	4 22,2%	10 37,1%	26 22,8%
CB3	5 27,8%	9 26,5%	5 29,4%	8 44,4%	8 29,6%	35 30,7%
CB4	3 16,7%	12 35,3%	3 17,6%	3 16,7%	1 3,7%	22 19,3%
CB11	4 22,2%	5 14,7%	6 35,3%	2 11,1%	4 14,8%	21 18,4%
Total de Temas por Categoria	18 15,8%	34 29,8%	17 14,9%	18 15,8%	27 23,7%	114 100%

*Esses valores representam a frequência absoluta dos temas. ** As percentagens são apresentadas com relação ao todo discursado.

Diante desses dados, compreendemos que cada indivíduo contribui de forma única e acentuada para os tipos de inovações aqui discutidos. O indivíduo CB11 (32,8%) foi o que mais contribuiu em termos de discursos na categoria abertura a novas experiências, embora não se considere uma pessoa que saiba lidar com as aberturas as mudanças, mas aos poucos, segundo ele, a sua mente se abre aos novos horizontes e possibilidades.

[...] eu não gosto da incerteza futura, realmente não sei lidar, e no momento que é uma coisa incerta, aí eu começo a passar mal [...] EU TENTO SEMPRE ME ABRIR AS NOVAS EXPERIÊNCIAS, mas quando eu me abro, a minha cabeça começa a ir a mil [...] E a ficar um pouco, não sei se eu quero e fico um pouco indeciso a essas incertezas e experiências novas. Mas, até agora os resultados tem sido bons dessas experiências novas que eu tenho enfrentado. Então, eu acho que preciso mudar isso aí, ser mais aberto. MAS EU GOSTO DE APRENDER COISAS NOVAS, de encarar e VIVENCIAR NOVAS COISAS, gosto de MUDANÇAS, mas ainda NÃO SEI LIDAR DIREITO com elas (risos). (CB11, M, 22 anos).

Ao buscarmos entender essa relação com a inovação, percebemos que para o sujeito CB11, ter a mente aberta a mudanças vai ao encontro de uma inovação de gestão e que para inovar, o como fazer é o mais importante do que o que fazer. A mudança está em si enquanto aluno, e é preciso mostrar que é o protagonista da ação.

[...] o departamento de biologia ele é um pouco fechado nos professores, então é... a gente só foi descobrir que aluno podia assistir as reuniões do departamento, poderia estar presente nas reuniões do departamento... foi no fim do ano passado, que a gente foi descobrir isso e tipo, é uma coisa que tá no ESTATUTO e que a GENTE TEM ACESSO, que a gente deve estar lá, que A GENTE PASSE A NOSSA OPINIÃO TAMBÉM. (CB11, M, 22 anos).

[...] OS PROTAGONISTAS são os ALUNOS, então eu acho que procurar e pedir a participação dos alunos é uma coisa que eu acho bacana. (CB11, M, 22 anos).

[...] tenho meus lados machistas, mas eu SOU BEM MAIS ABERTA do que ele. [...] EU ABRI MAIS OS MEUS HORIZONTES não que eu não fosse uma pessoa que fosse preconceituosa não, mas eu ampliei mais porque eu vi mais coisas então eu fui ampliando meus horizontes. (CB11, M, 22 anos).

O “bom relacionamento interpessoal, a flexibilidade e a comunicação” são habilidades que permitem aos gestores lidar mais facilmente em situações conflituosas que venham surgir (BORBA et al 2011).

Uma coisa que me ajuda bastante, que têm me ajudando bastante até agora é uma RELAÇÃO À MILITÂNCIA NEGRA. EU FAÇO PARTE da militância negra e ... e eu ter acesso a escola e a adolescentes e crianças que estão em formação, né e isso tudo, EM FORMAÇÃO DE PENSAMENTO E SENSIBILIZAÇÃO DA CONSCIÊNCIA e todas essas questões ajuda bastante nisso. (CB11, M, 22 anos).

Essa relação pode também ser compreendida pelo fato de este indivíduo participar de movimentos de militância, bem como da política de centro acadêmico, o que o torna inteirado dessas questões de gestão.

O indivíduo CB3 contribui de forma acentuada em todas as categorias de inovação, o que nos permite dizer que ele tem HSE bem desenvolvidas, mas não necessariamente estão sendo postas em prática.

[...] uma coisa que eu TENHO DENTRO DE MIM mesmo de NÃO CRIAR EXPECTATIVA. De não criar expectativa em nada. Então eu não criei expectativa ao passar no curso, eu não criei expectativa pra um possível mestrado, pra passar em uma disciplina. Eu acho que é melhor a gente se surpreender do que ter uma decepção. Então, é o que eu já tenho bem desenvolvido em mim desde sempre [...]eu NÃO TENHO MUITOS TRAUMAS EMOCIONAIS POR causa disso, por que eu NUNCA CRIO UMA EXPECTATIVA muito grande. (CB3, M, 21 anos).

Ainda sobre CB3, as principais inovações devem estar associadas ao currículo (44,4%). Se o currículo do curso continuar do jeito que está, será difícil para os alunos proporem inovações.

[...] O PROBLEMA QUE EXISTE NA GRADE DO CURSO DE BIOLOGIA... buscar congregar, acho que a função seria essa, de envolver e congregar os ALUNOS DE DIFERENTES PERÍODOS né, porque se for alunos de um só período vai detectar apenas um problema que tenha acontecido com eles, no decorrer da passagem dessa turma pela UFS, outros alunos vão detectar outros problemas, então, quando a gente envolve alunos de períodos diferentes consegue ter um melhor resultado, porque assim... VEJO QUE O CURSO É MUITO FECHADO PRA ENSINAR CONTEÚDOS ESPECÍFICOS, e aí nós temos vários tipos de alunos, uns que gostam desse padrão específico, e outros que estão mais voltados pra área de ensino, PORQUE AQUI É UMA LICENCIATURA E QUEREM OU MELHOR MUITAS VEZES PARECE MAIS UM BACHARELADO. (CB3, M, 21 anos).

O terceiro tipo de inovação proposto por CB3, parte dos discursos de controle e de liderança, o que configura numa inovação de gestão (29,4%).

Em grupo EU SEMPRE GOSTO DE DIVIDIR TAREFAS, mas que todo mundo faça o trabalho junto, não acho que trabalho em grupo seja feito cada um fazendo sua parte e depois junte como quebra cabeça, por que por algumas experiências isso sempre dá errado [...] EU SEMPRE GOSTO DE PODAR AS PRÓPRIAS MÁGOAS, porque eu sempre digo: não to guardando dinheiro também não vou guardar problemas. Então, quando tem alguma coisinha ou alguma queixa eu gosto de sentar e resolver antes que isso se acumule. [...] EU SEMPRE, entra naquela questão, você tá num grupo, eu sempre TENHO QUE SER A PESSOA RESPONSÁVEL por enviar, a pessoa responsável por fazer a revisão final, porque não é que eu não confie nas pessoas mas é porque até por bem do grupo (risos) eu acho melhor, as vezes tem um prazo a ser cumprido e eu sei que todos mundo do grupo não vai ser prejudicado e nem eu. (CB3, M, 21 anos).

Para ser um bom gestor o indivíduo precisa técnicas e de habilidades humanas que auxiliem na forma de lidar com as pessoas; além disso, são necessárias ao gestor habilidades conceituais que permitam uma visão do todo, uma visão sistêmica (ODERICH, 2005).

O indivíduo CB4 foi o que mais contribuiu nas categorias Cooperatividade e inovação como proposta de metodologia escolar, 36,9% e 35,3%, respectivamente. Pensar no e na necessidade do outro é uma característica marcante desse sujeito. As justificativas para isso

podem vir associadas a sua história de vida, foi criada pelo pai e com o irmão, engravidou cedo e desde então viveu em função de ajudar a sua família.

Eu sou mãe né, então eu tenho uma carga de responsabilidade maior, eu preciso me estabilizar e... Conseguir um futuro, garantir um futuro mais seguro pra minha filha, sou uma pessoa feliz, não tenho problemas de autoestima, minha autoestima é lá em cima, não tenho problema nenhum com isso, e essa sou eu, não tem muita coisa assim demais não, sou comum, simples, do interior, é isso, já batalhei muito na vida. [...] Eu fui criada por meu pai desde os 6 anos, meus pai se separaram e eu fiquei com meu pai [...] assim com o abandono de minha mãe e tudo teve essa carga né, esse peso de que EU ERA A ÚNICA MULHER, era eu meu pai e meu irmão, ele era mais novo que eu e eu tinha essa carga de responsabilidade acima de uma pessoa da minha idade mas depois também me tornou a pessoa que sou hoje, eu sou uma pessoa que eu corro atrás que eu vou atrás eu não tenho medo de encarar as coisas então tudo tem um motivo né, tudo tem uma serventia. (CB4, F, 34 anos).

[...] eu consigo socializar bem, não tenho problema de... De nenhum tipo de barreira, não costumo encenar com ninguém, sou uma pessoa tranquila, [...] EU SOU UMA CONCILIADORA [...] E na vida acadêmica a mesma coisa, EU CONSIGO TRABALHAR BEM COM OS COLEGAS, com os professores, dentro dessa coisa de argumentação, até que os professores às vezes algo que eu não concorde eu chego pro professor e digo professor assim, e consigo, não gosto também de tá brigando, batendo de frente acho que é desnecessário, acho que A GENTE PODE CONVERSAR E RESOLVER tudo com argumentos. (CB4, F, 34 anos).

Outra justificativa é o fato de atuar na área da docência a mais de 11 anos, e para este sujeito, ajudar aos outros é algo que torna sua profissão mais gratificante.

[...] recentemente até eles pediram pra ensinar como montar um cronograma de estudos, eu parei minha aula e fui lá montei um cronograma com eles, expliquei a importância e tudo, fiz um grupinho de whatsapp pra gente trocar informações sobre ENEM, concursos. Aí coloco uns desafiozinhos matemáticos pra poder ampliar também o raciocínio deles. E hoje eu sou mais inovadora, já fui mais conservadora, mas hoje sou mais inovadora. (CB4, F, 34 anos).

Na vida pessoal mais ligado a meu trabalho, conta o aluno né, eu não sou aquele tipo de professora tão autoritária, mas também não aceito desordem, a gente conversa, A GENTE VAI RESOLVENDO, VAI CONVERSANDO E EU CONSIGO CONCILIAR ISSO COM MEUS ALUNOS. (CB4, F, 34 anos).

Além disso, podemos perceber que emocionalmente falando, CB4 é o sujeito mais equilibrado e que assim como CB3, ver a necessidade de inovar em todas as categorias de inovações.

CB2 foi o indivíduo que mais contribuiu para as categorias Barreiras que inibem as inovações com 37,1% e estabilidade emocional com 35,1%. Logo, compreendemos que habilidades como (in) segurança são primordiais nos limites e possibilidades de propor inovações.

Eu acho que se eu fosse MAIS SEGURA, mais hoje... mais segura do que ... do que eu penso e do que eu sou eu acho que ... poderia me ajudar nesse caso. (CB2, F, 26 anos).

Quando questionada em como CB2 age em situações que a tiram da zona de conforto, mais uma vez a insegurança foi a habilidade requerida.

Então eu fico um pouco... (risos) é. Como se diz... Angustiada, quando acontecem essas coisas eu fico meia... como eu ajo? Não sei descrever assim... na verdade EU NÃO SEI COMO AGIR NESSAS SITUAÇÕES. [...]Então, EU TENHO MUITO MEDO DE ERRAR... aí por isso... eu me acho ... assim... um pouco retraída não gosto de falar muito. Mesmo sabendo alguma coisa ...eu tenho medo assim... de não ... ser realmente aquilo... tipo, de errar mesmo...esse é o meu ponto fraco... o que acaba fazendo ... me desestruturando um pouco. Acho que é psicológico mesmo, é.... eu não atribuo a nenhuma coisa assim não, acho que deve ser ...as vezes eu vejo acontecendo com outras pessoas e talvez POR DEFESA eu ...ser tipo meu ponto fraco esse... assim não querer passar por isso ... por algumas situações que já vi algumas pessoas passando aí acho que é por isso que EU ME RETRAIO. (CB2, F, 26 anos).

Assim, compreendemos que os indivíduos mais inseguros tendem a não propor inovações.

Em contrapartida a essas representatividades, o sujeito CB1 foi o que menos contribuiu nos discursos de abertura a novas experiências (1,6%) e as inovações de currículo (5,5%). Isso pode ser justificado pela falta de entusiasmo apresentada pelo mesmo.

Depende. ELAS PODEM SER agradáveis e a gente pode até utilizar futuramente OU a depender NÃO pode ser utilizada. [...] Assim, eu acho que a REFORMULAÇÃO DE ALGUMAS DISCIPLINAS. Assim, algumas disciplinas não atingiram a ementa, talvez pelo fato de os professores não serem da área e tal. MAS FORAM BASICAMENTE AS DISCIPLINAS DE PRIMEIRO PERÍODO. (CB1, M, 21 anos).

((na infância)) Era basicamente... era mais voltado a estudar, BRINCADEIRAS ERAM BEM ESCASSAS [...] ((na adolescência)) EVOLUI UM POUCO nas aulas de educação física. ((na vida adulta)) Ainda continua nos estudos, SÓ ALGUMAS ATIVIDADES BEM PRÁTICAS aqui mesmo na UFS. Fora da academia, é uma vida normal, tem algumas atividades de lazer... normal. (CB1, M, 21 anos).

Considerando o exposto, consideramos que para os indivíduos inovarem, precisarão de várias habilidades, e dentre elas, serem criativos, pois a criatividade fará com que eles superem formas tradicionais de pensamento, mas para tal atitude é necessário que esses indivíduos tenham autoestima elevada e confiança, HSE que os farão protagonistas (SANTOS E PRIMI, 2014).

CONSIDERAÇÕES

Buscamos compreender ao longo deste trabalho a relação entre HSE e inovação na formação do professor de Ciências e Biologia. Refletimos que essas habilidades, são elementos cruciais para sucesso nas relações sociais, pessoais e acadêmicas, uma vez que proporciona aos indivíduos conhecer suas capacidades e refletir sobre suas emoções.

Dentre os resultados encontrados, percebemos que durante o minicurso, os discentes expressaram suas HSE ainda que timidamente, uma vez que apresentaram dificuldades em falar de características próprias, internalizando suas emoções.

Quanto às análises das entrevistas, quando associadas ao desempenho (in) satisfatório na licenciatura em Ciências Biológicas, percebemos que os domínios abertura a novas experiências, consciência e estabilidade emocional, apresentam discursos discentes que remetem diretamente o desempenho satisfatório ou insatisfatório dentro do campo educacional. Habilidades como responsabilidade, disciplina e organização são requeridas como preponderantes para o rendimento positivo.

Assim, compreendemos que uma das possibilidades para melhorar o rendimento dos alunos no curso, seria a de que os mesmos aprendam e/ou melhorem suas atitudes, pondo-as em prática, gerenciando suas emoções, demonstrando empatia, mantendo as relações sociais positivas e tomando decisões de modo responsável, a ponto de alcançar seus objetivos sem agredir os demais que estão à sua volta.

Por outro lado, as dimensões, extroversão e cooperatividade, remeteram a discursos de sociabilidade e empatia, promovendo o envolvimento positivo dos indivíduos e que a partir desse bom relacionamento humano pode-se também alcançar indiretamente um desempenho satisfatório no curso.

Logo, entendemos que as HSE podem ser aprendidas, praticáveis e ensinadas. E complementamos que, inserir tais HSE no processo de ensino, não implica em deixar de lado as habilidades cognitivas como, interpretar, refletir, pensar abstratamente, generalizar aprendizados, até porque elas estão relacionadas estreitamente com as socioemocionais, quando consideramos que os alunos que apresentam HSE mais desenvolvidas, apresentam maior facilidade de aprender os conteúdos acadêmicos.

Ao analisarmos as entrevistas no eixo das inovações, percebemos que os discursos estiveram focados nas concepções de práticas inovadoras, ou seja, ora os indivíduos se mostram inovadores, ora conservadores. Além disso, as categorias mais expressivas, se aproximam das propostas de inovações relacionadas a inovação como metodologia escolar e

as barreiras que inibem essas inovações. Foram mencionados alguns exemplos de inovações associados às metodológicas e práticas da profissão, que exigem desses profissionais a habilidade de ser criativo e de se reinventar na sala de aula. Analogamente a essas discussões, Tardif (2000) propõe algumas habilidades na epistemologia da prática profissional, a improvisação, que possibilita aos professores inovarem em suas aulas.

As outras categorias, inovação como oposição entre conservadorismo e abertura a mudanças, inovação como alteração curricular e inovação como proposta de organização de gestão, tiveram uma expressividade parecida em quantidade de temas, e foram menos expressivas que as outras duas categorias supracitadas.

Analizando as relações entre as categorias de HSE com as de inovação, percebemos que a categoria consciência se relaciona as inovações metodológicas, enquanto que cooperatividade e estabilidade emocional tendem a mostrar-se relacionadas às dificuldades encontradas para que as inovações sejam propostas. O medo de não ser um problema coletivo e a insegurança, são habilidades que nortearam os discursos.

O destaque para essa compreensão é dado, no sentido de que os entrevistados embora não estejam propondo ativamente as inovações, eles têm novamente consciência de que podem, mas por algum motivo ou falta de HSE desenvolvida, estão suprimindo essas inovações, como são comumente citadas as habilidades de insegurança e medo, como fatores primordiais.

Por outro lado, abertura a novas experiências se relaciona as reformulações de currículo. E a categoria extroversão e inovação como gestão foram as menos expressivas, mas não conseguimos compreender uma relação tácita entre elas.

Com relação as análises realizadas por sujeito, percebemos algumas nuances de relações entre HSE e inovação. Os indivíduos que tendem a se mostrar mais equilibrados socioemocionalmente tem uma visão mais inovadora e compreendem que a inovação deve acontecer em todos os cenários, desde a metodologia, ao currículo, a gestão, bem como, são conscientes das barreiras que enfrentarão para que as mudanças aconteçam. Aqueles mais cooperativos tenderam a contribuir mais significativamente para discursos sobre inovações metodológicas, enquanto que os mais conscientes propõem mudanças de currículo.

Em contrapartida, os menos abertos as experiências são menos favoráveis as mudanças de currículo e gestão. E os que tendem a se identificar como mais instáveis emocionalmente parecem se sentir mais próximos do discurso sobre barreiras que os limitam a propor inovações.

Diante do exposto, consideramos que os pesquisados conseguem refletir em suas HSE e que de forma ainda tímida elas começam a ser exploradas dentro do contexto do Ensino de Ciências. Entretanto, essas habilidades precisam ser mais bem trabalhadas no currículo da licenciatura para então ganhar expressividade no que diz respeito ao desempenho satisfatório dentro do curso, bem como, a mobilização desses indivíduos na promoção de mudanças inovadoras no processo de formação docente e não apenas inovar na prática profissional.

Propomos uma reflexão sobre a execução de atividades que permitam aos discentes o desenvolvimento dessas HSE, contribuindo na ruptura de padrões e paradigmas reacionários, por vezes internalizados por eles próprios. Vale ressaltar que o processo de inovação no campo educacional pode acontecer à medida que os indivíduos estejam dotados de HSE que os amparem nesse processo. Além disso, sugerimos para pesquisas futuras, que o estudo dos comportamentos inovadores desses indivíduos se analisados na prática, podem surtir relações mais expressivas.

REFERÊNCIAS

- ABED, A. L. Z. **O desenvolvimento das habilidades sócio-emocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica**. São Paulo: [s.n.], 2014. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15891-habilidades-socioemocionais-produto-1-pdf&category_slug=junho-2014-pdf&Itemid=30192 <>. Acesso em: abril de 2015.
- ADELA, M.; STOICA, M.; TOMULETIU, E. A.; FILPISAN, M. Evaluation of a program for developing socio-emotional competencies in preschool children. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 30, p. 2161–2164, 2011.
- ALCARÃO, I. Reflexão crítica sobre o pensamento de Donald Schön e os programas de formação de professores. In: ____ (org.) **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Ed., 1996. p. 9-39.
- ALMEIDA, M. J. P. M. de; SOUZA, S. C. de. Possibilidades, Equívocos e Limites no Trabalho do Professor/Pesquisador - Enfoque em Ciências. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 1, p. 145–154, 1996.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2001.
- AVALOS, B. Teacher professional development in Teaching and Teacher Education over ten years. **Teaching and Teacher Education**. V. 27, 10-20, jan, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BEZERRA, C. **A Máquina de Inovação Mentos e Organizações na Luta por Diferenciação**. Porto Alegre -RS: Bookman, editora, 2013.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília, DF, 2000. V. I, III.
- BRICCIA, V.; CARVALHO, A. M. P. Competências e formação de docentes dos anos iniciais para a educação científica. **Revista Ensaio, Pesquisa, Educação e Ciência** – Belo Horizonte, vol. 18, n.1, jan./abr, 2016.
- CACHAPUZ, A.; GIL-PÉREZ, D.; CARVALHO, A. M. P.; PRAIA, J.; VILCHES, A. **A necessária renovação do ensino das Ciências**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- CAETANO, M. R. A proposta do Instituto Ayrton Senna para educar no século 21 ou uma velha proposta com uma nova roupagem. **Revista faculdade de Educação** (Universidade de Mato Grosso), vol. 24, ano 13, n.2, p. 113-133, jul./dez, 2015.
- CARBONELL, J. **A aventura de inovar: a mudança na Escola**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CARDOSO, A. P. As atitudes dos professores e a sua relação com a inovação pedagógica. In: **Receptividade a mudança e a inovação pedagógica: o professor e o contexto escolar**. Edições ASA, perspectivas actuais/educação, 2002, p. 22-33.
- CARVALHO, A. M. P. de. Ciências no Ensino Fundamental. **Caderno de Pesquisa**, n 101, p. 152-168, jul/1997.
- CATTELL, R. B. **Description and measurement of personality**. Oxford, England: World Book Company, 1946.

CATTELL, R. B. **The scientific analysis of personality**. Harmondsworth, Mddx., England: Penguin Books, 1965.

CHIZZOTTI, A. **pesquisa em ciências humanas e sociais**. 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2005. – (Biblioteca da educação. Serie 1. Escola; v. 16).

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**/ Antonio Chizzotti. 4. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

COELHO, A. S. **Gestão Escolar e Inovação – Novas Tendências em Gestão Escolar a partir das Teorias em Gestão da Inovação**. Dissertação de mestrado. Universidade Católica de São Paulo - PUC - SP, 2011.

COHEN, J. **Social and Emotional Education: Core concepts and practices**. Excerpted with the permission of Teachers College Press, from *Caring Classrooms/Intelligent Schools: The Social Emotional Education of Young Children*. Edited by J. Cohen New York, Teachers College Press, 2001.

CUNHA, C. **O desempenho escolar em Ciências e o pluralismo epistemológico: A elaboração de questões do eixo temático “Vida e Ambiente”**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

DAVIS, K. S. “Change is hard.” What science teachers are telling us about reform and teacher learning of innovative practices. **Science Education**, v. 87, p. 3–30, 2003.

DEL PRETTE, A., DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Assertividade, sistema de crenças e identidade social. **Psicologia em Revista** –Belo Horizonte, vol. 9, n. 13, p. 125-136, jun, 2003.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Habilidades Sociais: Uma área em desenvolvimento. **Revista Psicologia, reflexão e crítica** – Porto Alegre, vol. 9, n. 2, p. 233-255, 1996.

DINIZ, R. E. da S. Concepções e práticas pedagógicas do professor de Ciências. In: **Questões atuais no ensino de ciências**. Roberto Nardi (org). 2. ed. São Paulo: Escrituras editora, 2009.

EDWARDS, J. Cooperation and competition: Two sides of the same coin? **The Irish Journal of Psychology**, 12, 76-82, 1991.

EYSENCK, H. J. **The structure of personality**. London: Methuen, 1970.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P. **Teoria e prática da libertação**. Porto: Nova crítica, 1997.

FREITAS, D., VILLANI, A. formação de professores: um desafio sem limites. **Revista Investigação em Ensino de Ciências**. Vol, 7, n. 3, p. 215-230, 2002.

FULLAN, M. **The new meaning of educational change**. 2ª ed. New York: Teaches’ College Press, 2001.

GARCIA, P. S. **Alunos@tecnologia: impactos sobre professores e escolas**. São Paulo: Plêiade, 2012.

GARCIA, P. S. **Inovações e mudanças: porque elas não acontecem nas escolas?** – São Paulo: LCTE editora, 2010.

GARCIA, P. S. Um Estudo Sobre a Inovação como estratégias de formação continuada de Professores de ciências. In: VII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM

EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 2009, Florianópolis. Anais VII ENREC, 2009.

GASKEL, G. Entrevistas individuais e grupais. Cap. 3. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. – 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GOLDBERG, L. R.. (1993). "The structure of phenotypic personality traits". *American Psychologist* **48** (1): 26–34. DOI:10.1037/0003-066X.48.1.26. PMID 8427480.

GRESHAM, F. M. **Análise do comportamento aplicada às habilidades sociais**. In: Z. A. P. Del Prette & A. Del Prette (Orgs.), *Psicologia das habilidades sociais: Diversidade teórica e suas implicações*. (pp. 17-56) Petrópolis: Vozes, 2009.

GROULX, L. H. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GUIMARÃES, V. S. **Formação de professores: saberes, identidade e profissão**. Campinas: Papirus, 2004. (Coleção Entre Nós Professores)

HECKMAN, J. J.; STIXRUD, J.; URZUA, S. **The Effects of Cognitive and Noncognitive Abilities on Labor Market Outcomes and Social Behavior**. *Journal of Labor Economics*, University of Chicago Press, vol. 24(3), pages 411-482, July, 2006.

HERNANDEZ, F. (Org) **Aprendendo com as inovações nas escolas**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HESTENES, L. L.; KINTNER-DUFFY, V. L.; WANG, Y. C.; LA PARO, K. M.; MINS, S.; CROSBY, D. A.; SCOTT-LITTLE, C.; CASSIDY, D. J. Quarterly Comparisons among quality measures in child care settings: Understanding the use of multiple measures in North Carolina's QRIS and their links to social-emotional development in preschool children. **Early Childhood Research Quarterly**, v. 30, p. 199–214, 2015.

HOLT, L.; BOWLBY, S.; LEA, J. Emotions and the habitus: Young people with socio-emotional differences (re)producing social, emotional and cultural capital in family and leisure space-times. **Emotion, Space and Society**, v. 9, p. 33–41, 2013.

JOHN, O. P.; SRIVASTAVA, S. (1999). **The Big Five trait taxonomy: history measurement and theoretical perspectives**. In L. A. Pervin, & O. P. John (Eds.), *Handbook of Personality: theory and research* (pp. 102-138). New York: Guilford Press.

JORDÃO, R. S. **Tutoria e pesquisa-ação no estágio supervisionado: Contribuições para a formação de professores de biologia**. 2005. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de educação da Universidade de São Paulo.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. Cap. 4. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. – 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

KARIMZADEH, M.; GOODARZI, A.; REZAEI, S. The effect of social emotional skills training to enhance general health & Emotional Intelligence in the primary teachers. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 46, p. 57–64, 2012.

KLIMOVA, B. F.; SEMRADOVA, I. Innovation in tertiary education and professional codes of ethics. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 83, p. 161 – 164, 2013.

KRASILCHIK, M. Inovação no Ensino de Ciências. In: GARCIA W. **Inovação Educacional no Brasil**. Cortez. 1980.

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de Biologia**. - 4º ed. rev. e ampl.. 2º Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

KRASILCHIK, M. Reformas e realidade: o caso do ensino das ciências. São Paulo **Perspec.** V.14, nº 1, p.85-93, 2000.

LEVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MAGALHÃES, A. P. A.S. et al. **O uso dos recursos tecnológicos com finalidade de promover a aprendizagem**. Unicamp ciência, v. 2, p. 1/2- 13, 2009. Disponível em: < <http://unicampsciencia.patmos.uni5.net/artigos/Artigo%20M.pdf>>. Acessado em: 08 de Novembro de 2011.

MALDANER, O. A. **A formação Inicial e Continuada de Professores de Química**. 3. Ed.. Ijuí: Unijuí, 2006.

MARANDINO, M. A prática de ensino nas licenciaturas e a pesquisa em ensino de ciências: questões atuais. **Revista Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, vol 20, n.2: p. 168-193, ago. 2003.

MARQUES-FILHO, E. C. **Crenças de futuros professores de Física em contexto de inovação curricular: o caso de um curso de Física Moderna e Contemporânea no Ensino Médio**. – São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, Instituto de Física, Instituto de Química e Instituto de Biociências.

MARSHALL, A. **Principles of Economics - The Online Library of Liberty**. 8. ed. 1980.

MARTINS, H.H.T.S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**. Vol 30, n. 2, p.289-300. São Paulo, mai/ago, 2004.

MARTURANO, E. M.; LOUREIRO, S.R. O desenvolvimento sócio emocional e as queixas escolares. In: A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette, (orgs.) **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: Questões conceituais, avaliação e intervenção**. (pp. 259-291), Campinas: Alínea, 2003.

McCRAE, R. R.; COSTA, P. T. Rotation to maximize the construct validity of factors in the NEO Personality Inventory. **Multivariate Behavioral Research**, v. 24, p. 107-124, 1989.

MESSINA, G. **Mudança e Inovação Educacional: notas para reflexão**. In: Cadernos de pesquisa, n.114, p. 225-233. 2001.

MORAN, J. M. Os novos espaços de atuação do educador para a inovação na Educação. Inovação na Educação. **Revista Aprendizagem**, Paraná, V. 2 nº. 17, p. 62-63, mar./abr. 2000.

MOREIRA A. F. Is it enough to implement innovations in educational systems. **Revista Educação e Pesquisa**, V. 25, nº.1, p. 131- 145, 1999.

NÓVOA, A. Formação de professores e Profissão docente. In: NÓVOA, A. (org). **Os Professores e a Sua Formação**. 2. ed. Lisboa: publicações dom Quixote, 1997.

NUNES, C. H. S. da S. **Construção, normatização e validação das escalas de socialização e extroversão no modelo dos cinco grandes fatores**. 2005. 199 f. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento) – Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. 2005.

NUNES, D. R. P. **Teoria, pesquisa e prática em Educação: a formação do professor-pesquisador**. Educação e Pesquisa, São Paulo, V. 34, N. 1, p. 97-107, jan./abr. 2008.

ODERICH, C. Gestão de competências gerenciais: noções e processos de desenvolvimento. In: RUAS, R. **Os novos horizontes da gestão: aprendizagem organizacional e competências**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

OPRE, A.; BUZGAR, R.; GHIMBULUT, O.; CALBAZA-ORMENISAN, M. SELF KIT Program: Strategies for Improving Children' Socio-Emotional Competencies. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 29, p. 678–683, 2011.

PALMA, M. T. M. **A prossecução dos estudos: o papel da personalidade na tomada de decisão**. 2012. 71 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada) Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Lisboa, Portugal. 2012.

PARANHOS, M. C. R. **Inovações Tecnológicas no Ensino de Ciências na Educação Básica: Um estudo de caso em Sergipe**. Relatório de Iniciação Científica. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

PARHOMENKO, K. Diagnostic Methods of Socio – Emotional Competence in Children. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 146, p. 329–333, 2014.

PEDRETTI, E.; NAZIR, J. Current in STSE Education: Mapping a complex Field, 40 years on. **Revista Science Education**, v. 95, n. 4, p. 601-626, 2011.

PERRENOUD, P. **Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PERRENOUD, P. Construir competências é virar as costas aos saberes? In: **Pátio – Revista Pedagógica**. Porto Alegre, n. 11, p. 15-19, nov. 1999. Disponível em: http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_1999/1999_39.html. Acesso em: 25 jun. 2015.

PIMENTA, S. G. **Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal**. São Paulo: Cortez Ed., 1997.

PINTÓ, R. Introducing Curriculum innovations in science: identifying teachers transformations and the design of related teacher education. **Science Education**, v. 89, p. 1–12, 2004.

PRIGOL, S. GIANNOTTI, S. M. **A Importância Da Utilização De Práticas No Processo de Ensino-Aprendizagem de Ciências Naturais Enfocando a Morfologia da Flor**. 1º SNE. Unioeste – Cascavel, nov. 2008.

RAMALHO, B. L.; NUNES, I. B.; GAUTHIER, C. **Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

RATCLIFFE, B. et al. Teaching social–emotional skills to school-aged children with Autism Spectrum Disorder: A treatment versus control trial in 41 mainstream schools. **Research in Autism Spectrum Disorders**, v. 8, p. 1722–1733, 2014.

ROMANOWSKI, J. P. Aprender: uma ação interativa. In: VEIGA, I. P. A. (Org.) **Lições de didática**. – Campinas, SP: Papirus, 2006. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

RUSSO, S. L.; SILVA, G. F da; NUNES, M. A. S. N. **Capacitação em inovação tecnológica para empresários**. 2ª Ed. São Cristóvão SE: Editora UFS, 2012.

SAMPAIO, M. N.; LEITE, L. S. **Alfabetização tecnológica do professor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SANTOS, D.; PRIMI, R. **Resultados Preliminares do Projeto de Medição de Competências Socioemocionais no Rio de Janeiro**. Instituto Ayrton Senna, São Paulo, 2014. Disponível em: < <http://educacaosec21.org.br/wp-content/uploads/2013/07/desenvolvimento-socioemocional-e-aprendizado-escolar.pdf> > Acessado em abril de 2015.

SANTOS, S. S. **Uma avaliação externa inspirada no pluralismo epistemológico: um estudo sobre o tema Ser Humano e Saúde no estado de Sergipe**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

SAVIANI, D. A Filosofia da educação e o problema da inovação em educação. In: GARCIA, W. E. **Inovação Educacional no Brasil: problemas e perspectivas**. São Paulo, Cortez Editora, 1995.

SCHULTZ, T. W. The value of the ability to deal with disequilibria. **Economic Literature**, v. 13, p. 827– 846, 1975.

SELIGMAN, M. E. P. **Florescer: Uma Nova Compreensão sobre a Natureza a Felicidade e do Bem-Estar**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SHÖN, D. A. **Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SHÖN, D. A. **Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, G. B.; FELICETTI, V. L. habilidades e competências na prática docente: perspectivas a partir de situações problemas. **Revista Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 17-29, jan.-jun. 2014.

SIQUEIRA, M. R. DA P. **Professores de Física em contexto de inovação curricular: Saberes docentes e superação de obstáculos didáticos no Ensino de Física Moderna e Contemporânea**. 2012, 202 p. Tese. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

SMOLKA, A. L. B.; LAPLANE, A. L. F.; MAGIOLINO, L. L. S.; DAINEZ, D. O problema da avaliação das habilidades socioemocionais como política pública: Explicitando controvérsias e argumentos. **Revista Educ., Soc.**, Campinas, v. 36, n.130, p. 219-242, jan./mar., 2015.

SONNEVILLE, J. J.; JESUS, F. P. **Complexidade do ser humano na formação de professores**. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. orgs. Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 296-319.

TARDIF, M. **Saberes docentes e Formação Profissional**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 13, p. 1-21, jan./fev./mar./abr. 2000.

TENREIRO-VIEIRA, C.; VIEIRA, R. M. **Construção de práticas didático-pedagógicas com orientação CTS: Impacto de um programa de formação continuada de professores de ciências do Ensino Básico**. **Ciência & Educação**, v. 11, n. 2, p. 191–211, 2005.

TIDD, J.; BESSANT, J. **Gestão da inovação**. 5ª Ed. Porto Alegre- RS: Bookman editora, 2013.

TUPES, E. C., & CHRISTAL, R. E. **Recurrent Personality Factors Based on Trait Ratings**. Technical Report ASD-TR-61-97, Lackland Air Force Base, TX: Personnel Laboratory, Air Force Systems Command, 1961.

UCHIMURA, K. Y.; BOSI, M. L. M. Habilidades e Competências entre Trabalhadores da Estratégia Saúde da Família. **Interface - Comunicação, Saúde e Educação**2, v. 16, p. 149–160, 2012.

URANGA, P. R. R. **A defasagem do desenvolvimento de habilidades socioemocionais na Educação do Brasil**. 2014. 93 f. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2014.

VIEIRA, E. F. **Organização e Desempenho: mudança, inovação e comportamento**. Revista Eletrônica de Gestão Organizacional. Gestão. Org., V.1, nº 2, 2003. Disponível em <www.gestaoorg.dca.ufpe.br>. Acesso em: 15 de dez. 2011.

ZEICHNER, K. **Formação reflexiva de professores**. Lisboa: Educa, 1993.

ZEMBYLAS, M. Emotions and Science teaching: presente research and future agendas. In: **Beyond cartesian dualism: Emcountering affect in the teaching and learning of Science**. Steve Alsop (org). Editora: Springer Verlagny, 2005. (Coleção: Science and Tecnology Education Library).

APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

ESTUDO: **Relação entre habilidades socioemocionais e inovação para alguns licenciandos em Ciências Biológicas.**

Você está convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. Sua colaboração neste estudo é de grande importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará nenhum prejuízo. Trata-se de uma pesquisa de Mestrado vinculada ao Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe.

Eu, _____, portador da Cédula de identidade, RG _____ e CPF _____ nascido (a) em ____ / ____ / _____, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário do Estudo: *Relação entre habilidades socioemocionais e inovação para alguns licenciandos em Ciências Biológicas.*

Estou ciente que:

- I) Temos a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejarmos, sem necessidade de qualquer explicação;
- II) A desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem estar físico;
- III) Os resultados obtidos durante esta pesquisa serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que nossos dados pessoais não sejam mencionados;
- IV) Caso danos de natureza moral ou intelectual sejam causados os participantes tem direito a reparação por parte dos pesquisadores, seja de natureza financeira ou quaisquer outros dispositivos legais estipulados pela lei;
- V) Não receberemos qualquer remuneração para participar da pesquisa, também não teremos nenhum gasto.

Contato: mcparanhosufs@gmail.com (Pesquisadora) Prof^a. Dr^a. Alice Alexandre Pagan (Orientadora)

APÊNDICE B: Roteiro de entrevista individual – Singularidades, Habilidades Socioemocionais e Inovação

Eixo 1: singularidades

- a) Você poderia, por favor, relatar um pouco sobre a sua história de vida?
 - i) Quem é Fulano hoje? (Falar nome do entrevistado)
 - ii) De onde você é?
 - iii) Fale um pouco sobre sua infância
 - iv) Fale um pouco sobre sua adolescência
 - v) Fale um pouco sobre sua vida adulta
 - vi) Houve (ram) alguma (s) mudança (s) no seu jeito de ser durante sua vida?
A que você atribui isso?
 - vii) Quando você olha para trás, você consegue lembrar de algumas características suas e que hoje lhe favorecem ao cursar a licenciatura em biologia?
 - viii) Ao olhar para frente, quais ganhos a licenciatura em biologia lhe proporcionou para uma vida do modo como você espera que seja?
- b) Que motivos lhe trouxeram para universidade? Você tem algum suporte emocional que te ajude a enfrentar as atividades acadêmicas? (E fora da universidade?)
- c) Vamos falar os sobre seus pontos fortes e fracos:
 - i) O que te motiva a mostrar todo o seu potencial?
 - ii) Quais dificuldades te impedem de mostrar seu potencial?
 - iii) O que você faz ou poderia fazer para mudar essa realidade?
- d) O que você acredita que lhe tornaria uma pessoa/profissional melhor do que é hoje?

Eixo 2: Sobre o objeto de estudo: Habilidades Socioemocionais

- a) Descreva:
 - i) *Como você se vê (aberto, fechado) frente a novas experiências?* Você poderia descrever um momento em que isso aconteceu em sua vida? Em que momento de sua vida você acha que essas características surgiram? E na universidade?
 - ii) *(Consciência) como você se vê quanto à Organização?* Fale mais sobre isso? E na universidade?
 - iii) *(Consciência) como você se vê quanto à responsabilidade?* Fale mais sobre isso? E na universidade?

- iv) *Como é sua relação com as pessoas? (Extrovertido, introvertido)? Fale mais sobre isso? E na universidade?*
- v) *Como você age em grupo? (Cooperativo) fale mais sobre isso, você pode citar um momento em que você trabalhou bem ou mal? E na universidade?*
- vi) *Como você age em situações que fogem do seu controle? (estabilidade emocional) você pode citar algum exemplo? E na universidade?*
- b. Vamos falar nas características que te diferem das outras pessoas:
 - i. O que lhe faz especial?
 - ii. O que lhe deixa inseguro?
- c. Quais características que definem melhor você?
- d. Você já enfrentou algum tipo de dificuldade pessoal? E acadêmica?
- e. Quais situações lhe dão sensação de motivação no curso de ciências biológicas?

2.1 Atitudes frente a planos e projetos futuros

- a. Como você se sentiu enquanto participava do minicurso “desenvolvendo competências socioemocionais”?
- b. Como você se sente após ter feito/concluído minicurso?

Eixo 3: Inovação

- a) Você se vê uma pessoa conservadora ou inovadora?
- b) Considerando quem você é e como você se sente, o que você acha que deve acontecer no curso de Biologia para que você se sinta mais motivado?
- c) De quem seria a responsabilidade para criar essas mudanças?
- d) Qual seria a sua responsabilidade nesse processo?
- e) O Que tem dentro de você (habilidades socioemocionais) que poderiam contribuir para essas mudanças?
- f) Quais limitações você percebe em você e que prejudicaria/dificultaria/inibiria sua participação nesse processo de mudança?
- g) Quais tipos de habilidades fazem com que um aluno tenha sucesso ou fracasso no curso?
- h) No curso de Biologia, você vê diferença de desempenho entre cotistas e não cotistas?
- i) E sobre as questões de gênero, você acha que tem diferença no desempenho?

ANEXO A: Parecer de aprovação Comitê de Ética

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE
ARACAJÚ/ UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE/ HU-



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS ASSOCIADAS AO DESEMPENHO ACADÊMICO SATISFATÓRIO NA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Pesquisador: MÁRCIA CRISTINA ROCHA PARANHOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 61099616.1.0000.5546

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.870.469

Apresentação do Projeto:

O projeto pretende estudar com um novo olhar as questões empíricas, que levam em consideração as formas de vida dos indivíduos para refletir sobre Habilidades Socioemocionais associadas ao desempenho acadêmico satisfatório.

Objetivo da Pesquisa:

Descrever e refletir sobre Habilidades Socioemocionais associadas ao desempenho satisfatório na licenciatura em Ciências Biológicas, segundo alguns graduandos da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Toda pesquisa com seres humanos acarreta riscos (Res. 466/2012 CONEP/MS)

Benefícios:

Levando em consideração que é uma pesquisa de cunho social, pode levar aos empoderamento dos discentes a medida que eles despertem as Habilidades Socioemocionais e possam protagonizar dentro do âmbito acadêmico.

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)2105-1805

CEP: 49.060-110

E-mail: cephu@ufs.br

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE
ARACAJÚ/ UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE/ HU-



Continuação do Parecer: 1.870.469

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este trabalho parte de uma abordagem qualitativa onde as falas dos entrevistados que remetem ao universo socioemocional dos mesmos dentro e fora do âmbito acadêmico serão agrupadas em categorias estruturadas à priori, equivalentes às dimensões do big five como domínios de personalidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos apresentados.

Recomendações:

Toda pesquisa com seres humanos acarreta riscos (Res. 466/2012 CONEP/MS)

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não se aplica.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_748835.pdf	17/10/2016 17:40:44		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	17/10/2016 17:40:18	MÁRCIA CRISTINA ROCHA PARANHOS	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	17/10/2016 17:39:28	MÁRCIA CRISTINA ROCHA PARANHOS	Aceito
Parecer Anterior	parecer.pdf	27/09/2016 08:52:19	MÁRCIA CRISTINA ROCHA PARANHOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.docx	18/08/2016 23:40:24	MÁRCIA CRISTINA ROCHA PARANHOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

UF: SE

Município: ARACAJU

CEP: 49.060-110

Telefone: (79)2105-1805

E-mail: cephu@ufs.br

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE
ARACAJÚ/ UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE/ HU-



Continuação do Parecer: 1.870.469

ARACAJU, 16 de Dezembro de 2016

Assinado por:
Anita Herminia Oliveira Souza
(Coordenador)

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

CEP: 49.060-110

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)2105-1805

E-mail: cephu@ufs.br

ANEXO B: Transcrição das entrevistas

Márcia Paranhos: Boa tarde, tudo bem? Bom vamos dá início a nossa entrevista, eu gostaria de agradecer por você ter aceitado participar. Quero dizer que ... você fique a vontade, caso não se sinta confortável para responder alguma pergunta ou até mesmo desistir, você tem total liberdade. Você poderia, por favor, relatar um pouco sobre a sua história de vida? Quem é Max hoje?

CB1: Meu nome é CB1, tô no 6º período de ciências biológicas licenciatura, resido aqui mesmo em São Cristóvão, e entrei por cotas. Basicamente toda a minha fase de educação foi em escola pública, tanto ensino fundamental quanto o médio.

Márcia Paranhos: De onde você é? Fale um pouco sobre sua infância:

CB1: Era basicamente... era mais voltado a estudar, brincadeiras eram bem escassas.

Márcia Paranhos: Fale um pouco sobre sua adolescência

CB1: Evolui um pouco nas aulas de educação física.

Márcia Paranhos: Fale um pouco sobre sua vida adulta

CB1: Ainda continua nos estudos, só algumas atividades bem práticas aqui mesmo na UFS. Fora da academia, é uma vida normal, tem algumas atividades de lazer... normal.

Márcia Paranhos: Houve alguma mudança no seu jeito de ser durante sua vida? A que você atribui isso?

CB1: Sim, as pessoas contribuindo com que aconteça uma maior liberdade de expressão, opinião.

Márcia Paranhos: Quando você olha para trás, você consegue lembrar de algumas características suas e que hoje lhe favorecem ao cursar a licenciatura em biologia?

CB1: Alguns seminários na época de escola, o auxílio... é o esclarecimento de algumas dúvidas de colegas da escola. Fora da academia, escolhi pelo gosto.

Márcia Paranhos: Ao olhar para frente, quais ganhos a licenciatura em biologia lhe proporcionou para uma vida do modo como você espera que seja?

CB1: Uma melhor maneira de se expressar, melhor oportunidade de emprego.

Márcia Paranhos: Que motivos lhe trouxeram para universidade? Você tem algum suporte emocional que te ajude a enfrentar as atividades acadêmicas?

CB1: O querer. A partir do oitavo ano do ensino fundamental. A família ajuda tanto fisicamente e financeiramente.

Márcia Paranhos: Vamos falar os sobre seus pontos fortes e fracos: O que te motiva a mostrar todo o seu potencial?

CB1: Ah, difícil... assim, basicamente as aulas de educação, assim voltadas para educação mesmo. Nas didáticas, nas formas avaliativas, nas diversas formas de avaliar.

Márcia Paranhos: Quais dificuldades te impedem de mostrar seu potencial?

CB1: O resultado que você obtém disso, as vezes acaba sendo frustrante e acaba te desmotivacionando.

Márcia Paranhos: O que você faz ou poderia fazer para mudar essa realidade?

CB1: Tentar evitar o máximo olhar para esses empecilhos.

Márcia Paranhos: O que você acredita que lhe tornaria uma pessoa/profissional melhor do que é hoje?

CB1: A experiência ao longo do tempo, iria preparando cada vez mais.

Márcia Paranhos: Como você se vê frente a novas experiências? Aberto ou fechado?

CB1: Depende. Elas podem ser agradáveis e a gente pode até utilizar futuramente ou a depender não pode ser utilizada.

Márcia Paranhos: Você poderia descrever um momento em que isso aconteceu em sua vida?

CB1: Principalmente na vida acadêmica, a discussão de alguns textos, a experiências em determinados eventos como o próprio do socioemocionais, possibilitou essa abertura.

Márcia Paranhos: Em que momento de sua vida você acha que essas características surgiram?

CB1: A partir do momento que adentra a UFS.

Márcia Paranhos: como você se vê quanto à Organização? Fale mais sobre isso?

CB1: Normal, sem muito problema. Sim, uns 80%.

Márcia Paranhos: Você poderia citar um momento que foi organizado?

CB1: Basicamente na estruturação da monografia, na organização dos temas, nas sequências.

Márcia Paranhos: Como você se vê quanto à responsabilidade? Fale mais sobre isso?

CB1: Responsável.

Márcia Paranhos: Porque você se considera responsável?

CB1: Pelo fato de me cobrar responsável.

Márcia Paranhos: Você pode citar um momento em que você foi responsável?

CB1: O cotidiano.

Márcia Paranhos: Como você age em grupo? Fale mais sobre isso:

CB1: Beeem tranquilo. A organização, o planejamento. Principalmente tomo a frente, isso. **E: E isso é bom ou é ruim?**

CB1: Pode ser bom pelo de que querendo ou não você acaba se tornando mais responsável ou então pelo fato de ser um tanto ruim, talvez por nem todos gostarem ou não, mas eu acabo deixando livre a opinião dos demais.

Márcia Paranhos: Você teve algum conflito com os colegas?

CB1: Não, não tive nenhum conflito até agora.

Márcia Paranhos: Como você age em situações que fogem do seu controle?

CB1: Procuro sanar da melhor forma possível. Primeiro basicamente pensando nas possíveis alternativas que poderia tomar para resolver.

Márcia Paranhos: Você pode citar algum exemplo dentro e fora da universidade?

CB1: Sim, assim foi uma disciplina que eu acabei deixando passar não tava tendo tempo suficiente para estudá-la, mas já na reta final eu acabei retomando e consegui passar.

Márcia Paranhos: Você já reprovou em alguma disciplina?

CB1: Não, só em três disciplinas, mas na segunda vez consegui passar.

Márcia Paranhos: Vamos falar nas características que te diferem das outras pessoas: O que lhe faz especial?

CB1: Huum... eu não sei.... Assim, basicamente algumas características minhas são compartilháveis por outros, a confiança, a esperança.

Márcia Paranhos: O que lhe deixa inseguro?

CB1: Huum.... Acho que quando alguém muda o foco de alguma que não tava planejando, assim aí fica meio insegura se vai ou não dá certo.

Márcia Paranhos: Você se considera um bom aluno?

CB1: Olhe eu espere que seja bom, né, porque presto atenção na medida do possível. Prefiro sentar ao fundo, faço parte de grupos.

Márcia Paranhos: Você já enfrentou algum tipo de dificuldade pessoal? E acadêmica?

CB1: A questão de disponibilidade de livros, essas coisas. Fiz pesquisa nos computadores mesmo, já que o livro físico não estava disponível.

Márcia Paranhos: Você se vê uma pessoa conservadora ou inovadora?

CB1: Inovadora. Assim, basicamente eu procuro trazer não só aquele conceito tradicional, mas trazer algumas coisas que estejam ao redor do cotidiano dos alunos. Através de perguntas pra possibilitar a participação ou então a indagação, podem ser imagens, vídeos, ou até mesmo atividades práticas.

Márcia Paranhos: Considerando quem você é e como você se sente, o que você acha que deve acontecer no curso de Biologia para que você se sinta mais motivado?

CB1: Assim, eu acho que a reformulação de algumas disciplinas. Assim, algumas disciplinas não atingiram a ementa, talvez pelo fato de os professores não serem da área e tal. Mas foram basicamente as disciplinas de primeiro período.

Márcia Paranhos: De quem seria a responsabilidade para criar essas mudanças?

CB1: Primeiro à nível dos estudantes, que possibilite a comunicação com a chefia do departamento que conseqüentemente vai se reunir com o corpo acadêmico e assim, se dialogar possíveis mudanças.

Márcia Paranhos: Qual seria a sua responsabilidade nesse processo?

CB1: É fundamental rsrsrsr, de opinar, de questionar.

Márcia Paranhos: O Que tem dentro de você que poderia contribuir para essas mudanças?

CB1: Coragem.

Márcia Paranhos: Quais limitações você percebe em você e que prejudicaria/dificultaria/inibiria sua participação nesse processo de mudança?

CB1: Eu acho que o apoio. O apoio dos demais talvez não seria tão satisfatório assim, conseqüentemente acabaria me inibindo. Se realmente seria atendido.

Márcia Paranhos: Que tipo de habilidades fazem com que um aluno tenha sucesso ou fracasso no curso?

CB1: Primeiro a vontade né?!, a força de vontade, o querer, ir buscar também.

Márcia Paranhos: E o fracasso?

CB1: Se ao longo do tempo ele visse que não seria aquilo que ele queria, isso querendo ou não o frustraria ou até mesmo desistiria ou mudaria de curso.

Márcia Paranhos: No curso de Biologia, você vê diferença de desempenho entre cotistas e não cotistas?

CB1: Não, basicamente é bem similar.

Márcia Paranhos: Os alunos sabem quem é cotista? Há alguma diferença?

CB1: Sabem, mas não há distinção, divergência.

Márcia Paranhos: E sobre as questões de gênero, você acha que tem diferença no desempenho?

CB1: Também não. Basicamente... independente do gênero, porque é uma questão mais... o... eu ...é.... o subjetivo tipo, é opinião de cada um. Então independentemente cada um tem a capacidade, então o fator psicológico não interfira na questão da aprendizagem, da cognição.

Márcia Paranhos: Você gostaria de fazer algum comentário sobre a entrevista?

CB1: Não.

Márcia Paranhos: Agradeço mais uma vez sua participação.

Márcia Paranhos: bom ... vamos dá início a entrevista. Gostaria de agradecer a sua participação. A qualquer momento você pode desistir da entrevista, fique bem à vontade. Bem ... você poderia, por favor, relatar um pouco sobre a sua história de vida?

CB2: Bom, eu moro no Rosa de Maio, em nossa senhora do socorro, eu fiz o Enem 2 vezes pra poder entrar na universidade, entrei pelo sistema de cotas, o grupo g se não me engano que é pra brancos e 1 salário e meio. Entrei em 2013, tô cursando o sexto período, até o momento sou bolsista pibid mas já tá encerrando.

Márcia Paranhos: Quem é Sophia hoje?

CB2: Bom, é..... Hoje eu to mais madura, minha história de vida foi um pouco complicada, é.... quando eu terminei o ensino médio eu queria trabalhar porém como minhas condições financeiras não é e nem são muito boas aí não tinha curso pra poder conseguir um bom emprego, então uma colega minha disse assim: fulana porque você não faz o Enem pra entrar pra universidade aí eu fiz e foi aí que foi melhorando um pouco as coisas né. Aí consegui entrar no pibid, aí tenho uma bolsa... sou casada tenho dois filhos também, rrsr

Márcia Paranhos: Fale um pouco sobre sua infância:

CB2: Na infância era bem-querida pelos meus pais, um pouco sapeca fui mudando com o tempo porque antes eu era mais... assim, tipo não era tão tímida era bem sapeca mesmo. Agora não, agora sou mais tímida calada, um pouco nervosa as vezes... eh... assim que eu me considero.

Márcia Paranhos: Houve alguma mudança no seu jeito de ser durante sua vida? A que você atribui isso?

CB2: Sim, eu atribuo acho que a tá... assim... que quando a gente vai crescendo a gente vai percebendo que algumas coisas não é pra ser feitas que... tipo, temos que mudar a atitude de algumas coisas que a gente ...faz no decorrer do tempo assim...

Eu engravidei cedo, aí por isso... aí a responsabilidade influenciou... então, esse fator fez com que eu mudasse totalmente meu jeito de ser, meu modo de pensar, e de agir também, acho que

foi mais por isso. Casei também aí também tive que ter outro tipo de postura né? atribuo a isso: casamento filhos aí fui amadurecendo.

Márcia Paranhos: Quando você olha para trás, você consegue lembrar de algumas características suas e que hoje lhe favorecem ao cursar a licenciatura em biologia?

CB2: Sim, eu gosto muito da biologia, gosto ... assim antes, tipo, quando a gente tá nas series iniciais, que são ciências e aí fala sobre os animais, plantas, são bem vistas. Aí tipo a área da saúde que eu também me interessei muito, e foi isso que foi fazendo com que eu me interessasse mais pela aula da área da ciências e biologia. Brincava muito de ser professora de escolinha também quando era pequena. Meu pai dizia que era pra mim ser médica..., mas eu sempre quis ser professora... então foi o ... tipo... o que eu escolhi pra mim foi essa área porque eu gosto muito... Apesar de nas apresentações de seminários eu ficar um pouco nervosa, mas quando eu to em sala de aula mesmo é.... eu mudo totalmente o jeito de ser.

Márcia Paranhos: Ao olhar para frente, quais ganhos a licenciatura em biologia lhe proporcionou para uma vida do modo como você espera que seja?

CB2: Conhecimento, tipo, eu tinha uma visão de... de ensino... de professor daquele professor que... só era pra dar aula no quadro, sem essas é tipo dinâmicas em sala, jogos, não... por que eu já... eu terminei meu ensino médio no ano de 2004 né? Porém meus filhos também, que é na rede pública que eles estuda também, é ainda aquele ensino tradicionalista... só de quadro olhe lá quando tem algum passeio pra algum lugar ne que são as aulas em espaços não formais e aí aqui na universidade eu vi que pra um melhor, uma melhor abordagem dos conteúdos, assim chamar mais atenção dos alunos... Seria mais interessante... dinâmicas, com jogos... podendo usar espaços não formais também... então a universidade me proporcionou essa visão mais ampla da ... da educação. Não só ficar naquele método tradicionalista.

Márcia Paranhos: Que motivos lhe trouxeram para universidade? Você tem algum suporte emocional que te ajude a enfrentar as atividades acadêmicas?

CB2: Então. Por não conseguir rsrsr... emprego. Foi que. Aí eu disse... já que não tô conseguindo emprego... minha colega que... ela sempre fazia é o Enem e antes era vestibular.... Que a gente também concluiu em 2004, só que meu objetivo era... era trabalhar... só que aí ... eu ainda consegui um emprego foi em casa de família... como eu não tinha cursos essas coisas... aí foi quando ela falou em fazer e tal ... aí eu o primeiro e não consegui aí já ia desistir também aí minha irmã disse você não disse que é determinada? Porque quando eu coloco meus currículos eu coloco que sou determinada né realmente aí eu é você tá certa! Porque ela disse: isso não é determinação, no primeiro que você reprova já não quer mais

continuar. Aí eu fiz eu fiz o segundo e foi aí que eu consegui entrar na universidade. Então, é a minha vida é cheia de histórias.

Sim, a minha mãe, acho que a minha irmã também. Porque era meu sonho ser professora, mudar de vida rrsr que apesar de muitos dizer: ah professor não ganha muito, mas o meu objetivo mesmo, ganhando pouco ou muito o que importa é que eu estou unindo o útil ao agradável, ensinar e trabalhar.

Márcia Paranhos: Vamos falar os sobre seus pontos fortes e fracos: O que te motiva a mostrar todo o seu potencial?

CB2: Alcançar meu objetivo que é me formar... é principalmente isso, me formar ter uma estabilidade financeira dar uma vida melhor aos meus filhos são esses os pontos mais que me motiva. É a necessidade de conseguir alcançar algo...

Márcia Paranhos: Quais dificuldades te impedem de mostrar seu potencial?

CB2: Então, eu tenho muito medo de errar... aí por isso... eu me acho ... assim... um pouco retraída não gosto de falar muito. Mesmo sabendo alguma coisa ...eu tenho medo assim... de não ... ser realmente aquilo... tipo, de errar mesmo...esse é o meu ponto fraco... o que acaba fazendo ... me desestruturando um pouco. Acho que é psicológico mesmo, é... eu não atribuo a nenhuma coisa assim não, acho que deve ser ...as vezes eu vejo acontecendo com outras pessoas e talvez por defesa eu ...ser tipo meu ponto fraco esse... assim não querer passar por isso ... por algumas situações que já vi algumas pessoas passando aí acho que é por isso que eu me retraio.

Márcia Paranhos: O que você acredita que lhe tornaria uma pessoa/profissional melhor do que é hoje?

CB2: Eu acho que se eu fosse mais segura, mais hoje... mais segura do que ... do que eu penso e do que eu sou eu acho que ... poderia me ajudar nesse caso...

Márcia Paranhos: Como você se vê frente a novas experiências?

CB2: Então... de início a gente fica um pouco... rrsr Assustado. Mas eu gosto de desafios e procuro enfrentar mesmo que as vezes quebre a cara.

Márcia Paranhos: Você poderia descrever um momento em que isso aconteceu em sua vida?

CB2: Na minha vida acadêmica... novas experiências tipo, eu não ia me inscrever pra participar da bolsa do pibid por que a minha media não era sete, quando eu entrei aqui aí disseram que a média pra conseguir isso era sete, então eu não ia fazer, só que as minhas

colegas insistiram pra eu fazer então eu acabei fazendo, eu acho que ... esse foi o.... um momento assim. Na vida pessoal não

Márcia Paranhos: Em que momento de sua vida você acha que essas características surgiram?

CB2: Acho que a partir do momento que eu entrei aqui na universidade que eu... que minha... meu modo de pensar acabou mudando um pouco... e ... foi a partir daí...

Márcia Paranhos: como você se vê quanto à Organização? Fale mais sobre isso:

CB2: Então, eu me vejo assim, organizada. Porem algumas coisas eu tô ...devido algumas coisas que eu acabei fazendo nesse período eu acabei deixando um pouco ... um pouco assim... pouco tempo pra tá mais assim com meus filhos essas coisas..., mas com a organização... é ...a questão e organização de trabalho essas coisas é o que eu é.... to dando ... assim nesse momento é ... Prioridade mais, por esse motivo acabo tendo menos tempo pra o lado pessoal no caso.

Márcia Paranhos: Como você se vê quanto à responsabilidade? Fale mais sobre isso:

CB2: Ai, eu me vejo muito responsável. Tipo, com relação ao pessoal... é ... esse lado de responsabilidade, tipo quando a ... no caso minha filha ou meu filho fica doente eu tenho que deixar... acabo deixando um pouco de lado aqui ... aí eu me sinto responsável por que eu to dando atenção assim de alguma forma.

Márcia Paranhos: E na universidade?

CB2: Aqui na universidade eu procuro sempre tá é ... ajudando meus colegas. No caso de trabalho não sou de tá se escorando nos outros, então eu me considero assim, uma pessoa responsável, nesse ponto de vista, tipo eu sei a hora que tem que parar um pouco pra dar mais atenção ao lado pessoal e a hora que eu tenho que focar mais no lado da universidade. Por isso que no próximo período eu vou manerar mais.

Márcia Paranhos: Como é sua relação com as pessoas? Fale mais sobre isso:

CB2: Eu me considero... é uma relação boa, falo com todo mundo daqui da universidade da... é não ... fora... com pessoas que não conheço também ... eu acho assim... que eu sou uma pessoa... Apesar de ser uma pessoa calada, mas eu me comunico com as pessoas, tenho uma relação boa, não sou de deixar assim... pessoas com intriga, não. Me relaciono bem.

Márcia Paranhos: Como você age em grupo? Você pode citar um momento em que você trabalhou bem ou mal?

CB2: Então, agora ando é ... rrsrrs... tipo, eu nunca tive problema com trabalhos em grupo, não é isso? Nunca tive, porem de uns tempos pra cá rrsrrsr andou acontecendo algumas coisas

com.... é ... eu acho que é com as pessoas por que assim, não tem assim um pouco mais de responsabilidade e acaba acarretando num peso maior pra outras pessoas do grupo né. Mas é.... eu levo ... assim de boa. Não brigo, não....

Márcia Paranhos: E fora da universidade?

CB2: Fora da vida acadêmica não. Com a família, bem. Passei por alguns problemas familiares, mas é normal.

Márcia Paranhos: Como você age em situações que fogem do seu controle?

CB2: Então eu fico um pouco... rrsrrs é. Como se diz... Angustiada, quando acontecem essas coisas eu fico meia... como eu ajo? Não sei descrever assim... na verdade eu não sei como agir nessas situações.

Márcia Paranhos: Você pode citar algum exemplo?

CB2: Já, tipo, situações... perder matéria, tipo eu só foco mais aqui na universidade, entende, meu lado pessoal não é assim não acontecem tantas coisas como aqui dentro. Mas tipo, eu não sei como ... eu fico meio assim, perdida mesmo. É horrível né? Não sei dizer como é ... assim eu saio dessas situações ... eu acho que eu nunca saí.

Márcia Paranhos: Vamos falar nas características que te diferem das outras pessoas: O que lhe faz especial?

CB2: O que me faz especial? Pronto, falar de mim é uma coisa que eu tenho um pouco ... pouca afinidade assim de falar ... dificuldade na verdade, eu tenho dificuldade de falar de mim. Mas o que me difere, acho que é meu jeito de ser, sei lá.

Uma pessoa que pensa nos outros, que... tem que se colocar no lugar dos outros aí talvez por isso que aí talvez acontecem algumas coisas que não deveriam acontecer. Isso aí é uma característica minha, se colocar no lugar do outro.

Márcia Paranhos: O que lhe deixa insegura?

CB2: O que me deixa insegura? Então, realmente é o medo de errar, é o que me deixa mais insegura, de tá fazendo uma coisa errada.

Márcia Paranhos: Quais características que definem melhor você?

CB2: Eu sou.... é... um pouco... assim... essas partes que é pra mim... tipo assim me caracterizar também é outra coisa que eu tenho dificuldade em fazer, ...

Márcia Paranhos: Quais são suas principais características?

CB2: Também não sei... O que me caracteriza? Talvez seja ser ... é ... ser indecisa, ser um pouco... insegura também. Boas é Algumas características boas são: pensar nos outros, tentar ajudar o máximo que eu posso fazer o que eu posso, porem sou um pouco chata.

Márcia Paranhos: Você já enfrentou algum tipo de dificuldade pessoal?

CB2: Já. Tipo, quando minha mãe e minha irmã não tem um relacionamento bom as duas, são algumas dificuldades que ... pessoal assim que eu passo, que acaba me afetando.

Márcia Paranhos: E na vida acadêmica?

CB2: Dificuldade na vida acadêmica? Tipo, o tempo mesmo rrsrrrs... o tempo pra tá estudando mais. Conciliar é o estudo, a universidade com o ... a vida ...no caso pessoal ... Já, tipo, porque logo quando... como eu terminei o ensino médio em 2004... lá agente não estudava esse negócio de evolução essas coisas. Aí logo que eu entrei aqui eu peguei a matéria história e filosofia, apesar de ter passado com boa nota, porém aí foi que eu fui descobrindo que existia um cara chamado Darwin, Lamarck, e sobre essa área de ciência natural... essas coisas todas. Então essas coisas por eu ter terminado cedo ... tipo o ensino médio e ter começado tarde na universidade ... é acabaram interferindo em algumas matérias. Aí acabaram fazendo com que eu tivesse dificuldades... eu senti dificuldades em ((nome da disciplina)), acabei perdendo a matéria, chovê mais... ((nome da disciplina)) ((nome da disciplina)) então, ((nome da disciplina)) eu era boa no ensino médio quando cheguei aqui tragédia. (risos). Então, passei também é ...por dificuldades em disciplinas. Então eu atribuo ao espaço de tempo que eu tive de terminar o ensino médio pra começar na vida acadêmica, tipo, estudei em escola pública que... ela não era tão estruturada como agora, agora ela melhorou mais no modo de ensinar assim, não era muito bom, isso acabou refletindo também. Talvez se eu tivesse exposto a minha dificuldade, qual era o problema talvez eu acho que, mas como eu não expus qual era o problema aí por isso não tiveram como ajudar. Tipo, o negócio é que não foi só eu, tipo, a metade da turma, tipo biologia do desenvolvimento tem um alto índice de reprovação, fisiologia também básica, é física mais ou menos também, então acho que o professor também se ele tivesse mudado um pouco o.... o modo de ensinar talvez tivesse ajudado a gente, também por que não só foi eu, muitas outras pessoas também.

Márcia Paranhos: Quais situações lhe dão sensação de motivação no curso de ciências biológicas?

CB2: Quando eu consigo realmente algo do... tipo expressar alguma coisa. Tipo, num seminário quando eu acho que eu fiz certo, que tá bom aí ... tirei nota boa, aí é o que me faz sentir mais motivada, mas a continuar. Tipo, ver também, no meu caso como eu sou bolsista, eu vi como os alunos ficam quando a gente aplica é.... oficinas, se envolve também na vida acadêmica tipo fazendo monitoria essas coisas, são tipo ... é isso realmente que eu quero ...e o

que me motiva a ficar aqui e....tipo levar meu aprendizado pra escola pública que tipo precisa mais sair desse método tradicionalista de ensino.

Márcia Paranhos: Você se vê uma pessoa conservadora ou inovadora?

CB2: Então, eu acho que eu sou... talvez inovadora. Por querer levar uma... um tipo de educação assim diferente talvez, sei lá, acho que eu me sinto inovadora, eu acho que é meu estilo. Conservadora... Tipo no meu modo de ser, tipo... por ter assim tipo, não sei explicar como é conservadora. Talvez por eu ter aquela... tipo, conservar a tradição de família algumas coisas que a gente faz ...que já vem dos tempos de quando meu pai era vivo, essas coisas, a gente ainda continua. Por esse lado talvez eu seja conservadora nesse sentido de tradição familiar. E inovadora, talvez por pensar assim, querer mudar um pouco a realidade da... tentar mudar é mudar um pouco o ambiente escolar e fazer um pouco coisas mais dinâmicas. Talvez por isso eu seja mais tipo...não sei.

Márcia Paranhos: Considerando quem você é e como você se sente, o que você acha que deve acontecer no curso de Biologia para que você se sinta mais motivada?

CB2: Eu já me sinto motivada a continuar no... então... O curso precisa oferecer bons professores, a pesar de que a maioria assim são, pelo menos os que eu peguei, a maioria são bons. Talvez alguns professores mudar um pouco seu modo de... de avaliar o aluno, de expor o seu conteúdo, também ajudaria muito e de motivar mais. Acho que é isso. Não ver só o defeito do aluno e nem o aluno ver só o defeito no professor (risos) é acho que é isso.

Márcia Paranhos: De quem seria a responsabilidade para criar essas mudanças?

CB2: Acho que de toda a comunidade, tanto a.... dos universitários tipo os alunos mesmo e o centro acadêmico, acho que seria isso, tipo uma conversa, ne, dialogar. Acho que é isso.

Márcia Paranhos: Qual seria a sua responsabilidade nesse processo?

CB2: A minha responsabilidade? Tipo, seria... é.... talvez... talvez não, seria me dedicar mais ao estudo nesse lado do... E também de... procurar assim. É ... meios ... não sei de ... de que chegasse até... é... aquele professor, aquele centro acadêmico, assim as sugestões para mudanças, acho que nesse ponto assim.

Márcia Paranhos: O Que tem dentro de você que poderia contribuir para essas mudanças?

CB2: Não sei responder. Tipo, porque eu sou um pouco mais devagar pra aprender, talvez seja isso. Eu sou um pouco mais... assim... pra compreender assim as coisas eu sou mais devagar né? Aí talvez essa seja uma característica que ... me atrapalha de fazer isso aí...

Márcia Paranhos: Quais limitações você percebe em você e que prejudicaria/dificultaria/inibiria sua participação nesse processo de mudança?

CB2: Talvez o medo de não aceitarem, de não ser ... é de mais pessoas porquê... já que não é só ... não resolverem o problema, acho que talvez mais o medo mesmo.

Márcia Paranhos: Que tipo de habilidades fazem com que um aluno tenha sucesso ou fracasso no curso?

CB2: Tipo, querer muito, estudar, porque não é brincadeira (risos), tem que estudar muito, ser inteligente, no caso, não é isso ?! Assimilar os conteúdos, no caso ser.... é para ter o fracasso é deixar o estudo de lado, o curso de lado. Pessoais também eu acho, tipo, talvez aconteceu algum imprevisto ... que faça com que esse aluno desista do curso, acabe tendo fracasso, não conseguindo... Tipo, ser obrigado a trabalhar, por algum motivo... e não conseguir tempo pra estudar, porque é o que a maioria das pessoas deixam o curso é.... não conseguir é tipo relacionar, associar o tempo de trabalho com o do estudo. Acabaria acarretando no fracasso. Tipo, a vontade de tipo, acho que o sonho de ser aquele professor... acho que isso, a vontade de trabalhar naquela área, de ser... mesmo que passe o que passar, eu acho que isso, assim.

Márcia Paranhos: Você acha que o emocional interfere no desempenho?

CB2: Sim, acho que interfere sim, tipo se você não está bem estruturado, se você não tiver é.... fluindo bem, acho que não tem como seguir adiante, tipo se você não, se você não está passando por um período bom você não tem como... não tem como, tipo... estudar não vai produzir muito bem, reproduzir no caso o conteúdo aí levaria a um fracasso. Tipo, problemas. Problemas no... com os familiares, doença... também... eu faria... Tipo, poderia fazer com que a pessoa largasse, desistisse, se desestimulasse.

Márcia Paranhos: E o emocional poderia influir positivamente também?

CB2: O emocional, acho que pode ser positivo também, tipo, Não sei como responder essa.

Márcia Paranhos: No curso de Biologia, você vê diferença de desempenho entre cotistas e não cotistas?

CB2: Sim, porque a maioria de não cotistas são de escola particulares enquanto a maioria dos cotistas são de escolas públicas e que mesmo que algumas escolas estejam melhorando seu método de ensino, mas a maioria não. Tipo, eu não sou uma aluna muito boa, mas não sou ruim, médio (risos). Sou cotista! Mas também depende muito da base, tipo, da escola que você estudou ... é.... se tinha é.... tipo, se o ensino de lá era melhor, se os professores se interessavam em passar o conteúdo em que o aluno aprendesse, aí, muda um pouco de

história, tipo, um exemplo de uma escola assim que eu achei diferente, a minha não! A minha era uma escola que ...tipo, não tinha muito compromisso que tinha professores que só fazia a gente ler livro não davam aula, por que antes de escolher biologia eu também gostava de história, mas tipo, uma professora de história fez com que eu desistisse totalmente da história só por ter que está lendo ali aquele livro e respondendo questão em sala sem discutir nada, acabei me é.... desestimulando isso. Então ... tipo, o modo que você... a sua educação de base, como ela foi, se ela foi um pouco melhor, seu empenho seu desempenho no caso, na universidade será melhor. Porém como a gente passa por uma dificuldade grande na educação pública, então os cotistas aqui na universidade sim! Passam por esses ... tipo, é tem menor rendimento que os não cotistas.

Márcia Paranhos: E você acha que esse problema poderia ser resolvido?

CB2: Se fosse, é ... se esse problema já for resolvido lá na rede básica de ensino eu creio que sim. Depende, eu acho que se o professor, talvez quisesse acho que sim, ajudar o aluno. Porém, fica assim... acho que um pouco difícil de não sei, dependendo do conteúdo não sei se ... depende do interesse também do professor né, não sei ele estaria interessado em tipo, mudar um pouco o jeito do... do ensino dele, não sei.

Márcia Paranhos: E o aluno, poderia fazer algo para mudar essa situação?

CB2: O aluno? Poderia, assim, na universidade, às vezes, a gente aprende várias coisas e uma delas foi, não entendeu, as vezes que o professor falou, pergunte. Aí não entendeu de novo, recorre ao youtube. Rsrtrs. Que tem aulas lá. Então, é uma maneira, tipo de a gente está buscando o aprendizado, e na biblioteca, não entendeu o que o professor explicou de novo, entrar ir na biblioteca. Apesar de que o melhor é no caso ou assistindo as aulas, no caso do youtube, fica melhor modo de aprender do que você só lendo o livro, né? Por que você tem alguma dúvida que vai tirar. Também tem algumas matérias que tem monitores também, aí também já ajuda um pouco, nesse contexto dos cotistas.

Márcia Paranhos: E sobre as questões de gênero, você acha que tem diferença no desempenho?

CB2: Não. Acho que é a mesma coisa, tipo se vinham de escola pública e de escolas particulares são diferentes o rendimento, mas se for por ser menino e menina, não é isso? Acho que não. Assim, eu não conheço assim tipo, nunca fiz uma pesquisa assim pra saber assim, quem tira mais, mas assim, acho que não. Meio a meio. Tipo, sempre tinham mais meninas em sala que meninos. Mas em relação a nota não, era igual.

Márcia Paranhos: você gostaria de fazer algum comentário sobre a entrevista?

CB2: não.

Márcia Paranhos: Mais uma vez agradeço sua participação. Obrigada.

Márcia Paranhos: Oi, bom dia. Primeiro agradecer sua colaboração com nossa pesquisa e te assegurar que seu nome não aparecerá em nenhum momento desta pesquisa. A qualquer momento você pode desistir da entrevista, fique bem à vontade.

Márcia Paranhos: Você poderia, por favor, relatar um pouco sobre a sua história de vida? Quem é o CB3 hoje?

CB3: Bom, meu nome é CB3, eu tô no oitavo período do curso de ciências biológicas é... eu entrei pelo sistema de cotas para alunos de escolas públicas, tenho 21 anos.

CB3: Uma pessoa que acreditou no sonho, que tá próximo de concretizar uma etapa importante, que encontrou uma área que quer fazer isso pra o resto da vida, acho que é o principal, a principal conquista é isso, uma pessoa que tem várias amizades, e eu acho que basicamente é isso, uma pessoa que tá ... eu não esperava que eu chegasse no ponto que eu tô hoje, pessoalmente e profissionalmente, que eu nunca, sempre tive essa indecisão, pra escolher o curso mas a partir do momento que eu escolhi eu resolvi vestir a camisa da biologia e hoje eu não me vejo fazendo outra coisa.

Márcia Paranhos: De onde você é? Fale um pouco sobre sua infância:

CB3: Eu sempre fui muito traquino, mas sempre bem disciplinado em casa, assim, nunca fui preso dentro de casa, sempre podia fazer é jogar bola, brincar, coisa que criança faz. Normal, não teve nada de mais na minha infância assim, nenhum trauma nem nada que me marcasse, mas sempre era bem regrada, olhe você vai brincar mais volta tal hora, você vai brincar mas vice tem que pegar sua irmã tal hora na escola. Então eu acho que esse (...), essa organização desde cedo me permitiu eu manter isso de certo modo, como minhas obrigações, então é uma coisa que eu preendi em minha vida por causa disso, desde pequeno eu sempre ajudei em casa, sempre tive que fazer meu dever, enxugar os pratos, depois podia brincar de bola, depois pode ir pro vídeo game, então acho que esse sistema meio que no meu... indiretamente ele continua.

Márcia Paranhos: Fale um pouco sobre sua adolescência:

CB3: Então, eu sempre fui uma pessoa... na adolescência, no ensino fundamental e médio também continuei do mesmo jeito, assim, deixe eu ver como eu posso analisar, não, eu continuei assim, fui sempre buscando cada vez mais meu objetivo que era entrar na universidade e tal, então sempre fui bem aplicado na escola, sempre fui esforçado, era um pouco traquino mas nem tanto, nada de mais, nada que não se justifique por causa dos

hormônios né, mas no geral era isso, sempre eu tava na sala de aula, por mais que no momento é de recreio de alguma coisa, fosse... fizesse alguma coisas normais de adolescentes, namoricos de escola, é bagunças e bagunça de brincadeira mesmo mas sempre no momento da sala de aula era de respeitar, o professor, também sempre tive isso de respeitar quem tá numa hierarquia maior do que eu. E sempre me relacionei bem com as pessoas, eu acho que isso também é relevante, desde o ensino fundamental. Tenho amizades desde o fundamental, desde a segunda série. Então eu acho que eu... nem todo mundo consegue isso.

Márcia Paranhos: Fale um pouco sobre sua vida adulta:

CB3: Então, eu... atualmente meu principal problema é em encontrar um rumo profissional, ne empregatício, um vínculo empregatício. Isso é o que tá mais me pegando assim, eu acho que se me perguntar assim, qual seu maior problema? É que eu tô chegando num ponto que a biologia me envolveu de um tanto que eu não me vejo fazendo outra coisa e falta concursos, e falta oportunidades até de emprego e eu não quero perder o foco né assim da graduação e nem me vejo fazendo outra coisa a não ser em sala de aula, ou fazendo alguma pesquisa relacionado a biologia, então o meu principal problema é esse hoje. E continuo... meu problema também é que as vezes eu fico muito sobrecarregado porque sempre tem várias coisas pra tá coordenando, se é o grupo da igreja: tô coordenando alguma coisa; se é na universidade, se é um evento tem que tar na comissão organizadora, se é no pibid, mesmo tendo outros bolsistas mas sempre a responsabilidade recai um pouco pra mim de é... De intermediar alguma coisa, então eu acho que essa questão da liderança né, que tem algumas pessoas que tem isso, espontaneamente é um dos principais problemas hoje na minha vida adulta, as vezes eu consigo ou... não é que atrapalha é porque as vezes supercarrega demais, fica muita liderança junto. E as vezes eu não sei se isso acaba abafando outra pessoa de desenvolver esse espírito de liderança. O espírito de liderança é bom, mas quando você começa a acumular uma série de funções isso vai atrapalhar por que você não vai conseguir ser o melhor líder né que você poderia ser.

Márcia Paranhos: Houve alguma mudança no seu jeito de ser durante sua vida? A que você atribui isso?

CB3: Não, significativa eu acho que não houve mudança. Eu acredito que eu continuo com a mesma essência, os mesmos valores que eu tinha quando criança até hoje. Claro que a maturidade vai vim e a gente vai percebendo que realmente é valido né a gente tem que se importar mesmo, mas tem essência eu me considero a mesma pessoa, não tem nada que mudou assim, drasticamente. Até eu tento mudar algumas coisas que eu me acho muito besta

as vezes, mas é algo que eu já desisti por que já faz parte de mim, de ... não sei.... Dizer um não de cara. Mas eu sempre vou... Eu tenho buscado melhorar isso por que isso me atrapalha de certo modo, mas é um não quase sim (risos).

Márcia Paranhos: Quando você olha para trás, você consegue lembrar de algumas características suas e que hoje lhe favorecem ao cursar a licenciatura em biologia?

CB3: Esse... tinha de investigação, sempre me chamou atenção, é uma característica que eu tenho desde sempre. E de se envolver com a natureza, de botar a mão na massa mesmo, de solo, de ter essa curiosidade, eu acho que essa característica de curiosidade vem desde sempre, é de investigativa, sempre na escola era um experimento simples eu tava tentando, é tentar tirar dúvida de tudo. Então acho que essa é uma característica que favoreceu muito. Que a biologia permite muito isso, sabe, é descobrindo novas coisas, basicamente isso.

Márcia Paranhos: Ao olhar para frente, quais ganhos a licenciatura em biologia lhe proporcionou para uma vida do modo como você espera que seja?

CB3: Então, é... além de ser meu ganha pão né, porque eu não me vejo fazendo outra coisa, a não ser algo relacionado à biologia, no geral de tudo, né? De envolvimento com as pessoas, de confiança, de desenvolver em alguns momentos essa liderança que as vezes acaba é propondo desafios, eu acho que isso também a universidade proporciona muito. Até de um seminário o máximo possível você se vê no seu futuro profissional, na sua prática profissional futura, então são pequenos desafios que somados eles vão é... eu não me lembro, eu se pudesse votar atrás é novembro de 2012 quando eu entrei aqui na universidade eu acho que eu tive uma evolução muito grande mesmo, né, porque eu sei que quando jovem quando adolescente eu era um pouco mais calado, quando tinha dúvidas eu sempre tirava algumas mais sempre tinha vergonha de tirar outras, e a universidade meio que é .. Fez isso, fez essa seleção né? Não me vejo, se eu tiver uma dúvida eu tiro, se eu tiver que falar eu falo, então essa vergonha que eu tinha, essa introspecção que eu tinha antes eu não tenho hoje.

Márcia Paranhos: Que motivos lhe trouxeram para universidade?

CB3: De aumentar a bagagem de conhecimento de poder se aprofundar em alguma coisa, e é basicamente isso, buscar um meio que a gente tenha uma vida melhor né, mesmo tendo esforço mental agora, psicológico, que a gente as vezes tem em final de período que é algo que sempre vai pesar mais, mas que é uma sementeira hoje pra depois a gente vir a colher os frutos né, espera-se que venha a colher os frutos né.

Márcia Paranhos: Você tem algum suporte emocional que te ajude a enfrentar as atividades acadêmicas? (E fora da universidade?)

CB3: Basicamente a minha família mesmo, minha avó e minha mãe são duas psicólogas domesticas assim, porque elas sempre quando vê eu cheio de coisa, algumas vezes eu pensei em desistir do curso, pelo menos duas seriamente, e elas sempre confiando né? Eu acho que essa... ter uma pessoa, saber que tem uma pessoa que acredita no seu potencial e lhe incentiva dentro de casa, isso as vezes é melhor do que um profissional. E nesse período todo, de entra na universidade, antes de entrar e no decorrer da universidade é uma coisa que eu tenho dentro de mim mesmo de não criar expectativa. De não criar expectativa em nada. Então eu não criei expectativa ao passar no curso, eu não criei expectativa pra um possível mestrado, pra passar em uma disciplina. Eu acho que é melhor a gente se surpreender do que ter uma decepção. Então, é o que eu já tenho bem desenvolvido em mim desde sempre, então eu sabia que eu tava passado, mas minha mãe me perguntava e eu dizia: sei não, eu acho que não vai dar não. Pra evitar a decepção de outras pessoas e minha mesmo, frustração. Pra isso não servir de um como é que eu posso dizer, dizer que eu tô passado e eu não tá e isso me prejudicar emocionalmente. Eu acho que eu não tenho muitos traumas emocionais por cauda disso, por que eu nunca crio uma expectativa muito grande.

Márcia Paranhos: Vamos falar os sobre seus pontos fortes e fracos: O que te motiva a mostrar todo o seu potencial?

CB3: O que mais motiva eu... é mostrar todo o potencial é.... não é querer ser melhor nem pior que ninguém. É mostrar as pessoas que com esforço, com o mínimo de esforço a gente consegue chegar longe, eu costumo usar a frase: se eu cheguei você também consegue chegar. Então acho que é, dentro de casa mesmo eu tenho que ser uma referência pra minha irmã. Olhe se eu consegui chegar no mesmo estado que você vive, nas mesmas condições dentro de casa então você também consegue chegar, meu primo também consegue chegar. Chegar onde eu cheguei e até mais, então eu acho sempre acho que a gente tem que dar o nosso melhor pra ser uma referência e pra ser é satisfeito ne? A gente só tá aqui passando esse período de graduação, posso fazer mais duas ou três, mas a primeira é essa então eu tenho que dar meu melhor aqui pra que eu possa absolver o máximo, pra que também eu possa como professor transmitir, retransmitir de certo modo, não sei se essa é a palavra certa transmitir, ne que ninguém transmite nada, mas que a gente possa compartilhar esse conhecimento com os alunos, acho que o ciclo continua.

Márcia Paranhos: Quais dificuldades te impedem de mostrar seu potencial?

CB3: É mais um esforço pessoal mesmo de se reorganizar, de detectar primeiro a falha e encarar isso como uma falha e não como o fim né, se eu tô com esse defeito, com esse... essa

coisa que não tá me agradando, esse desanimo então tem que buscar é... mitigar aos poucos também que do mesmo jeito que o problema vem aos poucos a gente tem que buscar a solução aos poucos então, eu tô tendo já uns primeiros resultados né, buscar sempre colocar tudo que eu tenho que fazer e ter disposição pra cumprir todas essas etapas e não ficar passando pra depois, passando pra depois por que aí acumula, vira uma bola de neve e a gente, as vezes não tá equilibrado no momento que essa bola de neve vem e a gente acaba se decepcionando mais e tendo mais problemas. Então pra evitar esse stress é melhor que a gente vá se organizando, eu acho que também não é querer resolver tudo de um dia pro outro, mas nesse um mês e eu já tenho percebido que na última quinzena eu tenho me organizado mais do que na quinzena anterior então eu acho que é gradual.

Márcia Paranhos: Como você se vê frente a novas experiências? Você poderia descrever um momento em que isso aconteceu em sua vida? Em que momento de sua vida você acha que essas características surgiram? E na universidade?

CB3: Não, eu acho que é valido a gente ter novas experiências por que é justamente com essas novas experiências que a gente vai poder crescer assim, a gente cresce quando tem algum desafio, uma coisa nova, o desconhecido sempre me atraiu, desde sempre. Então, acho que faz a gente refletir, ter um ponto de vista diferente. eu acho que a universidade foi um desconhecido que eu não tinha contato, antes eu me importava muito com o que as pessoas falavam, e depois da universidade eu percebi que a gente pode ser o autor da nossa história, cada um por si, então eu acho que é isso, de a gente... se deixar levar pelo novo meio que a gente tá, isso não significa dizer que a gente vai tá fazendo algo anti ético, mas que a gente possa conhecer né, daquele universo de pessoas, cada uma com suas características e a gente possa respeitar todo mundo, independente das diferenças, que as vezes é uma visão que quem tá fora da universidade não têm. A universidade ela ajuda muito, pra melhorar nossa vista em todos os parâmetros né e que é valido, e novas experiências é o que a gente vai crescer né? A gente cresce quando a gente tá fazendo uma coisa que a gente não era... anteriormente a gente não fazia então, acho que são validas a gente tem que sempre buscar inovar.

Márcia Paranhos: Como você se vê quanto à Organização? Fale mais sobre isso:

CB3: Eu já fui mais organizado, não vou mentir, mas eu me vejo uma pessoa organizada, na minha bagunça eu consigo me localizar, então as vezes dá uma doidiça na cabeça que eu só consigo começar a fazer alguma coisa quando tá com o computador organizado, as pastinhas, os arquivos tudo organizados, porque pra mim aquilo me incomoda mais que o quarto bagunçado, e as vezes também até o ambiente mesmo se eu bagunçar o ambiente eu só

consigo começar a trabalhar mesmo a estudar algo com ele organizado. Então eu acho que meio que não é uma obsessão por organização, mas saber onde tá as coisas pelo menos é o mínimo que eu acho que tem que ter.

Márcia Paranhos: Como você se vê quanto à responsabilidade? Fale mais sobre isso:

CB3: Quanto a responsabilidade eu me acho muito responsável. Porque eu não consigo, eu falei que eu acumulo muita função, mas sempre que eu assumo uma responsabilidade eu só fico satisfeito quando eu consigo cumprir tudo aquilo no prazo, principalmente prazos, eu gosto sempre de cumprir com antecedência. Por que se tiver algum contratempo ainda tem como corrigir sem stress então... quanto a responsabilidade sou mais responsável que organizado eu acho.

CB3: Então como eu falei, é... Eu também coordeno um grupo, um ministério, um grupo de jovens, e é bem complicado né, e é... jovens, então tem pessoas que são mais responsáveis, tem pessoas que as vezes vai com outros objetivos e não o que é proposto e as vezes periodicamente a gente tem que realizar cortes. Selecionar pessoas pra determinados serviços e realizar cortes e nisso eu sei dizer não muito bem, então eu ... tem que ser responsável por que pra ser justo na verdade né? essa é uma das funções mais complicadas que tem é a gente se submeter a um julgamento de uma pessoa, se a gente pensar em julgar uma pessoa, se ela ta apta pra uma coisa ou não, mas nesse quesito eu acho que tem que ter uma responsabilidade muito grande pra arcar com as consequências e eu acho que pelas experiências que eu tive de cortar pessoas que eu acho que é uma coisa que, cortar entre aspas né, algo meio violento, mas eu acho que tem que ter muita responsabilidade pra você dizer que uma pessoa não pode fazer isso, não pode servir, não pode ir pra tal lugar porque ela não cumpriu com a responsabilidade dela. Então você tem que dar o exemplo e você tem que sustentar isso.

Márcia Paranhos: Como é sua relação com as pessoas? Fale mais sobre isso:

CB3: Eu sempre busco me relacionar com o máximo de pessoas possíveis, eu acho que a gente tem que tá fazendo pontes né? Por onde a gente anda. Desde a escola até a universidade e buscar amizade com pessoas que as vezes muitas outras pessoas não dão importância, o jardineiro, a menina da cantina que as vezes ninguém fala, então a gente... eu sempre busco amizade com pessoas que não são só alunos, professores, então eu me considero uma pessoa extrovertida assim, nesse sentido, mas o fato de eu respeitar e falar com todo mundo não quer dizer que eu tenha amizade com todo mundo, então na minha cabeça eu sei selecionar uma pessoa que eu possa contar pra qualquer coisa né? Pra desabafar, pra ajudar de certo modo, mais energicamente, algo mais concreto na realidade e vise versa e tem pessoas que é pelo

relacionamento, eu acho que a gente tá numa turma com 30, 40 pessoas e tem que buscar tá relacionando bem, eu acho que é nossa obrigação né? A empatia com todo mundo é impossível de ter, mas é bom que a gente busque pelo menos o respeito de todos, fica um ambiente bom. Eu acho que isso é válido.

Márcia Paranhos: Como você age em grupo? Fale mais sobre isso:

CB3: Eu é... eu sempre, entra naquela questão, você tá num grupo, eu sempre tenho que ser a pessoa responsável por enviar, a pessoa responsável por fazer a revisão final, porque não é que eu não confie nas pessoas mas é porque até por bem do grupo rsrsr eu acho melhor, as vezes tem um prazo a ser cumprido e eu sei que todos mundo do grupo não vai ser prejudicado e nem eu. E eu não sei se outra pessoa vai ter essa... não capacidade mas esse pensamento de pensar no coletivo então eu acho que eu gosto de é.. De ser um pouco o líder e então eu me responsabilizo sempre pela coisa que é essencial pra evitar contrariar, pra mim e pro coletivo. Em grupo eu sempre gosto de dividir tarefas, mas que todo mundo faça o trabalho junto, não acho que trabalho em grupo seja feito cada um fazendo sua parte e depois junte como quebra cabeça, por que por algumas experiências isso sempre dá errado. Por que, não é por que por exemplo, você ficou responsável por uma parte e eu peguei outra parte que eu não possa opinar na sua parte e você na minha, eu acho que também é importante, trabalho em grupo ele permite que a gente possa transitar em todos, por que melhora o resultado.

Márcia Paranhos: Como você age em situações que fogem do seu controle? Você pode citar algum exemplo?

CB3: Do controle não, por que eu me considero uma pessoa muito equilibrada mesmo, assim, muito. Eu penso 10 vezes antes de falar alguma coisa, mas se tiver uma coisinha, vamos dizer se pisar no meu calo vão ver a fera.

Márcia Paranhos: E na universidade?

CB3: Na universidade quando eu vejo que uma pessoa tá querendo se aproveitar eu me finjo de cego e deixo ver até onde ela vai chegar e aí eu pra evitar descontar isso em outra pessoa eu sempre tenho uma conversa séria com essa pessoa e digo: olha pra gente não perder a amizade ou coleguismo né, não é nem amizade, eu a partir de hoje não vou fazer nenhum trabalho com você mais. É meu, minha válvula de escape pra não se estressar é essa, já teve pelo menos umas três pessoas que eu chego e falo: pra evitar é melhor a gente não ter.... não conte comigo assim pra nada não, pra evitar. Não gosto muito de conversa nem de se esbravejar, conversa direta, não nada futrico nem conversinhas.

Márcia Paranhos: Vamos falar nas características que te diferem das outras pessoas: O que lhe faz especial?

CB3: Eu acho que eu nunca tive esse pensamento de parar e pensar porque eu sou especial, mas eu acho que cada pessoa é especial no seu jeito, né, cada um tem suas características. O que vai me diferir de outras pessoas, acredito que é difícil a pessoa ter um... Tranquilidade, eu diria assim, esforço, sou muito esforçado, tranquilidade e espírito de liderança junto. Eu acho que é um pouco complicado a pessoa ter isso, e geralmente quando se trabalha com pessoas você vive muito estressado, então eu consigo ter uma tranquilidade e ter o espírito de liderança e ser esforçado, que eu acho que a gente tem que dar o exemplo, sempre eu trabalho nessa perspectiva, de a gente dar o exemplo, se é um professor em sala de aula a gente tem que dar o exemplo. Então não ficar é... esperando dos outros aquilo que nem a gente pode fazer. Então eu acho que é isso. De um modo geral, essa pergunta é a mais difícil até agora por que eu não consigo pensar em nada assim anormal, por que aí vai entrar no julgamento das outras pessoas, não sei o que as outras pessoas, qual o problema que as outras pessoas passam. Nos momentos de dificuldade, pelo menos dois, né, foi quando eu perdi meu tio e um acidente que eu já tive de carro, o carro virou, eu tive uma tranquilidade muito grande que até eu depois fiquei pensando: oxe, como que eu pude ser tão tranquilo então eu acho que já é de mim mesmo, quando o estresse é extremo aí é que eu me tranquilizo mesmo, acho que até é uma coisa muito difícil de ter numa pessoa. O carro virou e depois que o carro virou todo mundo tava saindo do carro e eu peraí, calma. Fui pegar o celular e cadê? E a porta de cabeça pra baixo e tinha até uma menina pequena, eram 4 pessoas, né o casal que era meu ex. patrão e a mulher dele e a filha e eu no carro. E o carro virou e do nada, me dê a menina tenha calma, e parecia que não tinha acontecido nada e eu fiquei depois, que cara de pau essa minha, o cara lá com o prejuízo e eu preocupado com a água da menina e ... as vezes é bom pra gente não se desesperar, por que quando a gente se desespera a gente perde o eixo e é pior.

Márcia Paranhos: O que lhe deixa inseguro?

CB3: Ah, me incomoda muito, eu não sei se pode ser a justificativa pra insegurança mas se tiver um grupinho de pessoas ou pelo menos algumas pessoas conversando e olhando muito pra mim eu sempre levo isso pro lado é... da insegurança "O que é que eu tô fazendo de errado aqui? " o que que eu posso tá incomodando as pessoas aqui? Eu acho que isso vai ser um problema em sala de aula, é isso, de se eu to num determinado meio e eu ver algum comportamento que eu não, que me desagrade desse tipo, eu vou sempre pensar que é comigo, por mais que as vezes não seja. Isso me chega a ... eu fico reflexivo num ponto, será

que eu tô incomodando essa pessoa em algum ponto? E só o fato de pensar isso eu já... não me deixa com segurança máxima, eu fico meio: oxente o que que tá acontecendo?

Márcia Paranhos: Quais características que definem melhor você?

CB3: Eu acho que é bem isso, a tranquilidade, sou uma pessoa tranquila, um cara tranquilo, esforçado, muito, vou usar o termo humano pra uma pessoa que vê, se coloca muito no lugar das outras pessoas, eu acho que isso eu tenho bem. Se tem um problema no grupo ou algo assim, ou tem uma pessoa mais triste eu sempre procuro conversar com ela antes que ela venha conversar comigo, pra ela desabafar ou que for, mas eu acho que é esforçado, humano, simples também não gosto de muita coisa, pra mim o menos é mais, né, como muita gente fala. Pronto, pra mim é isso.

Márcia Paranhos: Você já enfrentou algum tipo de dificuldade pessoal? E acadêmica?

CB3: Não dificuldade pessoal, não. Teve uma situação que foi umas das mais complicadas que eu já lidei, de comunicar a duas pessoas próximas a dois amigos, um primo e um amigo de ensino fundamental, um que o pai tinha falecido e outro que o próprio pai tinha cometido o suicídio, então, foram duas situações que eu me vi realmente sem chão e sem saber por onde começar, mas deu pra levar. Foram duas situações traumáticas, não pra mim, no sentido do acontecido, mas a responsabilidade tava para eu fosse lá contar, conversar com aquelas pessoas, de comunicar. A do meu primo, eu tive que dormir na casa de minha tia, porque já se esperava o corpo e tinha que ter alguém para dar suporte a ele, então, como ele é praticamente um irmão para mim, então pra mim também foi dolorido, a perda, mas eu não podia passar pra ele a tristeza, marcou muito, porque é uma situação muito peculiar. E no caso do meu colega pior ainda, que o pai cometeu suicídio próximo de onde eu trabalhava e aí eu fui lá ver, e o fato de ver a mãe dele lá no centro desesperada e no meio de tantas pessoas ela olhou pra mim e disse você, por favor, por amor de Deus, vá lá e tente conversar e eu fui o caminho todo pensando e o que eu vou falar, mas tirando esses dois traumas muito grandes, maior do que o acidente e tudo, não teve nada assim tão grave.

Márcia Paranhos: E na universidade?

CB3: Na universidade, não... eu sempre gosto de podar as próprias mágoas, porque eu sempre digo: não to guardando dinheiro também não vou guardar problemas. Então, quando tem alguma coisinha ou alguma queixa eu gosto de sentar e resolver antes que isso se acumule.

Márcia Paranhos: Quais situações lhe dão sensação de motivação no curso de ciências biológicas?

CB3: Não é tirar dez, mas é você olhar uma prova e você conseguir tirar o máximo que você poderia tirar. Eu tenho notas oito mas com mais gosto de dez do que os próprios dez, então se você chegar e pegar uma prova e olhar que aquilo que você respondeu na prova, mesmo um ano ou dois anos depois e você ainda tem noção daquilo, acho que não tem dinheiro que pague essa sensação, não são em todas as provas nem em todas disciplinas, e também seminários, chegar num seminário, você levar um tema e depois de algum tempo você pegar esses slides dá uma olhada e você se lembrar do assunto, como se você tivesse preparado para dar aula de novo, é umas sensações melhores possíveis.

Márcia Paranhos: Você se vê uma pessoa conservadora ou inovadora?

CB3: Depende de qual contexto nós estamos falando. Quando se trata de moral e ética eu me sinto muito tradicional, conservadora. Mas se estivermos falando sobre outras possibilidades de ensino, pesquisa, coisas para sua vida que não afetem a sua moral e ética, me considero inovadora, por exemplo, coisas do seu bem-estar, é bom sermos inovadores. Inovadora. Assim, eu me considero assim, uma característica que eu também tenho é de ser criativo, acho que por causa disso eu me considero inovador. Eu faço parte do pibid e então no pibid a gente tem que tá criando sempre atividades, então, teve uma atividade que foi, porque assim, um bolsista fica responsável por uma atividade, mais a frente, teve uma atividade que depois eu pensei, aí depois eu fiquei pensando que eu fui muito criativo e inovador até, sem sair da escola, porque eu fui lá na quadra, observei se tinham as espécies que eu queria, e aí a gente fez um tabuleiro humano, ao invés de ser um tabuleiro jogado na sala de aula, com dados e com pinos, os próprios alunos eram os pinos, acho que foi uma coisa que me marcou, porque deu muito certo, tudo funcionou como tinha que funcionar, e foi inovador até para os próprios alunos, porque eles relataram lá nos questionários que todas as aulas poderiam ser daquele jeito, então, é só um caso que me lembre aqui.

Márcia Paranhos: Considerando quem você é e como você se sente, o que você acha que deve acontecer no curso de Biologia para que você se sinta mais motivado?

CB3: Eu acho que, aqui no nosso caso que é um curso de licenciatura, falta aos professores das disciplinas uma preparação um pouco específica, especial, para preparar professores, eles ensinam os conteúdos, mas a gente sabe que ensinar o conteúdo e ensinar a ensinar o conteúdo é diferente. Então, eu tive que correr atrás e muito em algumas disciplinas pra isso, e as vezes a gente ver naquelas disciplinas de metodologia, didáticas, instrumentação de ensino de ciências e biológicas, que a gente tem a necessidade de inovar, mas o que falta aqui no curso é, por exemplo, não teve nenhuma disciplina na ufs que me permitisse, como eu tenho que

ensinar, ministrar uma aula de campo, então, na teoria eu sou obrigado a inovar, mas na prática não tenho uma disciplina, por exemplo, zoologia de campo, botânica de campo, para que me prepare para que futuramente eu possa dar uma aula de campo, sabendo que eu posso o que posso abordar. Então, acho que essa é uma das principais falhas, e aí eu tento ler muito sobre, para que quando por ventura, eu vim parar dando aula nas escolas eu tenho que não, eu critico tanto quem não inova e acabar sendo mais um que não inova também, então eu busco ler muito sobre isso, para que quando chegar na sala de aula eu possa levar para campo, não tem laboratório, então eu posso fazer um experimento mais simples, utilizando materiais reciclados por exemplo, é basicamente isso.

Márcia Paranhos: De quem seria a responsabilidade para criar essas mudanças?

CB3: Acho que é uma mudança coletiva, os alunos, eu acho que tem que partir dos alunos o ponta pé inicial, os alunos detectar essas falhas, lacunas, eu não vou dizer falhas, e criar, montar uma espécie de documento algo desse tipo, abaixo assinado, e deve procurar o chefe de departamento para que ele, com os professores veja se existe essa possibilidade de ter essas alterações, que a gente sabe também que do mesmo jeito que a nossa carga horária é fechada, a dos professores é mais ainda porque eles tem que ter produção científica, extensão, pibid, então, pibic, pibix, “os Pes” da vida e ainda mais as disciplinas, e a vida deles também, ne. Então, eles tem que administrar bem, para ver se existe a possibilidade de nas disciplinas já existentes ter essas alterações.

Márcia Paranhos: Qual seria a sua responsabilidade nesse processo?

CB3: A minha responsabilidade nesse processo..., eu to saindo gente (risos). Eu acho que é detectar o problema como falei e mobilizar, buscar se mobilizar, porque as vezes a gente espera muito dos outros, dos professores, do coordenador de curso, mas a gente acaba esquecendo de fazer a nossa parte, muito mais cômodo criticar do que resolver o problema, então, buscar mobilizar os alunos, porque falta muito isso, reunião, discussão e tudo mais com todos os alunos, para que juntos, de diferentes períodos, a gente possa detectar quais os problemas do curso e definir algumas prioridades como as questões que são trabalhadas as disciplinas num curso de licenciatura e levar para o departamento. E aí a minha participação enquanto aluno é mobilizar ou participar da mobilização.

Márcia Paranhos: O Que tem dentro de você que poderiam contribuir para essas mudanças?

CB3: Eu acredito que a comunicação né, de comunicar aos alunos, de tentar envolver o máximo de alunos com os problemas que cada um acredita que possa existir, no seu ponto de

vista qual é o problema que existe na grade do curso de biologia, buscar congregar, acho que a função seria essa, de envolver e congregar os alunos de diferentes períodos né, porque se for alunos de um só período vai detectar apenas um problema que tenha acontecido com eles, no decorrer da passagem dessa turma pela ufs, outros alunos vão detectar outros problemas, então, quando a gente envolve alunos de períodos diferentes consegue ter um melhor resultado, porque assim... vejo que o curso é muito fechado pra ensinar conteúdos específicos, e aí nós temos vários tipos de alunos, uns que gostam desse padrão específico, e outros que estão mais voltados pra área de ensino, porque aqui é uma licenciatura e querem ou melhor muitas vezes parece mais um bacharelado. Me considero comunicativo e acho que essa característica é primordial para esse primeiro momento de envolver os alunos.

Márcia Paranhos: Quais limitações você percebe em você e que prejudicaria/dificultaria/inibiria sua participação nesse processo de mudança?

CB3: Eu tenho um perfil de propor mudanças, acredito que sim, porém, entra na questão de ser mais uma responsabilidade e aí eu corro o risco de me sobrecarregar, talvez essa ideia de não envolver os alunos e de ser mais uma responsabilidade isso vá indiretamente bloquear, mais uma responsabilidade, mais uma coisa que talvez você pensa que vai envolver os alunos e eles até podem se envolver, mas na participação efetiva sobrecarregue a mim, no caso. Isso é o principal bloqueio, o medo de me sobrecarregar.

Márcia Paranhos: Quais tipos de habilidades fazem com que um aluno tenha sucesso ou fracasso no curso?

CB3: Ele tem que ser disciplinado acima de tudo, disciplinado e esforçado, acho que isso é determinante para que o aluno tenha sucesso no curso, entendendo sucesso como o melhor aproveitamento que ele possa ter nas disciplinas. Porque as vezes você atribui muito sucesso a uma boa nota, mas as vezes você tira um seis, mas você só tirava três, então, se você tirou seis, você deu um *up*, um pulo. Então, se você buscar fontes alternativas e realmente se envolver nas aulas, e tem algumas aulas que por si só não são suficientes, então, buscar materiais que podem auxiliar que é isso, buscar alternativas, ser disciplinado e esforçado, disciplinado principalmente. Ter organização de seus horários de estudo, se é hora de estudar é hora de estudar e não tá assistindo jogo, nem assistindo novela, nem tá no celular, abandona o celular por uma hora e estude. Tem até algumas técnicas que eu já li sobre, antes eu tinha uma dificuldade de me concentrar aí tem umas técnicas que você estuda 20 minutos e fica 5 minutos de intervalo para relaxar, então, você concentra naquela atividade que está fazendo e o que iria lhe distrair, eita tem que mandar mensagem para uma pessoa, eita tem que resolver

isso, tomar um café, você concentra isso nos 5 minutos de descanso. Acho que buscar essas técnicas, que tem várias, a que mais se enquadra no perfil da pessoa, acho que tem que buscar alguém que já estudou sobre e, que já existe isso e pra ver qual a que a gente mais se adequa, porque isso ajuda a gente a ser mais disciplinado de caso contrário, é muito complicado a gente começar por si próprio, uma organização do nada, tipo vou estudar duas horas seguidas e também sempre buscar...., acho que o contribui muito pro fracasso de uma pessoa é que as vezes ela pensa que ser disciplinado é somente viver em função do curso, da universidade, então eu acho que é um erro muito grande, porque se você fica um final de semana todo em casa estudando para uma prova e você se dá mal nessa prova, o esforço do final de semana todo foi em vão, porque assim, você tá em casa pensa que tá estudando mas na verdade você tá decorando o assunto e na prova você não consegue colocar no papel nada, então, acho que se isso começar a se repetir muitas vezes, ou você vai ser uma pessoa frustrada no curso ou vai buscar outro curso, dosar, ter um horário para fazer uma caminhada, tem um horário que eu quero tomar um sorvete, sair, assistir um jogo, acho que é válido também, não ficar focado só em uma coisa.

Márcia Paranhos: No curso de Biologia, você vê diferença de desempenho entre cotistas e não cotistas?

CB3: Não, eu acho que aqui até essa questão de colocação e tal e tal. Eu já tive essa curiosidade de ir olhar depois, onde tá o arquivo salvo, onde tá registrado onde e qual colocação eu passei, e eu percebendo que quem passou numa posição anterior ou posterior a mim, as vezes... Isso não vai representar o desempenho da pessoa. Quando a gente entra na universidade independente se por cota qualquer ou não, a gente tem que dá nosso melhor, porque aqui é outro universo, é diferente é outro nível de ensino, é superior, então, todo mundo começa do zero, quem passou em primeiro e quem passou em quinquagésimo, então, acho que, independe se é preto, se é branco, pardo, de escola particular, pública, eu acho que aqui dentro é mais da pessoa buscar fortalecer, buscando alternativas de pesquisa, de ensino de extensão, de se esforçar, de se disciplinar em cada disciplina, ficou redundante, mas tá bom, e construir, o que é que eu quero com a universidade? O que é que eu quero que esse curso represente para mim? Sempre tá evoluindo, cotista ou não cotista é uma classificação anterior a UFS, depois da UFS é por conta de cada um. Não é à toa que eu nunca vi ninguém falando assim, a não ser no primeiro período, poucas pessoas, basicamente quem se classificou por cotas, sempre tem aquela olha assim um pouco com um olhar pejorativo para quem é de escola pública, por exemplo, “Ah, na minha escola, no colégio que eu estudava já

tive aula disso, disso e disso, pra mim isso é fácil. ” Fazendo uma comparação do meu desempenho para com o dessas pessoas que falaram isso no início do curso, a questão de aproveitamento de aproveitar a universidade eu acho que quem vem da escola pública consegue aproveitar mais do que quem vem da escola particular. Porque, quem vem de escola particular já tem uma boa base e quem vem da escola pública, aí é quando eu acho muito errado quando a escola pública de ter cotas, porque quando tem cotas a gente tá dizendo que a escola pública é inoperante, ela tem falhas, ela é deficiente e que ela precisa ter cotas para que tenha uma representação dos alunos da escola pública na universidade, acho que isso aí é, melhor do que ter cotas era se a gente buscasse reestruturar a escola pública, o primeiro ponto é esse, mas no geral, a gente tem no primeiro ano, por exemplo, biologia celular, e eu não tive uma aula de biologia celular, a professora chegou no mês de novembro, fez alguns trabalhos e pronto. Então, que dizer que a minha base de citologia e histologia é, era fraca com a escola pública, então eu tive que me esforçar a mais, melhorar meu rendimento dentro da universidade pra ter êxito, acho que por isso, na universidade o rendimento é melhor de quem vem de uma escola pública, porque ele tem muitas lacunas na formação do nível médio, e aqui, ele tem que superar, suprir as lacunas do nível médio e começar a construir né o conhecimento do nível superior, enquanto que o aluno da escola particular, pra ele esse assunto começa a ficar maçante, a aula redundante porque ele já viu esses assuntos nas aulas.

Márcia Paranhos: E sobre as questões de gênero, você acha que tem diferença no desempenho?

CB3: Não, acho que não tem. É bem relativo isso, depende de cada pessoa, independentemente de qualquer coisa, acho que a gente entra no zero. A mulher tende a ser mais organizada, no geral, mulheres são mais organizadas que os homens, talvez isso facilite, mas não é fator determinante principal. Acho que é bem, eu não acredito não que tenha influência de gênero nenhuma, do mesmo jeito que tem homem preguiçoso, tem mulher preguiçosa, no curso de biologia claro que vai ter mais mulheres preguiçosas, mais mulheres esforçadas, porque tem mais mulheres (risos), somente isso, mas no geral, tem, do mesmo jeito que tem um aluno esforçado homem, tem uma mulher, do mesmo jeito que tem um aluno mediando homem, tem a mulher, então acho que, o gênero não vai determinar não.

Márcia Paranhos: Você gostaria de acrescentar algo à entrevista? Algum comentário?

CB3: Eu achei bem completo o questionário, bem interessante esse ponto de vista de (...), reflete um pouco do profissional que a gente tá se tornando aqui na universidade, talvez fosse interessante pra eu, ter respondido um questionário desse no meio do curso e um agora, pra eu

ter essa noção de como eu, tipo dá um salto, ou pra frente ou pra trás, onde eu avancei, onde eu fui retrogrado, então acho que seria interessante isso. Mas o questionário muito completo, muito válido.

Eu senti dificuldade de responder, principalmente, quando é pra falar de mim, eu não gosto de falar de mim, é algo pessoal assim, não sei falar de mim. Acho que é muito vago quando a gente começa a falar da gente, não me vem à mente o que gosto de falar de mim, porque eu acho que o elogio e a crítica verdadeira ela vem de fora então, só por isso. Eu nunca me vejo olhando no espelho e, ah eu sou o tal, ah isso e isso, não. Sou mais um. Assim, olhe: eu sou capaz de alguma coisa né, eu penso assim, tenho uma responsabilidade muito grande, e por isso, acho que eu não preciso tá, eu sou o tal, por exemplo, fico sempre com os pés no chão já porque cai naquela questão de não criar expectativas nem nas coisas, nem nas pessoas, então, eu posso chegar profissionalmente e dizer que eu sou o melhor, e aí todas as pessoas perceberem que outros são melhores que eu, então é melhor eu chegar na minha e de dizer que sou capaz de fazer isso, mas com ajuda a gente consegue, e sempre surpreender as pessoas, não olhe rapaz você é o melhor.

Márcia Paranhos: Mais uma vez agradeço sua participação.

Márcia Paranhos: Olá, boa noite. Gostaria de primeiro agradecer sua colaboração com nossa pesquisa e te assegurar que seu nome não aparecerá em nenhum momento desta pesquisa. A qualquer momento você pode desistir da entrevista, fique bem à vontade. Bem, vamos dá início então a entrevista né ... você poderia, por favor, relatar um pouco sobre a sua história de vida?

CB4: Eu sou Alicia, estou no segundo período do curso de licenciatura, embora eu já tinha um vínculo anterior, então eu não vou me formar no período correto, vou formar no 4º período. Porque já tenho disciplinas anteriores. Eu tenho 34 anos, sou solteira tenho uma filha e sou professora da educação básica já tô no decimo primeiro ano, na educação básica, escolas particulares e do estado. Na primeira vez que eu ingressei aqui na universidade foi em 2008, eu gostava muito da disciplina biologia no ensino médio, sempre achei muito bacana aí me apaixonei pela área e acabei fazendo o vestibular, os três fiz três vestibulares e no 3o consegui passar e entrei no curso, no último período eu desisti larguei o curso e aí retornei agora pra concluir o curso. Foi um desafio né, depois de tantos anos, assim. Foi por vestibular, por Enem né, agora o ingresso aqui é só por Enem, eu fiz o Enem e retornei ao curso, (cotas?)

Não eu até poderia por que estudei em escola pública e tudo, mas eu fiz ampla concorrência mesmo.

Márcia Paranhos: Quem é Alicia hoje?

CB4: Alicia hoje é uma pessoa com mais experiência de vida, né, do que aquela que entrou em 2002 no curso, meu objetivo agora nesse momento é concursos públicos, não na área de educação, mas outras áreas, se aparecer na educação é.... e se o tempo der até a formatura posso tentar também, mas meu foco agora são áreas administrativas. Eu sou mãe né, então eu tenho uma carga de responsabilidade maior, eu preciso me estabilizar e... Conseguir um futuro, garantir um futuro mais seguro pra minha filha, sou uma pessoa feliz, não tenho problemas de autoestima, minha autoestima é lá em cima, não tenho problema nenhum com isso, e essa sou eu, não tem muita coisa assim demais não, sou comum, simples, do interior, é isso, já batalhei muito na vida,

Márcia Paranhos: Fale um pouco sobre sua infância:

CB4: Minha infância não foi muito feliz, mas também não foi das piores, é.... Eu fui criada por meu pai desde os 6 anos, meus pai se separaram e eu fiquei com meu pai, é.... Sempre fui extrovertida, sempre fui muito comunicativa, nunca tive problema de socialização nem nada, minha relação com meu pai foi um pouco tumultuada, mas a gente consegui superar isso, a gente briga as vez mais, mas são diferenças de opinião, e assim com o abandono de minha mãe e tudo teve essa carga né, esse peso de que eu era a única mulher, era eu meu pai e meu irmão, ele era mais novo que eu e eu tinha essa carga de responsabilidade acima de uma pessoa da minha idade mas depois também me tornou a pessoa que sou hoje, eu sou uma pessoa que eu corro atrás que eu vou atrás eu não tenho medo de encarar as coisas então tudo tem um motivo ne tudo tem uma serventia.

Márcia Paranhos: Fale um pouco sobre sua adolescência:

CB4: Minha adolescência foi no mesmo ritmo né, eu tinha mais responsabilidade do que deveria, mas sempre estudando, meu pai sempre me deu condições de estudo não me batia nada dessas coisas, não tinha agressão física nem nada. Mas ... Eu era uma criança calma, uma adolescente calma, bem assim apesar de ser extrovertida, mas eu era bem tabaroa mesmo ne, aquela coisa do interior, não tinha esses avanços de hoje dessas meninas mais avançadas, sou das antigas mesmo mais tranquila, mas sempre fui extrovertida, gostava muito de estudar, sempre tive muita facilidade no aprendizado, e ... Sempre fui muito mesmo de respeitar os mais velhos, isso aprendi com meu pai, respeitar os mais velhos, eu não era desse pessoal rebelde não. Mais calma mais tranquila, morava no interior. Vim morar aqui em Aracaju com

15 anos, até os 15 eu morava no interior da Bahia morei em algumas cidades lá, Paripiranga, e aí eu vim pra cá com 15 anos pra fazer o ensino médio, no colégio ateneu. Fiz o ensino médio todo no colégio ateneu. Sempre fui do ensino público, meu pai não tinha condição de bancar no particular pra gente.

Márcia Paranhos: Fale um pouco sobre sua vida adulta

CB4: Essa fase adulta foi na verdade uma adolescência tardia né, eu acho que inverti as coisas, eu fui adulta quando era adolescente e fui adolescente quando era adulta, quando eu entrei na universidade a primeira vez, quando eu vi esse mundo, de pessoas diferentes de , de coisas diferentes do que eu tava acostumada, eu nunca fui muito preconceituosa mas não tinha contato com esses universos tão diversos, tão diferentes, então foram contatos que me engrandeceram muito mas também mostraram os assim, festas que eu não frequentava antes, passei a frequentar festas, é... Bebidas que eu não usava, só não cheguei a usar droga nem nada disso, sempre fui careta até hoje eu sou, mas coisas assim conturbadas em termos psicológicos também ne, eu fui amadurecendo psicologicamente com esse contato com esses universos diferentes, né... e tanto que teve um momento que deu uma pane no sistema foi quando eu abandonei o curso e tive um momento de depressão, passei 3 meses em depressão, muito sério. Só vivia calada muito calada e não me preocupei de dizer o que tava sentindo nem nada disso, eu ficava pra mim, e aí até chegar a esse amadurecimento, até ter minha filha e tudo, isso foi assim pra opa, vamos organizar essa bagunça ai ne. Até isso acontecer foi um momento conturbado, psicologicamente, ne, assim, psicologicamente conturbado, foi uma adolescência tardia.

Eu engravidei quando eu tinha 26 anos, eu abandonei a faculdade um pouco antes disso. A minha filha nasceu eu tinha 27 anos, e foi depois de largar, não larguei por causa dela.

Então, é..... Sei lá eu cheguei num momento que eu olhei pra um lado olhei pro outro e disse o quê que eu tô fazendo aqui? Nada que eu faço agrada, eu sempre tive uma relação muito conturbada com meu pai principalmente, é.... é diferença de opinião ne, e quando meus pais se separaram meu pai voltou muito essa frustração dele para mim em relação à separação... e.... a gente tinha muitas discordâncias e aí eu olhei prun lado olhei pro outro e -meu Deus nada que faço presta e ... O que eu tô fazendo aqui? Eu tô aqui só pra agradar meu pai ou só pra agradar minha família e aí, quer saber? Eu não quero não! E aí larguei, comecei a dar aula e larguei! Não quero não. Uma hora quando eu quiser eu vou, se eu quiser eu vou. Eu sempre achei que ia voltar, sempre tive isso na cabeça, uma hora eu vou, e aí fiquei naquela frustração tive essa depressão, depois comecei a trabalhar novamente e aí quando você trabalha você não

tem tempo muito pra ter dedicação não né rsrsrsr você vê, eu tô ocupada que não tenho tempo. E as coisas foram acontecendo, foi quando depois eu conheci o pai da minha filha, aí minha filha nasceu aí não teve mais espaço pra depressão, com uma criança na sua vida... E aí ela é essa luz essa razão de viver na minha vida, por que eu não tinha tava vivendo pra quê eu não sei, e com ela eu tive uma razão um motivo de vida né?

Márcia Paranhos: Houve alguma mudança no seu jeito de ser durante sua vida? A que você atribui isso?

CB4: Muitas. Muitas mudanças desde a maneira de se vestir e até a forma de pensar e encarar a vida, foram muitas mudanças né eu era uma menina do interior que foi criada só com pai e irmão, era uma casa de homens, meu pai não é o cara menos machista do mundo ele tem as suas concepções antigas e ele me criou assim, e de uma certa forma até me ajudou é com muitas coisas, por exemplo, como não namorar muito cedo, não me meter com pessoas assim, é de caráter duvidoso, me ensinou sobre essas coisas sobre tudo isso, ele me ensinou muito e então me ajudou e ele tinha e tem essa visão um pouco é mais machista do que a minha por que eu também não sou a mais feminista das criaturas eu também tenho meus lados machistas, mas eu sou bem mais aberta do que ele.

E principalmente quando eu entrei na universidade a primeira vez que eu vi tanta gente diferente, tinha o pessoal de centro acadêmico, com o cabelo todo cheio de dreds e tinha o pessoal que usava roupa de Black sabbat, e as meninas que andavam tão arrumadinhas então tinham pessoas tão diferentes com coisas tão diferentes isso vai mudando a gente né? A gente vai pegando essa vivencia e depois que eu comecei a dar aula também, fui aquela convivência tão grande com adolescentes de todos os tipos, adultos também eu dei aula pra adultos nos EJAs e nos cursos técnicos então sim eu mudei muitas coisas. Principalmente com a maternidade, você amadurece, você muda muito a sua forma de pensar. Eu abri mais os meus horizontes não que eu não fosse uma pessoa que fosse preconceituosa não, mas eu ampliei mais porque eu vi mais coisas então eu fui ampliando meus horizontes.

Márcia Paranhos: Quando você olha para trás, você consegue lembrar de algumas características suas e que hoje lhe favorecem ao cursar a licenciatura em biologia?

CB4: Na verdade, eu vejo duas, eu vejo o fato de eu ser extrovertida, não tem dificuldade de socializar com ninguém em lugar nenhum, e também vejo, modéstia à parte, eu sou inteligente eu pego fácil as coisas eu consigo compreender fácil as coisas, então eu tenho facilidade pra estudar e biologia é uma área muito complicada você tem uma serie de nomes, de termos, de espécies, e de coisas diferentes e que tá ligada essas duas coisas.

Pra você dar aula, se você troca um desses termos por outro termo que o aluno entenda, se você for muito tímido, tem muito termos na biologia, tem coisas na biologia que são voltadas pra é, por exemplo, educação sexual, e coisas que geram dúvidas, que geram polêmicas, coisas como evolução. Então se você é extrovertido você vai conseguir expressar essas coisas, e tirar uma dúvida do aluno ou trocar por um termo que ele conheça e se não for você pode ficar encabulado, com vergonha, tipo, será que eu vou errar será que vou fazer alguma coisa errada, e eu não tenho problema, vou e falo até o aluno conseguir chegar lá né?

Márcia Paranhos: Ao olhar para frente, quais ganhos a licenciatura em biologia lhe proporcionou para uma vida do modo como você espera que seja?

CB4: A licenciatura em biologia especificamente ela me traz além de uma vivência muito grande com outros universos, porque ser professor você vive e convive com pessoas diferentes o tempo todo, também traz uma ampliação de certa forma até pra estudo também, porque pelo fato de tantos textos tantas coisas tantas nuances você acaba como que eu vou dizer, acaba facilitando pra pra pessoa que faz esse curso pra quando ela for pra outros cursos outras coisas se torna mais fáceis porque você já passou por uma coisa que foi mais complicado você acaba ampliando seus horizontes.

Márcia Paranhos: Que motivos lhe trouxeram para universidade?

CB4: Meu pai foi o principal. Desde cedo (ele dizia) não, vai fazer faculdade! Tem que ser na federal que eu não sou safado de pagar faculdade, não vou pagar faculdade, nem tenho dinheiro e mesmo que tivesse, poderia pedir empréstimo, mas não vou, se vire, se fizer é na federal. E aí isso é faculdade devo muito a ele. Não que eu não quisesse, mas desde criança que ele colocava -tem que fazer faculdade! Tem que fazer faculdade! Por que ele não teve condições, ele não pode fazer quando ele terminou o ensino médio ele foi ele fez um concurso lá no interior da Bahia e então ele tem essa frustração de não ter feito faculdade e principalmente na federal, ele queria que fosse a federal e aí quando eu larguei foi um inferno, mas hoje eu compreendo por que ele ficou tão frustrado rrsrrsrs

Márcia Paranhos: Você tem algum suporte emocional que te ajude a enfrentar as atividades acadêmicas?

CB4: Hoje meu suporte é todo o espiritual, o meu suporte emocional é espiritual, é tudo que eu conheço da espiritualidade é a minha fé, esse é o meu suporte para tudo, eu não sou muito de conversar e ter pessoas pra falar sobre mim e essas coisas assim são raros esses momentos que eu paro para falar da minha vida, eu sou muito fechada nesse sentido de expressar os

meus sentimentos, eu sou muito fechada. Então meu suporte mais.... Por.... Pra tudo é a espiritualidade, é a questão espiritual.

Márcia Paranhos : Vamos falar os sobre seus pontos fortes e fracos: O que te motiva a mostrar todo o seu potencial?

CB4: Eu hoje eu sou uma pessoa muito determinada, e eu sou uma pessoa encasquetada, eu boto uma coisa na cabeça e eu tenho que ir até o fim né? Até a faculdade que eu larguei eu voltei, eu sou uma pessoa assim, muito determinada, então é isso.

Márcia Paranhos : Quais dificuldades te impedem de mostrar seu potencial?

CB4: Hoje em dia, nenhum. Eu vou em frente, eu encaro o que for. Só se for financeiro eu acho, mas dá se um jeito.

Márcia Paranhos: O que você faz ou poderia fazer para mudar essa realidade?

CB4: Na questão financeira é fazer concurso só (risos).

Márcia Paranhos: O que você acredita que lhe tornaria uma pessoa/profissional melhor do que é hoje?

CB4: Aprender sempre. Quando eu voltei agora pra universidade, apesar de já ter 11 anos de experiência na educação básica, eu tenho visto coisas, é formas de ensino, formas de se relacionar com o aluno, colegas que trocam experiência, professores que dão novos horizontes, e isso, faz a gente melhorar, e aprender eu acho que aprender um caminho pra você melhorar, principalmente como professor, o professor tem que tá atualizando tem que tá aprendendo, tem que tá inovando, pra ele poder também se adaptar as mudanças dos alunos né?

Márcia Paranhos: Como você se vê frente a novas experiências?

CB4: Adoro gosto muito de novas experiências.

Márcia Paranhos: Você poderia descrever um momento em que isso aconteceu em sua vida? Em que momento de sua vida você acha que essas características surgiram?

CB4: Olhe teve um, um momento agora recente com uma disciplina da profa. XXX que ela colocou como proposta da disciplina a realização de oficinas pedagógicas que é uma coisa que eu nunca tinha feito, em sala de aula, eu nunca tinha trabalhado com oficinas pedagógicas no ensino e aí ela colocou aí eu já chamei logo pra fazer lá na escola que eu ensino e já organizei tudo e nós fizemos e foi uma experiência muito bacana que me deu assim um.... Uma visão diferente de como trabalhar com os alunos, eles adoraram muito e essa experiência foi muito boa. E até tiveram outras também, mas essa foi bem bacana, eu participei de toda a

organização do processo já que foi no colégio que eu trabalho, organizei tudo, toda a logística e tudo.

Márcia Paranhos: E na vida pessoal?

CB4: Na vida pessoal, maior experiência do que ser mãe não existe. Tudo mudou com minha filha.

Márcia Paranhos: Como você se vê quanto à Organização? Fale mais sobre isso:

CB4: Então na... Em casa, nas minhas coisas de casa eu não sou muito organizada não. Sou em bagunceira, mas com questões ligadas ao trabalho a pesquisa ou qualquer outra coisa eu já sou mais organizada, embora eu funcione muito de cobra mesmo, sempre deixo as coisas pro final, eu funciono muito assim de supetão, mais eu sou mais organizada com coisas relacionadas a trabalho e tudo, por que na minha vida pessoal sou bem bagunceira rrsrrsr bem bagunçada.

CB4: Meu guarda roupa é um exemplo rrsrrsrssrrs é um redemoinho, rrsrrsr eu sou toda desorganizada não organizo nada, quando organizo eu não sei onde tá rrsrrsr

Na universidade, um momento de organização foi esse das oficinas, onde eu fui muito bem organizada, fiz toda a logística, direitinho. Coloquei nas portas de cada sala onde seria cada minicurso com a s pessoas que estariam ministrando. A professora que estava organizando e tudo direitinho, fiz relação de estudantes que estariam assistindo. E isso tem a ver com a universidade e com meu trabalho.

Márcia Paranhos: Como você se vê quanto à responsabilidade? Fale mais sobre isso:

CB4: Olhe, eu acho que as responsabilidades são necessárias pra você crescer, não tenho medo de responsabilidades, eu realmente sou uma pessoa muito corajosa, deixando toda a modéstia de lado, mas eu encaro o que vem e seja qual for a responsabilidade eu encarro, porque se chegou até mim é porque eu tenho condição de fazer então eu vou em frente, eu não tenho problema nenhum não, eu encaro toda a responsabilidade, não gosto que ninguém responda por erros meus se eu fizer alguma coisa assim que foi errado eu vou e assumo eu falo. Também não gosto de responder por ninguém, acho que cada um responde por si, e nunca tive problema não com responsabilidade. Eu até gosto, acho que você fica mais maduro, cresce mais, evolui mais.

Márcia Paranhos: Como é sua relação com as pessoas? Fale mais sobre isso:

CB4: Minha relação com as pessoas é.... Simples, eu consigo socializar bem, não tenho problema de... De nenhum tipo de barreira, não costumo encerrar com ninguém, sou uma pessoa tranquila, mas eu sou aquele tipo de pessoa também que eu sou a favor do que é certo

então se eu acho que é certo vou brigar por aquilo ali, mas, brigar com argumentos, conversando até chega a um consenso, eu sou uma conciliadora, eu consigo, eu gosto discutir e chegar naquele naquela finalidade, também se impor de mais eu não sou assim por que também eu não gosto que se imponha a mim, não gosto que ninguém mande em mim, gosto de conversar e argumenta e a gente chegar aquele...

Na vida pessoal mais ligado a meu trabalho, conta o aluno né, eu não sou aquele tipo de professora tão autoritária, mas também não aceito desordem, a gente conversa, a gente vai resolvendo vai conversando e eu consigo conciliar isso com meus alunos. Há momentos que a gente fica mais à vontade tem momentos mais, mais sérios, eu consigo conciliar isso bem com eles. E na vida acadêmica a mesma coisa, eu consigo trabalhar bem com os colegas, com os professores, dentro dessa coisa de argumentação, até que os professores às vezes algo que eu não concorde eu chego pro professor e digo professor assim, e consigo, não gosto também de tá brigando, batendo de frente acho que é desnecessário, acho que a gente pode conversar e resolver tudo com argumentos.

Márcia Paranhos: Como você age em grupo? Fale mais sobre isso:

CB4: Eu gosto de trabalhos de grupo, gosto, trabalho bem em grupo, muito embora prefira trabalhar sozinha, mas eu gosto de trabalhar em grupo, não tenho dificuldade não, consigo trabalhar bem, é.... Não sou aquele tipo encostada, eu gosto de fazer às vezes eu tomo a liderança quando eu vejo que as coisas não tá indo, eu vou e puxo a frente, se eu observo que tá indo ou alguém já se elegeu como líder eu vou e sigo também, não tem problema nenhum, sempre colocando minha opinião, mas respeitando a dos outros, mas eu tenho mais a postura de líder, geralmente eu acabo entrando , colocando a frente né, mas eu não tenho problema de trabalhar em grupo, eu até gosto.

Márcia Paranhos: Como você age em situações que fogem do seu controle? Você pode citar algum exemplo?

CB4: Eu geralmente eu... dou aquela pausa, respiro e paro pra pensar. Eu já fui muito ansiosa, não que eu não seja ainda hoje, eu até sou um pouquinho, mas já fui muito mais ansiosa, e por ser mais ansiosa eu fazia as coisas muito no impulso, e acabava fazendo cagada né? Hoje já tenho mais uma maturidade, já tenho... eu já paro um pouco, se eu vejo que a coisa não tá do jeito que eu acho que tem que tá eu paro penso, analiso, será que sou eu que to errada? Será que é isso que não tá dando certo? vamo ver, vamo dar um jeito. Eu já paro mais pra pensar um pouco. Se eu observo que àquela hora não tem o que fazer eu paro e me retiro, depois eu dou um jeito. Mas já fui muito mais ansiosa, já fui de meter as caras e Essas coisas.

Márcia Paranhos: Vamos falar nas características que te diferem das outras pessoas: O que lhe faz especial?

CB4: O que me faz especial acho que é o meu coração, eu tenho essa cara de gente dura né? Mas eu tenho o coração de manteiga, eu gosto de bicho, eu gosto de gente, eu gosto de menino, eu gosto de velho, eu gosto de tudo, embora eu seja muito impaciente, mas eu me emociono fácil, bem fácil e eu acho que o que diferencia e que me torna especial, é o meu coração. Eu sou uma pessoa do bem, acho que você sendo do bem já um caminho bem grande.

Márcia Paranhos: E como aluna, como é a CB4?

CB4: Como aluna é... até mesmo o coração, eu acabo vendo as pessoas e observando cada um e tentando amenizar as coisas e... é... Conciliar, eu acho que é ser conciliadora, como aluna é ser conciliadora, eu gosto das coisas bem organizadas nesse sentido de que ande tudo bem pra todo mundo. Eu acho que isso se consegue conversando e trazendo consenso.

Márcia Paranhos: O que lhe deixa insegura?

CB4: Insegura hoje, na vida pessoal a minha única insegurança é partir sem deixar minha filha encaminhada. Esse é o meu único receio, a única coisa que me ... então eu fico mais é... eu penso mais antes de agir, eu tomo mais cuidado com as coisas pra preservar minha integridade, a minha vida, porque eu preciso estar presente pra dar suporte a minha filha. A minha única insegurança é essa, é fazer coisas que depois acabe deixando minha filha desprotegida. Pra mim não, eu acho que, eu fiz eu tenho que arcar, mas a questão é minha filha, né? A minha insegurança é essa.

Na vida acadêmica, a meu medo é fazer as coisas sem pensar e acabar fazendo algo que prejudique as pessoas. Eu não gosto de prejudicar ninguém, eu acho que coisas que eu observo que vão prejudicar alguém eu acabo: ih não pera aí! Vamos pensar direitinho, e já fico com o pé atrás, porque eu não gosto disso, eu acho que tem que trabalhar pro bem coletivo. O que você não quer pra você, não quer pro outro.

Márcia Paranhos: Quais características definem melhor você?

CB4: Eu sou determinada, eu sou muito sincera, o que é um defeito também, por que eu sou “sincericida”, as vezes eu não penso, hoje eu já tô me policiando mais com isso, mas as vezes eu sou sincera demais e isso também atrapalha. É... eu sou uma pessoa carinhosa, mas também sou muito teimosa, quando eu acho que uma coisa tá errado eu brigo mesmo. Então eu sou muito... é... passional! Eu sou muito passional. Isso é o que me define, eu ajo muito

com o coração. Hoje eu tô aprendendo um pouco mais a pensar mas ainda eu sou muito passional.

Márcia Paranhos: Você já enfrentou algum tipo de dificuldade pessoal?

CB4: Já enfrentei várias né? O fato de ser criada sem a mãe por perto já é uma grande dificuldade. Meu relacionamento com meu pai foi uma grande dificuldade, eu não sabia como lidar com ele, como entender as razões da forma como ele agia, é... dificuldades na vida profissional eu tive algumas pelo fato de ser... eu sou muito... eu gosto muito das coisas bem feitas, eu gosto de... eu não gosto daquela aula meia boca, e fingir que tô ensinando e o aluno fingir que tá aprendendo, isso atrapalha por que tem escolas que você tem que se adaptar à essas situações né?. E já perdi até emprego por ser muito Caxias em termos de dar aulas mesmo e trabalhar os conteúdos, eram alunos que não queriam aprender, alunos que achavam que já sabiam, eram alunos de cursos técnicos que já trabalhavam na área só queriam o certificado, então eles não gostavam disso e eu acabei perdendo o emprego por isso. Então na vida profissional é aprender a ser mais maleável também, saber como trabalhar em uma turma e como trabalhar em outra turma. Como trabalhar em um colégio e como trabalhar em outro.

Márcia Paranhos: E acadêmica?

CB4: Dificuldades na universidade hoje já não tenho mais, mas tive muito no início, por questão de adaptação, é... de como estudar, de como lidar com esse universo todo diferente, eu sou tipicamente do interior, eu sou uma pessoa que meu mundo era muito pequeno, era muito limitado, de repente eu cheguei num lugar bem grande com um monte de gente diferente, com professores que pensam de um jeito e outros já pensam de outro. E essa dificuldade de adaptação no início, mas eu consegui superar isso aí.

Teve um momento também, do outro vínculo, com uma professora, que era a professora de estágio na época, e aí ela pediu minha opinião sobre estágio, e eu já dava aula e eu achava tudo aquilo que ela falava uma baboseira tão grande sabe? eu vou ser bem sincera, tem muita coisa desses teóricos da educação que não bate com a realidade que você vive nas escolas, e aquele curso que eu fiz no começo era um curso que deixava muita brecha pra isso, não era um curso que trabalhava as diversidades, não era um curso que te preparava pra os alunos que você ia ver no caminho, era um curso muito cheio de blá blá blá de pessoas que não viviam aquela realidade. Tinha coisas que serviam e servem até hoje, mas tinha coisas que era muito utópico. E aí eu acabei falando à professora, ela pediu minha opinião, eu nem queria dar e devia ter ficado calada, aí eu acabei dando minha opinião, falei que achava que muita coisa do que ela falava daqueles teóricos eu achava baboseira pura de gente que não tava dentro da sala

de aula vendo a realidade e que aquilo não preparava a gente pra ser professor. E ela não gostou, tanto que ela me marcou bastante, e ainda fiz umas duas vezes a matéria e reprovei, aí foi quando eu resolvi abandonar mesmo e pronto.

CB4: Muitos professores não aceitam críticas, mas outros aceitam. A gente chega conversa e consegue. Mas tem uns que não tem jeito. É típico do ser humano né? Tem gente que não aceita, não lida bem com isso.

Márcia Paranhos: Quais situações lhe dão sensação de motivação no curso de ciências biológicas?

CB4: Ai, eu gosto muito de coisas novas, adoro aprender coisas novas. Novas espécies, novas formas de ensino, é.... coisas novas. Novos mecanismos fisiológicos, eu gosto de aprender coisas novas, e é o que me motiva, a cada momento você vê coisas que você acha que já tinha aprendido, mas “não, peraí que falta isso, aí você: ah, agora eu entendi, poxa que legal! ”. Por exemplo, eu já tinha feito a parte de plantas, a parte de botânica eu já tinha feito no outro vínculo, mas como mudou bastante a grade eu tive que fazer de novo, aí agora em fisiologia vegetal, principalmente, eu aprendi coisas que eu não tinha aprendido antes, aí puxa que legal. Porque eu achava um saco, mas não é, é legal. Essa coisa de aprender novidades isso me motiva muito.

Márcia Paranhos: Você se vê uma pessoa conservadora ou inovadora?

CB4: Eu já fui mais conservadora, hoje eu sou mais inovadora, eu, principalmente no trabalho eu sou aquela professora que toda hora inventa uma moda, antes eu gostava muito mais daquela aula de só escrever, eu adoro, aprendo mais escrevendo, e ainda faço meus quilômetros de quadro copiado, mas agora eu busco trazer novidades, né, pros alunos, como os minicursos e as oficinas, eu faço aula de campo, é... eu... recentemente até eles pediram pra ensinar como montar um cronograma de estudos, eu parei minha aula e fui lá montei um cronograma com eles, expliquei a importância e tudo, fiz um grupinho de *whatsapp* pra gente trocar informações sobre enem, concursos. Aí coloco uns desafiozinhos matemáticos pra poder ampliar também o raciocínio deles. E hoje eu sou mais inovadora, já fui mais conservadora, mas hoje sou mais inovadora. Eu acho que a gente tem que inovar mais, não dá pra ficar na idade das pedras mais não.

Márcia Paranhos: Considerando quem você é e como você se sente, o que você acha que deve acontecer no curso de Biologia para que você se sinta mais motivada?

CB4: Olha, o curso de biologia em si, ele, da época que eu comecei e parei pra essa época agora, ele inovou muito. Ele trouxe uma vivencia que nós não tínhamos antes, ele trouxe

disciplinas que colocam a gente pra trabalhar com o aluno, pra trabalhar com pessoas diferentes, pra viver novos mundos, pra entender o seu público que você vai pegar mais adiante. Eu acho que ainda falta, tá bem melhor mais ainda falta principalmente essa coisa cultural, de você como professor entender o aluno com suas diferentes vivências com seus pensamentos diferentes pra você não ter preconceito com aqueles alunos, e também não deixar que ele tenha preconceito com o outro, pra você conciliar isso de um tem uma realidade outro tem outra e você conseguir manter esses meninos em harmonia dentro de uma sala, eu acho que falta mais um pouquinho ainda dessa vivência fora da universidade, com pessoas diferentes, sei lá, visitar uma tribo indígena, ou pegar um pessoal, uma comunidade de gênero diferente, trans e tal, trazer pra fazer um trabalho ou ir até eles, e enfim, pegar várias pessoas diferentes e colocar a gente em contato com esse universo, eu acho que isso motivaria mais também, e deixaria a gente mais preparado pra o que a gente vai enfrentar.

Márcia Paranhos: De quem seria a responsabilidade para criar essas mudanças?

CB4: Essas mudanças elas são de uma responsabilidade comum, tanto dos dirigentes da universidade, quanto dos professores, e também dos próprios alunos, porque também esperar que só os professores façam, que só a universidade faça. Eu acho que o aluno também tem que trazer suas dúvidas, seus problemas, suas dificuldades, e pedir, conversar, Professor vamos fazer isso, ou professora vamos fazer dessa forma, vamos criar um mecanismo. Eu acho que hoje o professor, não todos, mas a maioria já está mais aberta a atividades diferentes do que a gente tinha antes, eu acho que essa é uma responsabilidade comum.

Márcia Paranhos: Qual seria a sua responsabilidade nesse processo?

CB4: Eu acho que a minha responsabilidade é trazer a minha experiência de fora daqui e trazer ideias, sugestões, de repente sentar com os professores como eu fiz com a professora ((nome da professora)), eu disse professora vamos trabalhar lá e tal, que eu fiz isso não só porque lá é a escola que eu trabalho, mas é uma realidade que a maioria dos colegas vão ver, que é a escola pública, pequena de bairro, ou particular de bairro pequeno, que é o que a gente acha quando sai daqui. A gente não sai daqui e oba passei no concurso, porque não tem concurso. Não sai daqui pra ir pro Máster, pro Amadeus. A gente sai daqui pra ir pra uma escola pequena, de bairro, que paga pouquinho, que tem alunos com problema, que tem pais que são relaxados, mas que tem outros que também são responsáveis, e tem outros alunos que também são dedicados. Então é essa a diferença. Então o meu papel é de qualquer outro aluno é trazer sugestões, suas realidades, suas dúvidas, e trabalhar junto com os outros colegas e os professores pra dividir essas experiências.

Márcia Paranhos: O Que tem dentro de você que poderiam contribuir para essas mudanças?

CB4: O que tem dentro de mim é essa minha vontade de socializar, de trazer, mostrar o que eu vivi e aprender o que os outros viveram. Então isso faz com que eu traga minha experiência e que também esteja aberta pra aceitar as experiências dos outros, eu não sou aquele tipo de pessoa fechada, que: ah eu já dou aula há 11 anos eu não tenho nada a aprender! Muito pelo contrário, eu sempre quero aprender e tô aberta pra isso. Eu acho que estar aberta pra novas experiências e também pra trazer minha bagagem, eu acho que contribuo mais com esse fator.

Márcia Paranhos: Quais limitações você percebe em você e que prejudicaria/dificultaria/inibiria sua participação nesse processo de mudança?

CB4: Honestamente, nada. Hoje nada.

Márcia Paranhos: Que tipo de habilidades fazem com que um aluno tenha sucesso ou fracasso no curso?

CB4: A biologia é um curso que contempla de várias habilidades, ela serve pra o aluno mais tradicional, que gosta de escrever, de copiar, de fazer aquela provinha tradicional, e de estudar pelo livro didático, mas ela também contempla aquele aluno que gosta de ir a campo, de conhecer novas espécies, novas coisas e como licenciatura também contempla essa questão do cara que consegue se expressar melhor, que vai chegar e vai ter uma oratória bacana, então eu acho que o curso de biologia, de licenciatura em biologia é um curso que contempla várias habilidades. E aí cabe ao aluno, né, o licenciando achar o seu ponto forte e trabalhar em cima disso, porque dá pra você trabalhar em várias áreas, em várias habilidades.

Márcia Paranhos: No curso de Biologia, você vê diferença de desempenho entre cotistas e não cotistas?

CB4: Não! Talvez assim, eu acho que é até preconceito o que eu vou falar, eu acho que os cotistas se esforçam um pouco mais, não pra entrar né, porque tem sua vaga lá e tudo bem, mas aqui dentro, é.... Eu falo porque quando eu entrei, eu vinha de escola pública, não tinha cotas na época, eu fiz... Era ampla concorrência no vestibular tradicional, tinha eu e mais umas duas meninas apenas de escola pública, o resto era tudo de escola particular, então, era obvio que eu tinha uma formação um tanto mais defasada, né? Porque escola pública sempre tem uma greve, sempre tem professor que tá desmotivado, uma série de situações que não te preparam do mesmo jeito que o garoto da escola particular, então eu me esforçava mais pra aprender, do que o pessoal que já vinha com uma outra bagagem. E eu acho que a questão dos

cotistas também, por que é cota pra escola pública, e a escola pública infelizmente não tem a mesma qualidade das escolas particulares, pelo menos das grandes escolas particulares que é o pessoal que entra na universidade, então eu acho que o cotista quando chega aqui ele tem que se virar mais nos 30, vamos dizer assim, ele tem que ir mais em busca né? o que é bom porque você acaba aprendendo mais.

CB4: Eu acho que existe só essa diferença de que o cotista, talvez, por vir de uma formação mais defasada ele tenha que se esforçar um pouco mais, mas assim, em termos de entrar e tudo, acho que não. Acho que inclusive os cotistas têm maior nota porque eles se esforçam mais, mas eu acho que...

Márcia Paranhos: E sobre as questões de gênero, você acha que tem diferença no desempenho?

CB4: Não, não vejo diferença não. Acho que todo mundo tem que ralar muito pra conseguir alguma coisa, acho que não. Não vejo isso não, os meus professores até agora, quanto a isso são maravilhosos, nesse sentido, são professores que não discriminam ninguém por qualquer motivo.

Márcia Paranhos: você gostaria de fazer algum comentário sobre a entrevista?

CB4: não.

Márcia Paranhos: Muito obrigada pela sua participação

Márcia Paranhos: Boa tarde, bem ... é ... vamos iniciar a entrevista, então você poderia, por favor, relatar um pouco sobre a sua história de vida? Quem é você hoje?

CB11: Eu ... não sei, a minha história de vida está muito relacionada ao meu curso, eu relaciono muito a isso. Eu sempre quis fazer biologia e eu sempre quis fazer bacharelado pra ser pesquisador. E eu sempre vivi minha vida dentro da escola e fora da escola também focando muito pra isso sempre focando pra isso, sempre ... e incluindo sempre minha religião, eu sou evangélico e sempre vivi minha religião dentro disso da minha formação profissional e sempre focando pra isso. Aí cheguei na universidade e não foi bem o que eu esperava. E aí eu entrei em crise perdi umas 20 matérias, perdi dois anos, atrasei dois anos e tal. E aí eu resolvi pegar matérias da licenciatura e eu mudei pra licenciatura. E aí eu vi que isso contemplava mais o que eu queria pra minha vida, por que a profissão não vai ser somente nessa área da profissão, isso interpelar todas as outras áreas da nossa vida. A nossa vida pessoal em casa, nossa vida nos círculos de amizade, dentro da religião da pessoa, isso tudo vai tá incluído. Então hoje eu digo que eu tô muito bem realizado em relação ao curso que eu to fazendo, eu

tô numa universidade pública onde o curso de licenciatura em ciências biológicas é muito bom. Se você for comparar com o currículo de outras universidades, eu gosto bastante do currículo daqui ... ah ... Eu tô fazendo o curso que eu gosto e que eu quero, que eu quero como profissão, eu sei que eu tenho capacidade de passar em mestrado e tal por causa da formação que eu estou recebendo aqui... ... eu consigo é. atrelar isso a minha religião, eu consigo atrelar isso a minha vivência dentro da casa e dentro da minha comunidade então eu acho que hoje, nesse momento de minha vida eu tô muito bem realizado.

Márcia Paranhos: De onde você é?

CB11: Eu sou daqui de Aracaju.

Márcia Paranhos: Fale um pouco sobre sua infância.

CB11: Eu tive uma infância muito boa. Dos seis a oito anos, que é uma parte da infância, que eu acho bem importante, eu morava numa casa de onde vem minhas melhores lembranças da infância. Uma casa enorme, enorme, era muito, muito, muito grande a casa. Tinha muitos pátios e muita árvore muita areia e tal e a gente vivia dentro da minha casa, a gente chamava os coleguinhas e brincava dentro da minha casa. Minha infância foi muito boa, meus pais nunca me privaram de nada, eles nunca me bateram por que eu caí no chão, porque eu me sujei. Eles sempre foram: meu filho vá, viva sua infância, vá faça amizades na rua, brinque na rua. Por causa dessa liberdade que eles deram pra a gente, mas era uma liberdade sempre cuidadosa, uma liberdade muito zelosa, e eu tive uma infância muito boa e ... e eu consegui perceber e viver algumas coisas que alguns amigos meus não puderam por causa da presença muito forte e muito autoritária dos pais. Eu acho que isso influenciou muito pra pessoa que eu sou hoje e eu acho que é isso. e.... eu tenho um irmão mais velho, a gente começou a não se dar bem na adolescência, mas na infância a gente se dava muito bem, a gente fazia tudo junto. A gente brincava junto, a gente inventava brincadeira junto, eu era muito imaginativo na infância. E a gente se bastava sabe? E eu acho que ... ponto.

Márcia Paranhos: Fale um pouco sobre sua adolescência:

CB11: Minha adolescência foi muito chata, não gosto de adolescente e eu me odiava quando era adolescente. Eu me odiava. Porque adolescente tem aquilo, ele quer ser uma coisa que ele não tem capacidade de ser ainda por que ele ainda não tá com todas as faculdades mentais, ele ainda não tem toda a sua personalidade construída, mas ele quer forçar a barra para isso. Não sei se todos são assim, sei que todos os meus amigos que eu convivi durante a minha adolescência eles eram assim. Então isso é muito chato, isso bota um peso em cima dos pais que ... claro que eles escolheram ter filho então eles sabiam que iam enfrentar isso, mas se eu

fosse melhor orientado sabe? Na minha adolescência, se meus pais tivessem sentado comigo e dito: olhe, você não pode ser agora por causa disso, disso e disso e daquilo e daquilo, então não dá, se controle, tente reverter essas coisas sabe? Manejar esses sentimentos, essas emoções. Não que eles não tenham feito isso, mas se eles tivessem feito isso de maneira mais incisiva, com autoridade de pais que eu acho que na adolescência é um pouco mais requerida do que na infância, pra poder controlar e pra poder ajudar o filho na sua personalidade. Então eu fui bem chato. Tive crises que eram crises idiotas que eram besteiras. Percebia coisas, tratamentos diferentes comigo e com meu irmão que eram besteira, que era coisa da minha cabeça. Então, mas foi isso, mas eles também nunca me privaram de viver sabe? Eles me explicavam as coisas, eles me orientaram muito bem durante a minha adolescência, mas, eu acho que poderia ter melhorado, ter sido melhor pelo menos em alguns pontos.

Márcia Paranhos: Fale um pouco sobre sua vida adulta:

CB11: Ainda não cheguei lá (risos) é uma crise que estou tendo agora, estou tendo uma crise muito grande, de verdade. É.. Eu tô na juventude, eu tô terminando o curso, aí vem, eu tenho pouco dinheiro por que eu não trabalho, ainda são meus pais que me sustentam. E eles não se incomodam de me sustentar e eu também não me incomodo que eles me sustentem, por que tem gente que (diz): ai é um peso! Não! Não é. eles escolheram ter filho, eles fazem questão que eu não trabalhe fora para que eu possa focar nos meus estudos então eles têm que me sustentar e eu não me incomodo com isso. e.. enfim, eu tô tendo essa crise porque eu tenho pouco dinheiro mas tenho muitas responsabilidades, e aí ainda tem a cobrança da sociedade, meus pais não cobram muito porque eles são bem tranquilos em relação a isso, acho que agora é só da sociedade porque eu tenho 22 anos e não tenho namorada nem namorado, não tenho nada disso então fica essa : ah você tem que casar, tem que se formar, tem que trabalhar, tem tudo isso e tal. e.. bem todas as questões que é uma fase de transição, da vida, da juventude pra vida adulta. Não que quando você se torna adulto você deixa de ser jovem, mas enfim né, e aí tá tendo todas essas cobranças e eu tô tentando entender como é que vai funcionar isso, se eu vou conseguir me adaptar a essa fase adulta, se o que é ser adulto? É você pagar contas, conseguir pagar uma conta de luz dentro de casa, é você ter um trabalho é.... o que é ser adulto? Sabe? Eu não sei se isso, se existe, se isso é taxativo pra todo mundo ou se pra as pessoas funciona de maneira diferente. Eu acho que é assim, eu acho que... não sei. Um problema que eu tenho é que eu consigo gerir dinheiro. Eu não sei. Não sei gerir dinheiro de jeito nenhum, então eu chego e é um problema que eu tô tentando resolver pra que quando eu

tenha realmente meu emprego eu não tenha esse problema mais. Mas essa é a minha vida adulta, entre aspas (risos).

Márcia Paranhos: Houve alguma mudança no seu jeito de ser durante sua vida? A que você atribui isso?

CB11: Houve, quando eu era adolescente eu era muito centrado em mim mesmo, e até o início da juventude eu era muito assim sabe? Eu era bem orgulhoso, e ainda sou um pouco orgulhoso, mas eu era muito egoísta, era muito orgulhoso e não era nem um pouco sensível ao outro, eu não tinha empatia, no caso não conseguia enxergar o outro, no caso conseguir enxergar você no outro e você nele, enfim. E ... é.... eu acho que isso mudou sabe? Aconteceram alguns processos e eu vi alguns amigos passando por outros processos e isso foi me ajudando a identificar coisas em mim que não eram legais e que eu precisava mudar para que houvesse uma melhor convivência comigo, com minha família, com os meus amigos e pra o meu desenvolvimento também sabe? Personalidade, de caráter, minha... meu desenvolvimento cognitivo, todas essas questões. Hoje eu sou uma pessoa muito mais compassiva e sensível em relação ao outro do que eu era antes, isso é um aspecto positivo, eu acho.

Márcia Paranhos: Teve mais alguma mudança?

CB11: Teve, em relação a minha sexualidade. Eu sou bissexual e então eu acho que eu consegui me encontrar nisso tudo também. Foi uma mudança muito grande por que existe aquela pressão que existe na sociedade que é muito chata que é muito mas existe, que é a pressão normativa de que você não ... né, principalmente na adolescência que você tá começando a se desenvolver na adolescência, seus colegas ficam com todo mundo e você se retrai por que você não se entende ainda. Então depois que eu entrei na universidade e eu comecei a ter contato com outras pessoas, que também tiveram essas questões na sua adolescência eu consegui entender melhor e hoje eu tô aprendendo a ... a lidar com a minha bissexualidade e com a minha vivência acadêmica e com minha vivência na minha casa e com meus amigos e vivência profissional, então isso foi também uma mudança.

Márcia Paranhos: A que você atribui essas mudanças?

CB11: Eu acho que principalmente à convivência com pessoas diferentes, acho que é importante que a gente conviva com pessoas diferentes, com pensamentos políticos diferentes, com pensamentos, não sei, de vida, de organização de vida, de pensamentos profissionais diferentes pra que a gente veja na gente o que incomoda o outro pra que a gente não chegue a incomodar nessa questão de que seja irritante de que seja... sabe? E tal e também a gente ver

coisas na gente que são aspectos bons e que a gente melhore eles, então eu acho que a convivência com meus amigos que pensam de maneira diferente e a convivência dentro da universidade com pessoas que pensam diferente me fez mudar essas questões, acho que é isso.

Márcia Paranhos: Quando você olha para trás, você consegue lembrar de algumas características suas e que hoje lhe favorecem ao cursar a licenciatura em biologia?

CB11: Sim, sim. é.. eu sempre gostei muito de ensinar, então quando os meus amigos eles tinham problemas das matérias da escola eles sempre me procuravam. A gente sentava, fazia um grupo de estudos de matemática e essas matérias que eram mais complicadas pra galera né, matemática, física, química, inglês, então eles sempre vinham me procurar e eu sentava e a gente debatia, pegava o livro e ensinava até... e eles sempre conseguiam compreender. e.... acho que isso, depois que eu fiz o bacharelado, que não contemplava mais o que eu queria pra mim, como... em relação a minha vida profissional, eu peguei as matérias de licenciatura e percebi as discussões que existiam, a maneira de licenciatura olhar pra biologia, que é uma maneira diferente do pesquisador biólogo, né, olhar pra biologia. Acho que isso tudo me fez ver que eu me encaixava muito bem dentro da licenciatura. E depois, eu já tive algumas experiências de sala de aula que confirmaram e vem confirmando isso mais ainda.

Márcia Paranhos: Ao olhar para frente, quais ganhos a licenciatura em biologia lhe proporcionou para uma vida do modo como você espera que seja?

CB11: Eu acho que... não sei. Uma coisa que me ajuda bastante, que têm me ajudando bastante até agora é uma relação à militância negra. Eu faço parte da militância negra e ... e eu ter acesso a escola e a adolescentes e crianças que estão em formação, né e isso tudo, em formação de pensamento e sensibilização da consciência e todas essas questões ajuda bastante nisso, também as questões ambientais de trabalhar com educação ambiental dentro de sala de aula, trabalhar com a sensibilização pra que o aluno entenda que ele está inserido no ecossistema, que foi ocupado pelo homem e todas essas questões. Acho que principalmente nessas duas questões é o que eu acho que vão me favorecer futuramente e também a estabilidade financeira querendo ou não, porque o professor agora no momento que estamos politicamente no país não sabemos se vai ter concurso público, né? Mas se você consegue um concurso público você fica nele pra sempre. O professor merece ganhar mais? Merece. E todas as questões envolvidas e tal, mas o professor ganha um dinheirinho que é bacana e que dá pra sobreviver sabe? Então eu acho que essas questões é... eu conseguir ter uma conversa com os alunos sobre questões raciais, sobre questões étnicas, conseguir estar conversando com os alunos sobre questões da educação ambiental e conseguir formar os meus alunos para

que eles sejam cidadãos capazes de exercer sua cidadania na plenitude e uma estabilidade financeira bacana que eu consiga sobreviver de boa.

Márcia Paranhos: Que motivos lhe trouxeram para universidade?

CB11: Eu estudei em escola particular. Minha mãe ralou bastante. Minha mãe é professora do estado e ela ralou muito, muito, muito, pra que a gente, eu e meu irmão, pudéssemos ter acesso à educação particular. Ah... e na escola particular isso é muito mais forte que na escola pública, querendo ou não, infelizmente né. Mas, o foco do ensino médio é pra que você se forme, pra que você entre na universidade e se forme e trabalhe e tal. É uma... uma... exigência muito pesada em cima do aluno. Poderia ele ser um pouco mais leve, um pouco mais branda, é muito pesada, mas isso incentiva muito os alunos pra que eles estudem bastante e entrem em sala de aula. Então, minha mãe é formada em educação física, aqui pela Universidade Federal de Sergipe, e ela tem essa formação, ela foi a primeira a se formar na família dele e tal. Nessa formação dela também de poder entrar na universidade e poder viver isso também me ajudou bastante. Eu ter primos que entraram na universidade, eu ter amigos que, um pouco mais velhos que eu, que entraram na universidade e tal, então eu acho que isso tudo me influenciou pra que eu enxergasse a universidade como uma coisa boa e que ... não é necessário no. se eu quisesse eu não precisaria me formar, tem outras maneiras de exercer profissões, tem outras profissões que não precisam de universidade, mas a universidade é um lugar bacana, pela questão da vivência, pela questão do que eu já comentei das diferenças, sobre todas essas questões.

Márcia Paranhos: Você tem algum suporte emocional que te ajude a enfrentar as atividades acadêmicas?

CB11: Olhe, o suporte emocional eu não sei se cabe aqui, mas minha família, principalmente minha mãe. Toda vez que eu tenho algum problema com alguma matéria ou com alguma prova, com alguma disciplina que eu tô tendo dificuldade de entender o assunto e tal, eu sempre converso: minha mãe eu tô com dificuldade de entender isso, por causa disso, disso e disso. Ela fala: tente dessa maneira, tente assim. Mas porque você tá assim? Tem alguma coisa por trás disso. Não é por causa da matéria. Então eu acho que minha mãe principalmente ela me ajuda bastante com isso. Eu queria encontrar esse tipo de acesso com os professores daqui da universidade, mas é muito complicado. A gente entende a vida corrida deles, a gente entende que... muitos professores só disponibilizam 3 horas na semana pra atender os alunos e tal e.... eu acho que eu sinto uma falta disso também aqui na universidade sabe? Não só isso mas de sentar com o professor e falar: olhe professor eu tenho essa dificuldade, eu tô

passando por isso, tô passando por esse problema e por isso não to conseguindo compreender isso, isso e isso, como é que você pode me ajudar? Como é que eu posso desenvolver melhor na matéria e tal, então eu sinto falta disso na universidade.

Márcia Paranhos: Você consegue pensar em alguma ferramenta ou em alguma coisa que você possa fazer para mudar essa realidade?

CB11: Olhe, eu nunca parei pra pensar nisso não. De verdade agora que você me questionou..., mas não sei, de verdade, eu não sei. Eu não sei se.... não é querendo diminuir os monitores, mas eu não sei se os monitores eles têm uma carga emocional e psicológica muito bem construída muito bem desenvolvida pra atender esse tipo de problemática que os alunos possam lhe trazer. Mas, eu acho que ... não sei. Eu acho que é uma coisa que seria bacana seria colocar os professores do ensino básico, da educação básica em contato com os alunos que estão tendo dificuldades pra que posam estar ajudando e tal, não sei, poderia ser um programa de extensão bacana que poderia ser.

Márcia Paranhos: Você sente que alguma coisa lhe impede de propor coisas desse tipo?

CB11: Tenho, sim tenho, o departamento de biologia ele é um pouco fechado nos professores, então é.... a gente só foi descobrir que aluno podia assistir as reuniões do departamento, poderia estar presente nas reuniões do departamento... foi no fim do ano passado, que a gente foi descobrir isso e tipo, é uma coisa que tá no estatuto e que a gente tem acesso que a gente deve estar lá que a gente passe a nossa opinião também. Então, se a gente não tava sabendo disso não é só porque a gente não foi atrás, é porque também não foi divulgado, eu acho que tem que se debater essa problemática, não são todos os professores que são assim, são alguns que são fechados dentro do círculo dos professores e os alunos não tem acesso então acho que isso é bem complicado.

Márcia Paranhos: Vamos falar os sobre seus pontos fortes e fracos: O que te motiva a mostrar todo o seu potencial?

CB11: O que me motiva? Sinceramente, eu acho que um pouco de reconhecimento. Eu quero um pouco de reconhecimento sabe? E eu sei que esse reconhecimento não vai ser pra mim, não é uma questão de meritocracia, é uma questão de compartilhar os as minhas conquistas. Eu acho que uma dessas, uma coisa é isso. Eu acho que também é... não sei eu acho que mostrar que um jovem negro periférico pode chegar aqui e conseguir conquistar essas questões, essas coisas assim como... outras pessoas com acesso a educação melhor e todas essas questões e também por uma questão profissional minha, por que eu vou ser um profissional e eu não posso ser um profissional qualquer eu tenho que ser um profissional

bom tenho que me empenhar na faculdade então eu tenho que sim tentar ser o melhor da turma, tenho que tentar ser participativo nas turmas, e sentar pra escrever um trabalho e escrever um trabalho muito bom sabe? Que seja reconhecido pela professora. Isso tudo vai influenciar na minha vida profissional mais tarde. Eu acho que É isso.

Márcia Paranhos: Quais dificuldades te impedem de mostrar seu potencial?

CB11: Dificuldades?, eu acho que ultimamente... é... o que tem me impedido é que eu procrastino demais as coisas então isso dificulta bastante e outra questão são alguns processos psicológicos que eu tô passando agora em relação à minha sexualidade, sabe de chegar em casa e ter que todo dia arranjar coragem de contar pros meus pais e conversar com eles e depois eu desistir por não saber como eles vão reagir e várias outras questões então eu acho que ... esses dois principalmente são os que tem me dificultado a ... é isso.

Márcia Paranhos: O que você poderia fazer para mudar essa situação?

CB11: Bem o que eu queria fazer é.... era... me consultar com um psicólogo (risos) fazer terapia (risos) mas é.... eu acho que só isso não bastava porque o psicólogo não vai dar jeito nas coisas, o terapeuta não vai dar jeito. Ele só vai me ajudar a identificar os processos que ... ele me ajude nesse caminho é pra que eu consiga atingir as soluções e conseguir reverter esse quadro. Então eu acho que é eu sentar de verdade e parar e analisar todo o panorama da situação e.... conseguir ver: será que... eu tenho esse problema, será que se eu fizer isso vai resolver? Parar realmente, sentar e procurar amigos, pessoas que eu sei que já passaram por isso e tentar resolver isso.

Márcia Paranhos: O que você acredita que lhe tornaria uma pessoa/profissional melhor do que é hoje?

CB11: Não sei, eu acho que falta um pouco de incentivo do governo. A gente tá vendo que tão cortando bolsas de pibid, tão cortando vários tipos de bolsa, o departamento de biologia não tem nenhum tipo de atividade de extensão com as escolas. Eu sei que tem o emane que é do departamento de ecologia, mas o departamento de biologia ao qual eu faço parte não tem nenhum tipo de atividade de extensão, a gente não recebe incentivo da sociedade pra ser um professor. Eu tava na escola onde eu fiz estágio I agora, estágio de observação, e eu tava deitado no sofá da sala dos professores aí chegou a professora de inglês e eu me apresentei pra ela por que eu tava num espaço que era dela e eu me apresentei pra ela, disse que era estagiário, que fazia ciências biológicas e queria muito ser professor tal, tal, tal, aí ela disse: você quer ser o que? Desista dessa vida, desista dessa vida. Você não vai conseguir chegar em canto nenhum assim não. Professor não serve pra a nada. A gente é desrespeitado, a gente é

não sei o que, se um filho meu resolver ser professor eu vou encher ele de pancada até ele desistir. Eu fiquei assim: nossa, (risos) então a gente vê que dentro da nossa própria classe profissional a gente não tem. Então eu acho que são essas questões. Começando na gente sabe? Eu acho que sou eu que tenho que mostrar pra sociedade tem que mostrar pra o departamento de biologia que eu necessito de melhorias dentro da minha formação é um curso muito bom? é. é.... a grade é muito boa mas tem coisas que poderiam melhorar tem coisas que poderiam ser retiradas da nossa grade, e ser acrescentadas outras.

Márcia Paranhos: Como você se vê frente a novas experiências? Você poderia descrever um momento em que isso aconteceu em sua vida?

CB11: Eu sou uma pessoa que... eu não gosto de fases que sejam hã... como que é a palavrinha... eu não gosto da incerteza futura, realmente não sei lidar, e no momento que é uma coisa incerta, aí eu começo a passar mal e... tenho crise de ansiedade e crise de estômago e de todas as doenças... realmente não sei lidar. Eu tento sempre me abrir as novas experiências, mas quando eu me abro, a minha cabeça começa a ir a mil, começo a temer, sabe? E a ficar um pouco, não sei se eu quero e fico um pouco indeciso a essas incertezas e experiências novas. Mas, até agora os resultados tem sido bons dessas experiências novas que eu tenho enfrentado. Então, eu acho que preciso mudar isso aí, ser mais aberto. Mas eu gosto de aprender coisas novas, de encarar e vivenciar novas coisas, gosto de mudanças, mas ainda não sei lidar direito com elas (risos).

Márcia Paranhos: Em que momento de sua vida você acha que essas características surgiram? E na universidade?

CB11: Sim, recentemente, agora no início do ano, fevereiro, maio, por aí... é eu tava tendo um lance com a menina e aí chegou num momento em que a gente queria que o negocio fosse mais sério, mas aí eu não tava bem e comecei a ficar muito indeciso, muito atemorizado com o que ia acontecer, e aí eu disse que não queria por várias questões e eu não consegui ser bem explicativo pra menina.

Márcia Paranhos: Você tem algum exemplo de quando você conseguiu ser aberto a novas experiências?

CB11: Sim, eu estava em Vitória no Espírito Santo, aí eu e um amigo meu ia passando numa ponte, aí ele disse vamos pular dessa ponte? E eu respondi, você é louco, é louco, louco. Mas aí estávamos com muitos amigos, aí pulou ele e uma amiga nossa e depois eu pulei, aí isso foi uma coisa boa, porque nunca na minha vida que eu faria isso, nunca, nunca, nunca (risos). Acho que foi a coisa mais sensacional e que eu me abri de boa.

Márcia Paranhos: Como você se vê quanto à Organização? Fale mais sobre isso:

CB11: Olhe, em relação as coisas da universidade eu melhorei bastante. Hoje eu sou uma pessoa que de boa, poderia ser mais organizada? Poderia, mas hoje eu consigo fazer todas as minhas atividades acadêmicas tranquilamente. Hãh! Em relação a casa, eu acho que poderia ser mais organizado, em relação as minhas coisas sabe? Em relação a como eu organizo meus pensamentos e essas questões também, mas, num panorama geral eu diria que tô no meio, nem tão útil nem tão fútil.

Márcia Paranhos: Como você se vê quanto à responsabilidade? Fale mais sobre isso:

CB11: Eu não sei lidar (risos), porque quando a gente pega uma responsabilidade pra gente tem que dá conta disso e eu não gosto de dá conta das coisas, eu não gosto de prestar contas, porque é como se tivesse devendo alguma coisa a alguém e eu não gosto. Num sei, eu tenho esse problema, é um problema tenho que aprender a ser um pouco mais independente das pessoas e isso pra mim é uma dificuldade muito grande. E essa de responsabilidade eu tenho que tá prestando conta e tenho prazos e tenho que arcar com esses prazos e isso tudo faz um... na vida profissional é normal, mas eu não consigo lidar com isso. Irresponsável eu não sou, eu consigo arcar com os compromissos, mas eu tenho problemas no processo, mas no fim das contas sai.

Márcia Paranhos: Como é sua relação com as pessoas? Fale mais sobre isso:

CB11: Ah não, eu me dou muito bem. Eu posso não gostar da pessoa, posso ter alguns probleminhas com aquela pessoa, mas eu sempre vou tentar sabe amenizar a situação, sempre vou tentar ser aberto para a pessoa, tentar falar com ela... se eu passar e a pessoa tiver, eu vou puxar conversa... não tenho problemas de timidez, sempre sou muito aberto e consigo interagir muito bem, nos locais onde estou inserido.

Márcia Paranhos: E na universidade como você se vê frente tanto a extroversão como a responsabilidade?

CB11: Na universidade eu comecei a ser responsável de verdade foi esse período. Quando eu peguei ((nome da disciplina)) e eu vi que tive uma dificuldade maior, então acho que esse período na universidade eu comecei a ser responsável, porque eu consegui entregar tudo nos prazos. Extrovertido, desde quando entrei na universidade, sempre consegui fazer muitas amizades, conexões com as pessoas e... são conexões gostosas.

Márcia Paranhos: Como você age em grupo? Fale mais sobre isso:

CB11: Depende muito isso. Se for um grupo de pessoas que eu não conheça, eu não confio em ninguém. Por exemplo, agora mesmo eu tive um trabalho em uma disciplina, e as duas

primeiras atividades o grupo teve uma participação muito boa, mas na última atividade que era a atividade final, era pra fazer um projeto de pesquisa e eles não fizeram nada, então, e eu já estava com o pé atrás porque não conhecia. Então, quando são pessoas que não conheço, eu não confio de jeito nenhum. Não confio para fazer referência bibliográfica, porque se não fizer direito é plágio e (risos), não confio que faça referencial teórico, se a pessoa sabe escrever. Mas se for grupos com pessoas que eu já trabalhei, sei que são... dentro da academia que vai... então vai depender muito da intimidade que eu tenha com esse grupo.

Márcia Paranhos: Você considera que se relaciona bem com as pessoas?

CB11: Sim, eu sou cooperativo

Márcia Paranhos: Como você age em situações que fogem do seu controle?

CB11: Eu me desespero de verdade mesmo. Eu começo a chorar e por muitos dias eu fico sem saber o que fazer, eu fico muito aflito e na maioria das vezes eu não consigo resolver essas questões e aí.

Márcia Paranhos: Você pode citar algum exemplo?

CB11: Eu acho que teve uma vez que eu trai a minha namorada e perdi o controle e fiquei desesperado e eu não tive mais o controle da situação. Até eu acho que fui muito machista, mas... acho que foi essa situação.

Márcia Paranhos: E na universidade, alguma coisa já fugiu de seu controle?

CB11: Não, não a ponto que eu não consiga resolver.

Márcia Paranhos: O que lhe faz especial?

CB11: (risos) uma coisa que me faz especial é... eu não sei.... é... hoje eu sou muito compassivo, de verdade, uma coisa que eu trabalhei em mim e meus amigos me ajudaram a trabalhar em mim. Eles me ajudaram e cooperaram e colaboraram para isso e hoje eu consigo ser uma pessoa compassiva. Eu consigo não odiar o outro, inserir a empatia ao outro, e as pessoas sempre falam isso pra mim, dizem nossa ((nome do entrevistado)) você tem um coração tão bom. E se as pessoas identificam isso e eu também, eu acho que isso é especial em mim.

Márcia Paranhos: E o que lhe deixa inseguro?

CB11: Inseguro... a vida. Eu não sou seguro não (risos). Mas na verdade, o que me deixa inseguro é quando eu tenho problemas com alguma pessoa, sendo que eu não sei porque esse problema existe, não sei se foi eu que causei esse problema, acho que isso me deixa completamente inseguro.

Márcia Paranhos: Quais características definem melhor você?

CB11: Eu sou muito orgulhoso, sou muito ser humano, sou muito extrovertido e desenrolado em algumas questões assim. Acho que a participação na militância negra me define bastante, a minha religião – eu sou evangélico e a minha sexualidade, acho que é isso.

Márcia Paranhos: Quais situações lhe dão sensação de motivação no curso de Ciências Biológicas?

CB11: Eu acho que aqui dentro dessa universidade, uma coisa que motiva e incentiva bastante é quando a gente ver professores interessados nos alunos também e reconhecendo aquele aluno que foi bem na matéria, nas disciplinas e no laboratório. Eu ouvi minha orientadora dizer que minha monografia está indo muito bem, que eu escrevo bem e que o referencial tá bom, isso me incentiva bastante, me faz querer melhorar. Pra mim, o que conta muito é o incentivo dos docentes.

Márcia Paranhos: Você se vê uma pessoa conservadora ou inovadora?

CB11: Acho que eu sou inovador. Se você pensar que conservadorismo no brasil é ser totalmente quadrado, é você olha pra política e ver os reflexos desse conservadorismo dentro da política, eu me considero uma pessoa inovadora. Eu acho que é sempre bom sabe? A gente tentar sentar e analisar a situação e ver o que pode ser mudado e ver questões novas que vem aparecendo e ver tudo isso eu acho que....

Márcia Paranhos: Considerando quem você é e como você se sente, o que você acha que deve acontecer no curso de Biologia para que você se sinta mais motivado?

CB11: Eu acho que dar mais abertura pra os alunos fazerem coisas. Fazer coisas dentro da universidade e dentro do departamento. Eu acho que abrir oportunidade para os alunos darem minicursos darem palestras porque a gente tem sim carga de vivência profissional, a gente tá em laboratório, a gente tá em escola no estágio, tem gente que já trabalha e tem todas essas questões e tal. Eu acho que isso ajudaria bastante a gente, principalmente isso, dar mais abertura pra os alunos participarem e pedir a nossa opinião de verdade sabe? Não ficar fechado só em colegiado, só em departamento nessas questões, mas pô não são eles que tão vivendo isso aqui sabe? Eles tão passando conhecimento e essa troca de ensino aprendizagem e tal, mas os protagonistas são os alunos, então eu acho que procurar e pedir a participação dos alunos é uma coisa que eu acho bacana.

Márcia Paranhos: De quem seria a responsabilidade para criar essas mudanças?

CB11: Eu acho que tem que começar nos alunos, eu acho que tem que começar na gente. Eu acho que conseguir identificar esses problemas e a partir disso é.... disseminar esses

pensamentos e essas questões entre os alunos e depois levar isso como um pensamento único dos estudantes pra os professores. Eu acho que é isso. Por que não adianta só eu achar isso e os outros alunos não acharem e eu pedir esse tipo de atividade pra departamento e os alunos acharem ruim que tá tendo esse tipo de atividade sabe? Então tem que ser uma atitude coletiva.

Márcia Paranhos: Qual seria a sua responsabilidade nesse processo?

CB11: Eu acho que seria parar, pensar melhor, planejar algumas coisas e conversar com os alunos e tentar... e começar a incitar isso no outro sabe? Pra que essas questões sejam levantadas pra saber deles o que precisa ser melhorado pra que a gente seja mais incentivado, seja melhor motivado e eu acho que é isso.

Márcia Paranhos: O Que tem dentro de você que poderiam contribuir para essas mudanças?

CB11: O que tem dentro de mim? Eu acho que um pouco de vivência profissional, porque eu já trabalhei dando aula por um tempinho bom, então eu acho que essa vivência profissional que eu tenho, que não é vasta, não é mais é uma vivencia profissional. Foi numa escola periférica pública e tal, então isso tudo vai influenciar mais ainda. Eu acho que isso tudo ajuda sabe eu acho que é uma coisa positiva nisso, nessas questões.

Márcia Paranhos: Quais limitações você percebe em você e que prejudicaria/dificultaria/inibiria sua participação nesse processo de mudança?

CB11: Aí as vezes eu acho que é só eu que acho assim então não tem necessidade de eu compartilhar. Eu acho que isso é uma dificuldade, é uma coisa que me impede muito de me expor.

Márcia Paranhos: Quais tipos de habilidades fazem com que um aluno tenha sucesso ou fracasso no curso?

CB11: Quais tipos de habilidades? Eu acho que... primeiramente, não eu acho que igualmente. Primeiramente não! Igualmente é... o incentivo dos professores e o esforço dos aluno de querer correr atrás e de sabe, e de se esforçar pra que seja um bom profissional futuramente então eu acho que essas coisas, essas duas coisas. pode ser que em casos não aconteça isso por questões de privilégios de ... privilégios de sexo, privilégios de gênero no caso né, privilégios de etnia, de cor, privilégios de QI com o professor de quem indica, tem essas questões e isso tudo vai influenciar mas eu acho que ainda assim, pelos casos que eu vi, pelos casos que eu sei, que eu vivenciei de perto, eu acho que o que conta mais, pelo menos

aqui na minha realidade, no curso de biologia é o aluno entender que ele é capaz e que ele pode chegar lá e ele sabe trabalhar nisso, em cima disso.

Márcia Paranhos: No curso de Biologia, você vê diferença de desempenho entre cotistas e não cotistas?

CB11: Olhe, eu não vejo diferença, de verdade. De verdade mesmo. É notável que alguns alunos cotistas eles não viram alguns assuntos, eles não entendem algumas coisas, eles têm um pouco de dificuldade na escrita e todas essas questões. Não todos são assim, é uma parte que existe, que eu sei por causa que na minha turma tinham cotistas e eles eram meus amigos e eu conheci e eles me falavam isso, mas se você pegar o panorama geral, das pessoas que eu conheço eu não consigo diferenciar o desempenho dentro do curso.

Márcia Paranhos: E sobre as questões de gênero, você acha que tem diferença no desempenho?

CB11: Eu acho que as mulheres, por toda essa questão de que elas precisam, sabe? É uma merda isso, me desculpe a palavra, mas é muito ruim isso, mas, infelizmente as mulheres tem a necessidade de se auto afirmarem na sociedade e mostrar que são capazes e eu acho que elas... isso existir na sociedade faz com que eles se empenhem mais e sejam mais esforçadas que os homens no curso. Existe diferenças de notas, é notável isso, na minha turma só tinham 5 homens é.... eu era um aluno mediano, graças a Deus hoje minhas notas são melhores, mas eu era um aluno mediano, o outro menino tirava notas baixas, os outros mais ou menos e as meninas elas se destacavam mais. Não sei se por causa da diferença de número de homens e mulheres mais era muito notável, muito distintas as notas, sabe?

Márcia Paranhos: E pessoas com deficiência? Você sabe de alguém no curso que possui deficiência?

CB11: Sim, tive a oportunidade de conhecer sim, eu tive aula com, acho que até agora eu tive umas 3 aulas com um menino que ele é especial, não sei qual é a questão dele e tem outra menina, eu peguei aula esse período com uma moça que tem um tipo de atrofia dos músculos e que afetou um pouco a fala dela e a cognição dela. E apesar disso eles são alunos muito bons, eles são alunos que têm notas muito boas. Esse menino que eu peguei aula, ele em botânica era impressionante, nas matérias de botânica ele foi muito bem, muito melhor que eu, assim ó de lavada que eu sou uma pessoa comum entre aspas né, que sou visto como comum e normal dentro da sociedade então eu acho que sim.

Márcia Paranhos: Você já presenciou ou soube de algum tipo de preconceito ou discriminação de qualquer tipo no curso?

CB11: Em relação a raça, à etnia eu nunca vi, nunca presenciei, dentro do nosso curso né dentro do nosso departamento eu realmente nunca vi, existe, é claro que existe, mas é muito velado e as pessoas tem medo né falar. Em relação à alunos especiais eu também nunca vi. Eles, pelo que eu vejo, eles são muito bem tratados por todos, eles são tratados igualmente, são muito bem aceitos por todo mundo e tal. Em relação a mulheres eu já vi. Eu já vi professores sendo machistas, professores sendo misóginos e já vi professor dar nota pra aluna por que ela tem peito grande e me dar... e não me dar nota eu tendo acertado a mesma questão, e ele deu a nota pra aluna e pra mim. Então eu acho que todas as questões e eu acho que isso é um tipo de preconceito também né você dar nota pra aluna por que ela tem peito grande e tal. Então eu acho que principalmente com mulheres aqui dentro do nosso curso.

Márcia Paranhos: Você gostaria de fazer algum comentário sobre a entrevista?

CB11: Não.

Márcia Paranhos: Então, é ... mais uma vez agradeço sua participação.